



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Amarilis Maria Muscari Riani Costa**

**O significado da aposentadoria para os servidores públicos:  
o caso de uma universidade**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Gerontologia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

**SÃO PAULO  
2014**

COSTA, Amarilis Maria Muscari Riani

**O significado da aposentadoria para os servidores públicos: o caso de uma universidade** –112 p.

Dissertação (Mestrado em gerontologia) São Paulo. 2014. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

“The Meaning of Retirement for Public Employees: the case of a university”

Palavras-chave: Envelhecimento, Servidor Público, Preparação para Aposentadoria

Banca Examinadora

---

---

---

*Um tecido fiz de vida:  
fios subindo, fios descendo.  
Um tecido fiz de vida:  
fios atados, fios cortados.  
Um bordado fiz  
no tecido da vida:  
linhas grossas, linhas finas,  
cores claras, cores minhas.  
Uma vida fiz tecida,  
bordada, quase rendada,  
relevos de altos e baixos,  
formas de todo o jeito,  
que trago aqui no peito.  
E agora, trabalho pronto,  
até aquele ponto,  
que não tinha lugar,  
deu um jeito de se encaixar,  
fez textura sem par.*

Vida tecida - Rosely Stefani

Dedico este trabalho com toda minha gratidão e todo meu amor ao meu marido José Luiz, aos meus filhos Luiz Augusto, José Felipe, Hugo Leonardo, Larissa, Melissa e respectivos, e à minha netinha Alice (e aos que virão).

## AGRADECIMENTOS

Este é um ponto muito importante de minha vida. A possibilidade de concluir o Curso de Pós-Graduação – Mestrado em Gerontologia tem um significado muito especial nesta caminhada.

Assim, são muitos os agradecimentos que desejo fazer nesta oportunidade. Tantos, que, com certeza, não conseguirei expressar minha gratidão a todos que estiveram presentes em minha vida.

Entretanto, não posso deixar de agradecer a alguns em particular.

Ao meu marido, companheiro, parceiro, sempre presente, ao meu lado, junto na construção de nossa micro (mas não tão pequena) família e meu sustentáculo. Obrigada!

Aos meus filhos, sentido da minha existência, que me fazem tão feliz.

Às minhas noras e aos meus genros, que já são parte da minha vida.

À presença de minha netinha, que trouxe luz ao meu caminhar.

Aos meus pais, que, embora não estejam mais presentes neste momento, foram os responsáveis não só pela vida, mas também pelo que sou.

Aos meus irmãos, que juntamente com suas famílias, têm sido tão importantes ao longo da minha caminhada.

À grande família do meu marido, que já há um bom tempo está me acompanhando.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ruth Gelehrter da Costa Lopes, que viabilizou minha chegada a este momento.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Villas Bôas Concone e à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Suzana Carielo da Fonseca, que muito contribuíram quando de minha qualificação.

A todos os Professores das disciplinas cursadas no Mestrado, que contribuíram com maestria na minha formação.

Aos amigos do Mestrado: as disciplinas, os encontros do NEPE, as conversas, as comemorações, as brincadeiras, o apoio nas horas difíceis, fizeram deste período um dos mais intensos de minha vida.

Ao Rafael, da Secretaria da Gerontologia, e aos servidores das Secretarias da Pós-Graduação, Acadêmica e de Bolsas, pelo apoio sempre presente.

A cada um dos entrevistados e entrevistadas, que não só me abriram as portas de suas casas, como de seus corações, confiando em mim enquanto pessoa e profissional, na certeza de estarem contribuindo para a melhora da vida de seus colegas que estarão se aposentando em curto espaço de tempo.

À Direção do Instituto de Geociências e Ciências Exatas - IGCE, pela liberação parcial para cursar o Mestrado, e aos colegas da Universidade Estadual Paulista - Unesp, pelo apoio e companheirismo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da Bolsa.

A Deus, que me guiou em toda a minha caminhada.

## RESUMO

Amarilis Maria Muscari Riani Costa

O Significado da Aposentadoria para os Servidores Públicos: o caso de uma universidade

O rápido crescimento da população idosa tem provocado profundas mudanças na sociedade, exigindo respostas adequadas do Estado. Uma das consequências desse processo é o aumento do número de aposentados e do tempo médio de aposentadoria. Como o trabalho ocupa destacado espaço na organização da vida humana, a saída deste traz diversas implicações, apontando para a responsabilidade do governo e das organizações na preparação dos servidores, para que esse desligamento não seja uma experiência negativa. O objetivo do estudo é compreender o significado da aposentadoria para os servidores técnico-administrativos e docentes aposentados da Unesp (Câmpus de Rio Claro), com vistas a conhecer as mudanças promovidas pela aposentadoria na vida cotidiana dos entrevistados. A Metodologia da pesquisa foi de natureza qualitativa, com a aplicação de um questionário para caracterização da população de estudo e realização de entrevista em profundidade, técnica que explora o assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências dos informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Durante o desenvolvimento da pesquisa foi identificada a importância de registrar os dados disponíveis sobre a rede formal de suporte social do idoso no município de Rio Claro, bem como fazer uma reflexão sobre a participação da população idosa. Com base nas entrevistas e na bibliografia, foram definidas as seguintes categorias de análise: Trabalho; Momento da decisão e planejamento da aposentadoria; Aposentadoria; e Envelhecer. A análise dos dados mostrou que diferentes fatores influenciaram o momento da decisão pela aposentadoria, com destaque para preocupação com mudanças na legislação previdenciária e a necessidade de cuidar de um familiar doente. Todos os entrevistados tiveram longo tempo de trabalho na Unesp e não participaram de um processo formal de preparação para a aposentadoria. Todos consideram a vida de aposentado boa, mesmo em alguns casos em que ocorreu prejuízo financeiro. Alguns entrevistados relataram dificuldades logo após a aposentadoria, mas que ocorreu adaptação com o tempo. Os entrevistados referem a prática regular de atividade física como importante para a promoção da saúde, considerada satisfatória por quase todos. Este trabalho mostrou que o processo de aposentadoria se dá de forma diferenciada entre os trabalhadores da Unesp. Para os participantes desta pesquisa a aposentadoria significou, predominantemente, uma experiência positiva, com maior possibilidade de dedicação à família e a atividades adiadas durante a vida de trabalho. Diversos fatores de ordem pessoal, familiar, institucional, entre outros, podem modular o sentimento em relação à aposentadoria. Também foram registradas as sugestões dos entrevistados para um Programa de Preparação para a Aposentadoria da Unesp. A partir das observações e análises, são apresentadas propostas que visam contribuir no processo de implementação de ações voltadas aos servidores que se aproximam da aposentadoria.

Palavras-chave: Envelhecimento, Servidor Público, Preparação para Aposentadoria.

## **ABSTRACT**

Amarilis Maria Muscari Riani Costa

The Meaning of Retirement for Public Employees: the case of a university

The rapid growth of old population has led to profound changes in society, requiring appropriate state responses. One consequence of this process is the increasing number of retirees and the average time of retirement. As the work occupies prominent space in the organization of human life, the output of this brings several implications pointing to the responsibility of government and organizations in the preparation of the servers, so that this shutdown won't turn into a negative experience. The objective of the study is to understand the meaning of retirement for both the technical and administrative staff and retired teachers from Unesp (Campus of Rio Claro), in order to know the changes promoted by the retirement of respondents in everyday life. Methodology of the research was qualitative in nature, with the application of a form to characterize the study population and conduct precise interview, technique which explores the subject from the search for information, perceptions and experiences of informants to analyze them and present them in a structured way. During the development of the research, the importance of registering the available info about the social supporting formal net of the elderly in Rio Claro district was identified, as well as reflecting about the participation of its population. Based on the interviews and the literature, the following categories were defined: Work; Moment of decision and planning for retirement; Retirement; and Ageing. Data analysis showed that different factors influenced the timing of the retirement decision, highlighting concerns about changes in pension legislation and the need to care for a sick relative. All interviewed had long working time at Unesp did not take part in a formal process of preparation for retirement. All consider retired life good, even in some cases where financial loss occurred. Some respondents reported difficulties shortly after retirement, but that adaptation occurred over time. Respondents refer to regular physical activity as essential for health promotion, which was considered satisfactory by almost everyone. Such work showed that the process of retirement occurs in a different way among the workers at Unesp. For those who took part in this research, retirement meant, mainly, a positive experience, with major possibility of dedication to family and also postponed activities which had been set aside during all journey. Several reasons can influence the feeling towards retirement, such as personal, familiar or institucional. Suggestions of respondents for the Unesp Retirement Preparation Program were also registered. From the observations and analyzes, proposals that can contribute to the implementation of actions directed to the servers who are approaching retirement are presented too.

**Key Words:** Aging, Public Employees, Retirement Preparation

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA</b> .....	14
<b>1.1. Envelhecimento Populacional</b> .....	14
1.1.1. A Responsabilidade Social da Universidade frente ao Envelhecimento e à Aposentadoria .....	15
<b>1.2. O Mundo do Trabalho</b> .....	16
<b>1.3. Aposentadoria</b> .....	20
1.3.1. Centralidade do Trabalho e Aposentadoria .....	20
1.3.2. Programas de Preparação para a Aposentadoria .....	22
1.3.3. Redes de Apoio Social .....	24
<b>1.4. Controle Social nas Políticas Públicas para Idosos no Brasil</b> .....	26
<b>1.5. O Protagonismo da População Idosa</b> .....	29
1.5.1. Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento .....	29
1.5.2. Envelhecimento Ativo: uma Política de Saúde .....	30
1.5.3. A Participação do Idoso no âmbito da Política Nacional do Idoso .....	31
1.5.4. O Conselho do Idoso como espaço de Participação da População Idosa .....	33
<b>CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	35
<b>2.1. Local do Estudo</b> .....	35
2.1.1. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp .....	35
2.1.2. UNESP – Câmpus de Rio Claro .....	36
<b>2.2. Opções de Pesquisa</b> .....	38
2.2.1. Instrumentos de Coleta dos Dados durante a Entrevista .....	38
2.2.2. Análise .....	40
2.2.3. Sujeitos da Pesquisa .....	41
2.2.4. Aspectos Éticos .....	41
<b>CAPÍTULO 3 – RIO CLARO E A POPULAÇÃO IDOSA</b> .....	42
<b>3.1. Caracterização do Município</b> .....	42
<b>3.2. A Rede Formal de Suporte Social do Idoso no Município</b> .....	44
3.2.1. A Coordenação da Política Municipal do Idoso em Rio Claro .....	44
3.2.2. Ações e Serviços Voltados ao Idoso nas Políticas Setoriais .....	46
3.2.3. Atividades da Unesp Voltadas à População Idosa .....	48
3.2.4. Atividades Desenvolvidas por Entidades Não Governamentais .....	49
<b>3.3. Participação da População Idosa na Política Municipal do Idoso</b> .....	51

<b>CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO</b> .....	55
<b>4.1. Categorias de Análise</b> .....	55
4.1.1. Trabalho .....	55
4.1.1.1. <i>A trajetória até chegar na Unesp</i> .....	57
4.1.1.2. <i>O Trabalho na Unesp</i> .....	60
4.1.2. Momento da Decisão e Planejamento da Aposentadoria .....	65
4.1.3. Aposentadoria .....	71
4.1.3.1. <i>Referências ao trabalho depois da aposentadoria, com vínculo ou voluntário, e à satisfação ou não com a vida de aposentado</i> .....	72
4.1.3.2. <i>Participação nas atividades oferecidas pelo município</i> .....	79
4.1.3.3. <i>Referências sobre o que mais gosta de fazer</i> .....	81
4.1.3.4. <i>Viagens</i> .....	83
4.1.3.5. <i>Religiosidade</i> .....	85
4.1.3.6. <i>Saúde e hábitos</i> .....	86
4.1.3.7. <i>Atividade física</i> .....	91
4.1.3.8. <i>Amigos</i> .....	95
4.1.3.9. <i>Cuidar de alguém</i> .....	96
4.1.4. Envelhecer .....	98
<b>4.2. Programa de Preparação para a Aposentadoria: participação e sugestões</b> .....	102
4.2.1. Participação em um PPA .....	102
4.2.2. Sugestões dos Entrevistados para o PPA da Unesp .....	104
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	111
<b>6. BIBLIOGRAFIA</b> .....	116
<b>7. APÊNDICES</b> .....	122
<b>7.1. Apêndice 1: Questionário para Caracterização dos Entrevistados</b> .....	123
<b>7.2. Apêndice 2: Roteiro da Entrevista</b> .....	124
<b>7.3. Apêndice 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	126
<b>8. ANEXO: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP-PUC/SP</b> .....	127

## TABELA

<b>Tabela 1 - Caracterização da população de estudo (servidores técnico-administrativos e docentes entrevistados) Unesp/Câmpus Rio Claro</b> .....	56
--	----

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

AAFC - Associação dos Aposentados da Fundação CESP  
ABRAPP - Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar  
Afaban - Associação dos Funcionários Aposentados do Banespa  
ARAPS - Associação dos Aposentados da Previdência Social  
ASFABI - Associação dos Funcionários da Unesp Rio Claro  
BPC - Benefício de Prestação Continuada  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CEA - Centro de Estudos Ambientais  
CMI - Conselho Municipal do Idoso  
CNDPI - Conferências Nacionais dos Direitos da Pessoa Idosa  
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa  
COMAI - Conselho Municipal do Aposentado e do Idoso  
CRAS - Centros de Referência de Assistência Social  
CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social  
DANT - Doenças e Agravos Não Transmissíveis  
GPSi - Grupo de Protagonismo Social do Idoso  
IB - Instituto de Biociências  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IGCE - Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
ILPI - Instituições de Longa Permanência para Idosos  
INSS - Instituto Nacional do Seguro Social  
NAFES - Núcleo de Atividade Física Esporte e Saúde da Unesp  
Nead - Núcleo de Ensino a Distância  
OIT - Organização Internacional do Trabalho  
OMS - Organização Mundial de Saúde  
ONU - Organização das Nações Unidas  
PMI - Política Municipal do Idoso  
PNI - Política Nacional do Idoso  
PPA - Programa de Preparação para a Aposentadoria  
PROFIT - Programa de Atividade Física para a Terceira Idade  
PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
RDIDP - Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa  
SEDH - Secretaria Especial dos Direitos Humanos  
SUS – Sistema Único de Saúde  
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
UFA - União dos Ferroviários Aposentados  
Unesp - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Unesp-Unati - Universidade Aberta à Terceira Idade da Unesp  
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas  
USP - Universidade de São Paulo

## INTRODUÇÃO

O interesse em investigar o tema “O Significado da Aposentadoria para os Servidores Públicos” surgiu da experiência profissional e de observações e leituras realizadas ao longo do processo de formação acadêmica, sobre a conjuntura atual e as mudanças em curso, com seus reflexos nas políticas públicas, tanto no que se refere à classe trabalhadora, quanto à população em geral.

Desde meu Curso de Graduação em Serviço Social, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCC, sempre tive grande interesse pelas questões relativas à classe trabalhadora, mas foi no Curso de Especialização em Política Social, na Universidade de Brasília – UnB, que me dediquei mais ao tema, durante a elaboração de minha monografia que teve como título “Legislação Trabalhista no Brasil: Controvérsias e Perspectivas”.

A preocupação com as questões relacionadas à classe trabalhadora continuou durante o Mestrado em Serviço Social, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Câmpus de Franca, onde tentei desenvolver uma pesquisa sobre “A atuação dos sindicatos de trabalhadores nas lutas sociais”. Infelizmente, precisei interromper a pós-graduação, mas meu interesse se manteve, pois trabalhava, como faço até hoje, no serviço de saúde voltado aos servidores da Unesp, no Câmpus de Rio Claro.

Foi o convívio com os servidores, especialmente com o sofrimento que alguns referiam no processo de aposentadoria, que o tema ganhou maior clareza. Assim, em 2001, apresentei um trabalho no III Seminário UNESP-UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade da Unesp), intitulado “A Unesp aberta à sua própria Terceira Idade”, que propunha a implantação de ações voltadas à população trabalhadora que envelhecia, incluindo a preparação para a aposentadoria (COSTA, 2001).

Desde então, mesmo com a grande demanda das áreas em que atuo no âmbito da universidade (saúde do trabalhador e programa de apoio aos estudantes), tenho buscado uma aproximação com a preparação para a aposentadoria, por meio de diferentes atividades, como: apresentação de painéis e temas livres (COSTA; COSTA, 2009; COSTA; COSTA, 2011), palestras e coordenação de oficinas em congressos e outros eventos; coordenação do Ciclo de Palestras sobre Preparação para Aposentadoria na Unesp, publicação de artigo científico (COSTA; COSTA, 2011); publicação de capítulo de livro (COSTA et al., 2012); publicação de artigos em jornal (COSTA, 2012; COSTA, 2013) e apresentação de trabalhos em congressos.

Assim, a apresentação de um Projeto de Pesquisa com esta temática junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia foi o amadurecimento de um compromisso e um passo importante nesta trajetória.

O contato com a bibliografia ao longo deste processo tem demonstrado o impacto da aposentadoria na vida dos trabalhadores. Para Bressan (2011),

“a saída do mundo do trabalho na aposentadoria traz diversas implicações para os sujeitos e aponta para a responsabilidade social do governo e das organizações de trabalho, no sentido de apontar a preparação dos servidores para que esse desligamento não se torne experiência negativa para eles, visto que o trabalho e a aposentadoria podem apresentar sentidos e significados diferentes para os envolvidos” (p. 43).

Nesse cenário, é necessário refletir a respeito da importância de um programa efetivo de preparação para a aposentadoria que acompanhe o servidor durante sua carreira na instituição, para abrir outras perspectivas além do trabalho e, conseqüentemente, preparar essa pessoa para o desligamento. A análise do sentido e significado do trabalho para o indivíduo se apresentou como importante indicador para a abordagem da temática “trabalho versus aposentadoria”.

Bressan et al. (2012) lembram que, apesar da aposentadoria ter significado relativamente semelhante nas sociedades ocidentais, este significado pode apresentar diferenças regionais dentro de um mesmo país, ou mesmo em uma determinada organização, em função das diferentes atividades realizadas. Dessa forma, é preciso considerar a necessidade de alternativas de serviços de suporte social. Os autores também fazem uma reflexão importante: as divisões próprias da aposentadoria (por idade, por tempo de serviço, por invalidez, por acidente de trabalho, aposentadoria especial), acrescidas ao fato que todas essas modalidades são vivenciadas por indivíduos diferentes, tendo cada um suas especificidades, tornam ainda mais difícil que se tenha um único olhar (BRESSAN et al., 2012).

No setor público, existem aspectos específicos no que se refere às regras trabalhistas e previdenciárias, como a estabilidade no trabalho e a possibilidade de proventos integrais na aposentadoria, que tendem a fazer com que o servidor permaneça trabalhando no mesmo órgão ou setor por muitos anos, geralmente até chegar o final da vida laboral. Além disso, com as mudanças nas regras da aposentadoria no setor público que vêm ocorrendo nas últimas décadas, tem se tornado cada vez mais frequente o envelhecimento no trabalho.

Por ser um fenômeno emergente, ainda não se tem conhecimento acumulado sobre as atitudes dos trabalhadores e das organizações de trabalho frente à aposentadoria. Pesquisas

que possam aprofundar o conhecimento das atitudes, mitos, preconceitos, impactos e principais fatores que podem influenciar a qualidade de vida dos trabalhadores na fase de transição para aposentadoria, poderão auxiliar na formulação de políticas e ações governamentais e não governamentais, contribuindo para o bem-estar dos aposentados e de suas famílias (BRESSAN et al., 2012). Faz-se necessário que se promova o entendimento do contexto em que nossa população envelhece, ou seja, que sejam realizados mais estudos sobre a nossa realidade, para que as soluções propostas sejam mais adequadas (KALACHE, 2012).

Nesse sentido, o estudo aqui proposto objetiva compreender o significado da aposentadoria para os servidores técnico-administrativos e docentes aposentados da Unesp (Câmpus de Rio Claro), com vistas a conhecer as mudanças promovidas pela aposentadoria na vida cotidiana dos entrevistados.

Além desta Introdução, este trabalho constitui-se de mais quatro Capítulos.

No Capítulo 1 “Contextualização do Tema”, com dados obtidos na revisão da literatura, são feitas considerações teóricas gerais sobre o Envelhecimento Populacional; o Mundo do Trabalho; a Centralidade do Trabalho; a Aposentadoria; os Programas de Preparação para a Aposentadoria; as Redes de Apoio Social; o Controle Social nas Políticas Públicas para Idosos no Brasil e o Protagonismo da População Idosa.

O Capítulo 2 “Procedimentos Metodológicos” traz uma breve caracterização do local de estudo, a Unesp, particularmente o Câmpus de Rio Claro. Na sequência, são tecidos comentários sobre a opção pela pesquisa qualitativa e apresentados os instrumentos de coleta de dados.

No Capítulo 3 “O Município de Rio Claro e a População Idosa”, após uma breve caracterização do município, são descritos os componentes da Rede Formal de Suporte Social do Idoso e a participação dos idosos na conquista e preservação de seus direitos.

No Capítulo 4 “Análise e Discussão” são apresentados os dados obtidos por meio das entrevistas com servidores técnico-administrativos e docentes da Unesp/Câmpus de Rio Claro, segundo as seguintes categorias de análise: Trabalho; Momento da decisão e planejamento da aposentadoria; Aposentadoria; e Envelhecer. Também foram registradas as sugestões dos entrevistados para um Programa de Preparação para a Aposentadoria da Unesp.

Nas Considerações Finais, com base nessas observações e análises, são apresentadas propostas de ações voltadas aos servidores que se aproximam da aposentadoria, incluindo a implantação do Programa de Preparação para a Aposentadoria - PPA na instituição, bem como em outros órgãos públicos interessados.

## CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

### 1.1 Envelhecimento Populacional

O Estado e a sociedade brasileiros, ainda despreparados, assistem a um processo de envelhecimento da população com tal velocidade que há poucos casos semelhantes no mundo (COSTA, 2002; KALACHE, 2012). Este processo, além de rápido, vem se dando num contexto de outros problemas sociais, como a pobreza e a exclusão social que, apesar dos avanços recentes, ainda não estão plenamente resolvidos.

Em 1960, a população idosa, no Brasil, era de cerca de três milhões e, segundo os dados do censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010, o número de idosos passou para 22 milhões, representando 11,3% da população brasileira, com a expectativa de vida de 73,5 anos (IBGE, 2010). Ou seja, em apenas 50 anos houve um aumento de mais de 700% e a estimativa é de que, em 2050, a população de idosos no Brasil seja de 64 milhões, a quinta mais velha do mundo (FRANÇA, 2012).

Há políticas voltadas para o segmento idoso. No entanto, tendo em vista as diferentes maneiras de se envelhecer, há que se considerar as demandas específicas, promovendo a igualdade de acesso à justiça social. Assim, estas políticas devem atender o princípio da equidade, que orienta a tratar diferentemente os desiguais para que tenham acesso igual ao direito (CAMARANO; PASINATO, 2004; COSTA et al., 2012).

Além disso, as ações voltadas à população idosa devem ter uma abordagem integrada das diversas políticas setoriais, como saúde, assistência social, previdência, educação, esporte e lazer, obedecendo ao princípio da intersetorialidade, importante componente das políticas públicas, mas essencial quando o foco é esta faixa etária.

Reconhecendo que nenhuma disciplina esgota em si mesma todas as possibilidades de interpretação dos fenômenos da vida humana e social, um aspecto importante na construção do conhecimento em Gerontologia e na formulação de políticas públicas voltadas à população idosa é a interdisciplinaridade, para a superação da visão fragmentada do conhecimento, incluindo o trabalho em equipe e o controle social nesse processo, desde o diagnóstico até a intervenção e a avaliação.

Embora aspectos pontuais relativos aos direitos dos idosos estejam contemplados na legislação brasileira desde o Império<sup>1</sup> (FILIZZOLA, 1966), foi durante os trabalhos da

---

<sup>1</sup> Em 1865, foi promulgada a Lei dos Sexagenários, que “libertou” os escravos mais idosos e, na década de 1870, foi criado o primeiro “Asilo de Mendicidade”, atribuindo ao Estado a responsabilidade de “defender, socorrer, proteger e amparar a velhice mendicante” (FILIZZOLA, 1966, p.214).

Assembleia Nacional Constituinte que se consolidaram as bases de uma legislação abrangente de proteção da população idosa, fruto de uma intensa mobilização de associações profissionais ligadas à gerontologia e de organizações dos próprios idosos e aposentados. Os direitos garantidos na Constituição Federal de 1988 foram aprofundados em outras legislações nas três esferas de gestão, mas grande parte da efetivação destes direitos se dá na esfera municipal, como será detalhado mais a frente.

Como as pessoas estão vivendo mais, o número de aposentados vem se tornando cada vez maior. Estudos das Nações Unidas mostram que, em 2007, havia, para cada idoso, 12 pessoas na idade economicamente produtiva (de 15 a 62 anos). A previsão é de que essa proporção, em menos de 50 anos, seja de três para cada pessoa aposentada. “Neste sentido, o desafio de manter os padrões de saúde e independência dessa população será cada vez maior” (BRESSAN et al., 2012, p.200). Este tema é especialmente importante neste estudo, levando em conta o setor no qual a pesquisadora está inserida profissionalmente: uma Seção Técnica de Saúde.

#### 1.1.1. A Responsabilidade Social da Universidade frente ao Envelhecimento e à Aposentadoria

Como se pretende, com este estudo, contribuir na implementação de ações voltadas à preparação para a aposentadoria na universidade estudada, julga-se pertinente a discussão sobre a responsabilidade da universidade em relação a esta temática, tanto em relação aos seus próprios servidores, quanto no que se refere aos demais trabalhadores de instituições públicas e privadas.

Entende-se que a universidade, inserida em uma realidade sociocultural, deve colaborar na busca de respostas para a solução dos diferentes problemas encontrados. Assim, para cumprir sua responsabilidade de promover, gerar e difundir conhecimentos, a universidade deve estabelecer uma estreita relação com a comunidade onde está inserida, incluindo a comunidade interna. Para Novo e Fôlha (2010), a responsabilidade social da universidade significa, também, preocupar-se com os servidores e com o ambiente.

A universidade tem o dever de aplicar o conhecimento que produz sobre o processo de envelhecimento em benefício de seus próprios trabalhadores, com ações que evitem que o trabalhador adoença ou sofra, nos mais diferentes locais de trabalho, promovendo o respeito às alterações próprias do processo de envelhecimento e preparando seus trabalhadores para a vida no pós-trabalho.

No caso da qualidade de vida no trabalho, por exemplo, deve ir além do cumprimento das obrigações trabalhistas, contribuindo para que seus trabalhadores, “ao chegarem no momento da aposentadoria, possam desfrutar deste período com o prazer e a alegria merecidos após tantos anos de dedicação ao trabalho na instituição” (Novo; Fôlha, 2010, p.6).

A universidade tem uma contribuição importante a dar na compreensão do processo de envelhecimento da sociedade e na formulação de propostas para o enfrentamento dos problemas identificados, pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Assim, a implantação de Programas de Preparação para a Aposentadoria nas universidades tem um papel relevante a desempenhar, tanto na produção de conhecimento quanto na prestação de serviços à comunidade, ao incluir trabalhadores de órgãos públicos e instituições privadas existentes nos municípios da região onde está localizada. Nesse sentido, a universidade estará cumprindo o seu papel social nesta área.

## 1.2. O Mundo do Trabalho

Sendo socialmente construído, o significado do trabalho tem variado ao longo da história humana, refletindo o cenário do sistema produtivo, desde quando o homem utilizava ferramentas rudimentares para conseguir o necessário para a sua sobrevivência, até os dias de hoje (CERQUEIRA, 2012).

Etimologicamente, a palavra trabalho tem origem no termo latim *tripalium* (três paus), um dispositivo empregado na imobilização de animais que seriam ferrados (LALLEMENT, 2007, p. 45, apud ROESLER, 2012). Em outros escritos, como por exemplo, o de Rossato (2001), *tripalium* aparece como um instrumento de tortura ao qual eram amarrados os presos e condenados. Daí a suposta ligação de trabalho com tortura, castigo, sofrimento e dor, ao nível do senso comum.

O trabalho é uma ação tipicamente humana. Diferentemente dos outros animais, o homem atua ativamente sobre o meio, por meio de seu trabalho, para obter os recursos de que necessita. Assim, o homem primitivo, para ter acesso ao alimento para sua sobrevivência, realizava um trabalho de coleta, caça ou pesca. Os instrumentos de trabalho utilizados eram muito rudimentares: as primeiras ferramentas constituíam-se basicamente de pedras, espinhos e pedaços de lascas de árvores.

O trabalho do homem primitivo, que vivia nas primeiras comunidades tribais, se dava de forma coletiva. As tarefas eram divididas por sexo ou idade – a chamada divisão natural do trabalho. Este primeiro modo de produção estava organizado em relações de igualdade. Cada um desenvolvia uma atividade voltada para o bem de todos. As relações de trabalho se davam

/de uma forma simples, de acordo com as necessidades, e eram poucas as alternativas de trabalho. O homem trabalhava para conseguir o que consumia e o produto era dividido entre todos os membros que compunham a comunidade.

Como ressalta Cerqueira (2012), “neste período da história humana o trabalho (...) proporcionava ao homem a condição de agente da história humana”. O homem “via no produto do seu trabalho os reflexos da sua ação. Assim, o trabalho era central no desenvolvimento humano e na construção identitária dos indivíduos” (pág. 88).

Com o aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho, como a produção de lanças e machados em pedra, bronze ou ferro, o homem passou a dominar a natureza. Desta forma, não precisava mais deslocar-se para conseguir alimento. Percebeu que podia produzir mais do que necessitava para seu consumo imediato e a produção excedente passou a ser trocada pelas coisas que lhe faltavam – o “escambo”. O homem torna-se sedentário e produtor (CERQUEIRA, 2012).

Surgem especializações em diversas atividades, como a pecuária, a agricultura e o pastoreio, aparecendo uma nova forma de divisão do trabalho. Mais tarde, com o aperfeiçoamento do trabalho com os metais, aparecem os ofícios, que vão produzir os instrumentos ou armas em metal. Surgem novos ofícios, como o tecelão ou o oleiro, que se separam dos ofícios da agricultura e de pastoreio, modificando ainda mais a divisão do trabalho. Com o tempo, alguns clãs mostram-se mais produtivos e com mais recursos de luta, dominando outros, que se tornavam seus escravos (CERQUEIRA, 2012).

Com o escravismo, o trabalho passa a ter um novo significado social: de instrumento de desenvolvimento humano torna-se instrumento de exploração e sofrimento. O trabalho não tem mais o papel de contribuir na “formação identitária de todos os indivíduos, mas sim de apenas de uma parcela deles”. A produção do escravo é destinada a terceiros e nem o próprio escravo se pertence (CERQUEIRA, 2012, p.88). Mas, este modo de produção perdeu força e legitimidade, tornando-se inviável, tanto econômica quanto socialmente.

Com o avanço do trabalho no campo, aparece uma nova ordem social – o feudalismo. No regime de trabalho feudal, os “servos” trabalhavam nas terras que pertenciam ao “senhor feudal”. Os senhores feudais, para estimular os camponeses a produzirem mais, concediam-lhes uma pequena parcela da propriedade agrária. No entanto, não era o pequeno pedaço de terra que pertencia aos camponeses, mas sim os camponeses é que pertenciam à pequena propriedade, pois, quando o feudo era vendido, os servos estavam incluídos no negócio (CERQUEIRA, 2012).

No regime de trabalho feudal, os meios de produção ficavam sob responsabilidade dos camponeses, que podiam utilizá-los para o cultivo de “seu” pequeno pedaço de terra, desde que pagassem os tributos. Neste período, foram desenvolvidas novas técnicas de produção agrícola e aperfeiçoados diversos instrumentos de trabalho (CERQUEIRA, 2012).

O significado social do trabalho no feudalismo era permeado por uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que prendia os camponeses a condição servil, os legitimava enquanto uma classe específica, antagônica à dos senhores feudais, abrindo a possibilidade de rebelar-se contra essa situação.

Além da luta dos servos contra seus senhores, outras causas levaram à queda do feudalismo, com destaque para o desenvolvimento do comércio. Inicialmente, o mercador comercializava o que era produzido nos feudos, além dos produtos elaborados pelos artesãos. Posteriormente, também passaram a comercializar as especiarias que vinham de mercados internacionais, devido ao surgimento de novas rotas marítimas (CERQUEIRA, 2012).

Com a extinção de alguns feudos e a concentração de outros, houve uma migração dos camponeses para as cidades, o que provocou, inclusive, o aumento da demanda por produtos. Os mercadores (burgueses comerciantes) passaram a assalariar os artesãos e os ex-servos, fornecendo-lhes matéria-prima e meios de produção para que produzissem. Desta forma, os burgueses, além da comercialização, passaram a financiar a produção (CERQUEIRA, 2012).

Surge, então, o mercantilismo, que foi um período em que ocorreu a “transição do modo de produção feudal para o modo de produção capitalista” (CERQUEIRA, 2012, p.89). Nesta fase, apareceram as manufaturas, que eram estabelecimentos apropriados em que os artesãos e os ex-camponeses produziam de forma sistematizada, deixando de “fabricar sob encomenda” e passando a “produzir em quantidade” (CERQUEIRA, 2012, p. 89).

Antes das manufaturas, os meios de produção ficavam sob a responsabilidade do artesão e do camponês, que tinham o domínio do processo de trabalho, exercido junto com suas famílias. Neste momento, se dá a separação do trabalhador dos meios de produção, ocorrendo, segundo Netto e Braz (2009), p. 80, citados por Cerqueira (2012) uma “divisão social do trabalho”, que recebe diferentes denominações: divisão parcelar ou pormenorizada do trabalho, divisão manufatureira do trabalho ou divisão técnica do trabalho. Ocorre, também, a “divisão sexual do trabalho”, pois, os homens vão trabalhar em locais próprios para a produção, com a responsabilidade de sustentar a família, e as mulheres passam a ser responsáveis pelas atividades domésticas e pela educação dos filhos (CERQUEIRA, 2012). Neste período, o dinheiro obtido com a venda de mercadorias era usado para comprar outras

mercadorias: “o dinheiro não era fim, mas meio”, “não existia a ideia da mais valia” (CERQUEIRA, 2012, p. 89).

Entretanto, começa-se a perceber que horas trabalhadas geram riquezas. Então, a ideia de tempo para descanso e para dedicar-se a orações e cultos como algo bom, foi sendo substituída pela valorização de se usar o tempo para gerar dinheiro. Sabe-se das outras implicações no debate sobre o Estado laico. No entanto, não é este o objeto desta pesquisa.

Com o capitalismo industrial, o tempo usado pelo trabalhador para produzir passou a ser controlado pelo proprietário dos meios de produção, tendo como objetivo produzir mais em menos tempo e recebendo o mesmo salário. Desta forma, o excedente do que é produzido vai garantir a acumulação capitalista. Com o aparecimento e o desenvolvimento das máquinas, o processo de acumulação se consolidou (CERQUEIRA, 2012).

Na teoria marxista, o trabalho na sociedade capitalista produz, ao mesmo tempo, mercadorias e o operário é visto como mercadoria. Ao transformar-se em mercadoria apropriada pelo capitalista, a capacidade produtiva do trabalhador torna-se fonte de alienação para o trabalhador, que não reconhece mais o produto do seu trabalho e que se torna estranho a ele. O trabalhador passa a ser dependente das condições que lhe são impostas pelo modo de produção capitalista para produzir seu meio de subsistência, sem se dar conta de que reproduz, concomitantemente, “as condições de sobrevivência do sistema produtivo que o aprisiona e o explora” e que “determina o seu modo de vida e suas relações sociais” (CERQUEIRA, 2012, p. 90).

Contudo, se por um lado o trabalho na sociedade capitalista se torna um mecanismo de alienação e exploração, por outro lado é o mantenedor da vida, instrumento de transformação da natureza e da sociedade, mediador das relações sociais e fundamental para a construção da identidade social e da afirmação da autoestima dos indivíduos. Por tudo isso, e por ser a fonte responsável por prover a subsistência do trabalhador e de sua família, o trabalho tende a ser o protagonista no cenário da vida das pessoas, determinando aos outros, papel secundário (CERQUEIRA, 2012).

O trabalho pode ser entendido como todo esforço, físico ou psíquico, do ser humano que, intervindo na natureza, produz um resultado (MARX, 1983; ALBORNOZ, 1992; BORDENAVE, 1999; CHRISOSTOMO, 2009; ZANELLI; et al., 2010; ROESLER, 2012). Destaca-se o caráter processual do trabalho nesta relação homem-natureza, em que o homem, por meio do trabalho, põe em movimento as forças naturais que pertencem à sua corporeidade, relacionando-se com o ambiente por meio de seu corpo, por sua ação, com a finalidade de apropriar-se da matéria natural de uma forma que seja útil à sua própria vida, à

sua sobrevivência. O trabalho está associado à transformação da natureza em produtos ou serviços. Assim, o trabalho é processo, ação e obra concluída. Por meio do trabalho o homem atua sobre a natureza, transformando-a e, ao mesmo tempo, transformando sua própria natureza.

Na sociedade contemporânea, o trabalho é o principal ordenador da vida: regras, horários, atividades e interações sociais organizam-se de acordo às exigências impostas pelas tarefas.

“Em razão da importância da presença física e psicossocial do trabalho na vida das pessoas, ao perderem o emprego, muitas ficam desorientadas, deprimidas, desestruturam-se emocionalmente, sentem-se inúteis e com a percepção, aliada a sentimentos, de que não têm contribuições úteis que possam dar” (ZANELLI et al., 2010, p.23).

Em função disso, pode-se dividir a vida de uma pessoa em três grandes etapas: a de preparação para o trabalho, com um papel destacado da família e da estrutura de ensino; a etapa do trabalho propriamente dito, que ocupa parte significativa de cada dia, durando geralmente cerca de 30 ou 35 anos; e a etapa do pós-trabalho, a aposentadoria, que, com os avanços da medicina e a melhoria da qualidade de vida, vem aumentando, podendo representar mais de 30 anos.

### **1.3. Aposentadoria**

Os significados conferidos ao trabalho e à aposentadoria são permeados pela lógica produzida pelo sistema capitalista, no qual o indivíduo é valorizado enquanto produz segundo as relações capitalistas de produção. Em muitos casos, a aposentadoria é vista como uma situação em que o indivíduo se sente desvalorizado por não mais ser participante da população ativa e de estar assim se tornando velho e improdutivo. Nesse contexto, o fato do aposentado “depende” da sociedade, implanta no imaginário social o estigma da inatividade, que passa a acompanhar os demais momentos da vida após a aposentadoria.

#### **1.3.1. Centralidade do Trabalho e Aposentadoria**

Segundo definição do dicionário, Aposentadoria pode ser definida como o “ato de aposentar; estado do empregado ou funcionário (civil ou militar) que, tendo atingido certa idade, certo tempo de serviço ou por motivo de saúde, é posto em inatividade (grifo nosso) e passa a receber uma pensão; reforma (para militares)” (Dicionário do Aurélio Online).

Ainda segundo o dicionário, “inativo” significa “que não tem atividade; inerte: ficar inativo. / Paralisado, paralítico: está com uma perna inativa. / Reformado ou aposentado (falando-se de militares, empregados ou funcionários). / Bras. Servidor público aposentado (grifo nosso), reformado, que está na inatividade” (Dicionário do Aurélio Online)

Assim, etimologicamente, e no senso comum, a aposentadoria está associada à ideia de alguém que se retira da vida pública, que se recolhe aos seus aposentos, ao espaço privado da sua habitação, ao lugar do não-trabalho. Mas também, em outra perspectiva, tem-se a ideia da aposentadoria como um prêmio, um reconhecimento pela dedicação ao trabalho realizado durante um longo período. É quando o trabalhador está dispensado das rotinas diárias, está “legalmente liberado de um compromisso formal” (ROESLER, 2012, p. 69).

Para Erbolato (2002), a aposentadoria é considerada um evento normativo da velhice, podendo representar um marco para seu início. Para a autora, a perda do papel profissional e o afastamento dos relacionamentos ligados ao contexto ocupacional são frequentemente associados a prováveis consequências estressantes.

Levando-se em consideração a centralidade do trabalho e a sua influência na constituição psíquica das pessoas, pode-se imaginar as consequências da aposentadoria na vida dos trabalhadores, considerando-se que a aposentadoria é o momento que se deixa de trabalhar cotidianamente, não se tem mais horários pré-fixados (BITTENCOURT et al., 2011).

Embora a aposentadoria, muitas vezes seja vista como algo que representa a libertação de horários e da rotina, muitos trabalhadores, ao se depararem com a realidade, não sabem o que fazer com o tempo livre (NOVO; FÔLHA, 2010).

Ao longo dos anos de trabalho, são criados vínculos e desenvolvidos afetos, que podem tornar maiores as dificuldades do rompimento. Desta forma, “é importante que se possa compreender e orientar essas mudanças de maneira positiva”, para que “possam ser superados os receios de se construir uma aposentadoria digna” (NOVO; FÔLHA, 2010, p.4).

Como lembra Caldas (2012, p.75),

“para algumas pessoas, a aposentadoria pode representar o ingresso em um grupo de inativos para os quais a vida carece de significado. Mas, para outras, pode ser a possibilidade de realização de novos projetos de vida. Pode ser a oportunidade para se dedicar a uma atividade intelectual, desportiva ou social, postergada por uma intensa vida de trabalho. O fato é que somos nós que atribuímos o significado que essa fase da vida terá”.

O período da aposentadoria deve ser entendido como um processo de longo prazo, que se inicia muito antes da pessoa deixar a relação formal de trabalho e se estende até um tempo

depois desse momento (FRANÇA; VAUGHAN, 2008). Esse período pode ser visto como positivo para os que estão preparados, mas pode representar uma fase de incertezas, e, assim, uma visão negativa do que poderá acontecer (BITENCOURT et al., 2011).

Tem sido destacada a importância das primeiras vivências da aposentadoria na “desmistificação de preconceitos e viabilização de ações” que possam dar suporte às mudanças sociais que ocorrem nesse período (VASQUES-MENEZES, 2012, p.187).

Não se pode esquecer que essa fase de transição pode ser diferente de uma pessoa para outra, “na forma que acontece e nas consequências que apresenta, pois essas podem variar de acordo com o passado do aposentado, suas condições de saúde prévias ao processo e as circunstâncias envolvendo a aposentadoria em si” (BITENCOURT et al., 2001, p.34).

Porém, a busca das condições e variáveis de um envelhecimento bem-sucedido, que tenha qualidade de vida, incluindo aspectos físicos, psicológicos e sociais, não é apenas uma questão ou um ideal pessoal e social. Trata-se, também, de um desafio para a ciência e para a sociedade (NERI, 1993).

Outro aspecto importante a ser considerado é a qualidade de vida na velhice, devendo-se reconhecer que, para a promoção da boa qualidade de vida na idade madura, é preciso ir além dos limites da responsabilidade pessoal. Para Neri (2001), qualidade de vida na velhice envolve aspectos socioculturais, incluindo os biológicos, psicológicos e sociais, na interação entre pessoas que vivenciam processos de mudança, em uma sociedade em mudanças.

Assim, a avaliação da qualidade de vida na velhice implica abordar múltiplos critérios, envolvendo determinantes ou indicadores relacionados a longevidade; saúde biológica; saúde mental; satisfação; controle cognitivo; competência social; produtividade; atividade; eficácia cognitiva; status social; renda; continuidade de papéis familiares e ocupacionais; e continuidade de relações informais em grupos primários (principalmente rede de amigos). (NERI, 1993). Avaliar qualidade de vida envolve a comparação entre as condições disponíveis e as desejáveis (NERI, 2001).

### 1.3.2. Programas de Preparação para a Aposentadoria

No Brasil, a aposentadoria é ainda uma questão recente. No início da década de 1920, assim como na Europa e nos Estados Unidos, a classe operária comandou uma luta pela proteção dos trabalhadores mais idosos. Naquela época, as pessoas viviam muito pouco depois que se aposentavam e, assim, a preocupação maior era o apoio financeiro dos mais velhos (FRANÇA, 2012).

França (2012), baseando-se em diversos pesquisadores, ressalta que é mais comum o estresse na fase que antecede a aposentadoria e na imediatamente após a aposentadoria. A autora afirma que os aposentados podem, principalmente, viver um período de maior bem-estar após dois anos de transição, sendo importante investigar os aspectos que poderiam garantir o bem-estar nesta nova etapa de vida.

Segundo Butler (2002, apud FRANÇA, 2012), são cinco os aspectos correlacionados ao bem-estar no envelhecimento:

“O primeiro é financeiro, seguido dos relacionamentos sociais (amizade e sistema de apoio social); intimidade (relacionamento próximo e íntimo com pessoas que se preocupem umas com as outras); físico (dieta e exercício) e um senso de propósito. No senso de propósito estão inseridas a segunda carreira, o voluntariado, um projeto pessoal, uma atividade cultural e esportiva, um tipo de aprendizagem, ou outra atividade que ofereça um sentido para a vida” (FRANÇA, 2012, p.40).

Os programas de preparação para aposentadoria (PPA) surgiram por volta de 1950, nos Estados Unidos, e, geralmente, disponibilizam informações específicas sobre as questões que os trabalhadores vivenciam no período da aposentadoria, incluindo os recursos socioculturais e serviços da comunidade disponíveis a este segmento da sociedade. Os programas existentes visam tornar “menos traumática a transição da vida ativa para a de aposentado” (REY et al., 1996, p.148), tendo como princípios e diretrizes, entre outros, a participação opcional, a observação do contexto cultural, a participação da família no programa e a definição de temas e atividades em conjunto com os trabalhadores. Os programas exitosos contam com “compromisso da empresa em tornar o trabalho efetivo, por meio do engajamento dos diversos níveis hierárquicos” (REY et al., 1996, p.149.).

Como enfatizam Zanelli et al. (2010), o objetivo maior do PPA é:

“agir proativamente em fatores que se manifestam com maior intensidade nos momentos que antecedem a aposentadoria, de modo a reduzir ansiedades próprias a tal fase e servir de facilitador na elaboração de novos planos, como também na reelaboração de projetos de vida” (p.133).

Embora a atenção aos servidores que estão próximos à aposentadoria seja da maior urgência, este tema deve ser tratado ao longo da vida funcional, desde a entrada dos servidores na instituição.

A legislação brasileira prescreveu, em 1994 (Lei da Política Nacional do Idoso), que os Programas de Preparação para a Aposentadoria deveriam acontecer “com antecedência mínima de dois anos antes do afastamento” (BRASIL, 1994). Mais tarde, em 2003, o Estatuto do Idoso, em seu Art. 28, diz:

“o Poder Público criará e estimulará programas de [...] preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de 1 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania” (BRASIL, 2003).

No âmbito internacional, a Organização Internacional do Trabalho - OIT (1992), em documento elaborado por ocasião da “Oficina Internacional do Trabalho – A OIT e as pessoas de idade avançada”, propôs que os países deveriam adotar medidas relativas à preparação para a aposentadoria, além de facilitar a continuidade do trabalho para as pessoas idosas.

Rey et al. (1996) observam que em países desenvolvidos os programas de preparação para a aposentadoria têm sido implantados com antecedência de até dez anos. Os autores afirmam:

“por meio de programas de preparação para aposentadoria o trabalhador está sendo mais esclarecido quanto a seus direitos e possibilidades de vida futura, afastando o receio de passar tão-somente a ‘sobreviver’, negando a si próprio maior possibilidade de vida” (REY et al., 1996, p.149).

Esse tema tem sido motivo de atenção de diferentes profissionais, ora se voltando para uma categoria ou empresa específica, ora envolvendo toda a comunidade.

### 1.3.3. Redes de Apoio Social

Capitanini (2000) aponta que as relações sociais de uma pessoa têm características de rede, onde podem ser incluídos os membros da família, os amigos, o cônjuge, os colegas de trabalho e os profissionais com os quais cada pessoa se relaciona em momentos específicos e ao longo de sua vida.

Em seu estudo, Capitanini (2000) cita diversos autores que definem suporte social e rede de suporte social. Para Cobb (1976), por exemplo, suporte social é uma informação ou ação de um semelhante que leva uma pessoa a acreditar que é cuidado, amado, estimado e valorizado, e que pertence a uma rede de relações e obrigações comuns e mútuas.

Com base em Antonucci (1985), Capitanini (2000, p.37) destaca que redes de suporte social são “conjuntos de pessoas que mantêm entre si laços típicos das relações que envolvem dar e receber”. Tais redes permitem que as pessoas mantenham sua identidade social, recebam diversos tipos de ajuda (emocional, material, de serviços e informações), e estabeleçam novos contatos sociais (WALKER et al., 1977 apud CAPITANINI, 2000, p.37).

Para Neri (2005), as redes de suporte social do idoso podem ser classificadas em formais e informais. De acordo com estudo de Domingues et al. (2011), a rede de apoio

formal compreende os profissionais dos equipamentos públicos, enquanto que a informal inclui familiares, amigos e vizinhos.

Em uma extensa revisão da literatura, Batistoni (2007) destaca diversos aspectos da rede de suporte social, incluindo as mudanças qualitativas, os recursos materiais e psicológicos, a influência de comportamentos saudáveis em saúde (tais como atividades físicas, dieta e socialização) e o suporte social como amortecedor de estresse e fator de prevenção da depressão entre idosos. Os dados sugerem que a quantidade de contatos sociais não é o fator protetor mais importante, mas sim a sua qualidade, que é subjetiva. Outro aspecto destacado é a possibilidade de que a percepção das perdas no campo socioeconômico seja compensada pela percepção de que a rede social disponível é suficientemente satisfatória. As pesquisas têm evidenciado que os indicadores de relações sociais na velhice encontram-se entre os principais determinantes de envelhecimento bem-sucedido. Por outro lado, o comprometimento do suporte social pode estar relacionado a sintomas depressivos e outros problemas de saúde, muitas vezes relacionados a questões que aconteceram ao longo da vida (BATISTONI, 2007).

Embora a família tenha uma importante função de rede de suporte para o idoso, exercendo a função de proteção, independentemente das tradições culturais e econômicas de cada sociedade, o convívio com os filhos e netos, por si só, não garante respeito, prestígio ou ausência de maus-tratos, nem tampouco uma velhice bem-sucedida (DEBERT, 1999). Estudos também apontam que as interações sociais com amigos e vizinhos podem ter maior impacto no estado de espírito e no bem-estar emocional que a interação com filhos e netos (DEPS, 1993). Estes resultados precisam ser analisados segundo aspectos culturais, econômicos e sociais da população estudada. Outra oportunidade de suporte social é a realizada por grupos religiosos, como refere Goldstein (1993).

A maior disponibilidade de tempo permite o exercício de novos papéis, em relação a diferentes questões da comunidade. Dal Rio (2002) observou que o tempo do pós-trabalho é caracterizado por alguns como uma nova etapa, na qual poderiam se dedicar a atividades comunitárias. Para a autora, aparentemente, esta decisão é tomada, entre outros fatores, para atender a valores religiosos e a necessidades pessoais de crescimento. Para algumas pessoas, o trabalho voluntário seria uma forma de exercer a cidadania e de retribuir o que receberam ao longo da vida, além de passar adiante sua experiência profissional. No entanto, o investimento em relações interpessoais, bem como a preocupação com o bem-estar do próximo (não-familiar) não constituem, ainda, um papel social específico (FREIRE; RESENDE, 2001).

Para Neri (2001), apesar da diminuição do tamanho da rede de relações sociais e do suporte social recebido que acontecem com o avançar da idade, a qualidade percebida é mais importante do que a quantidade de relacionamentos, para a determinação da satisfação com a vida, com as relações sociais e com a saúde física e mental. A quantidade e a qualidade dos relacionamentos sociais mantidos por idosos dependem, em grande medida, da história anterior de integração social. Neste cenário, os relacionamentos de amizade entre idosos são bastante benéficos, pois são de livre escolha e geralmente atendem necessidades afetivas específicas, especialmente porque compartilham diversas experiências, valores e significados, além de possuírem necessidades parecidas (NERI, 2001).

#### **1.4. Controle Social nas Políticas Públicas para Idosos no Brasil**

Para que os direitos dos idosos, em geral, e dos aposentados, em particular, sejam respeitados, são importantes os mecanismos de controle social nas diferentes políticas públicas.

O conceito de controle social, no sentido em que hoje é empregado, refere-se à participação de setores organizados da sociedade na formulação e implementação de políticas públicas, desde a elaboração dos planos, programas e projetos, até o acompanhamento e avaliação. Na compreensão atual, insere-se na relação Estado-sociedade, onde à sociedade cabe estabelecer práticas de vigilância e controle sobre o Estado (CARVALHO, 1997).

Um dos grandes marcos do controle social nas políticas públicas no Brasil foi a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), cujo processo de elaboração também foi marcado pela intensa participação da sociedade civil organizada. Logo no Art. 1º, a Constituição brasileira estabelece que “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente [...]”, sinalizando a ideia da democracia direta ou participativa (BRASIL, 1988).

Para se referir ao controle social nas políticas públicas, o texto constitucional utiliza a expressão “participação”, como no Art. 10 (Dos Direitos Sociais), que diz que “é assegurada a participação dos trabalhadores e empregadores nos colegiados dos órgãos públicos em que seus interesses profissionais ou previdenciários sejam objeto de discussão e deliberação”. Em outra parte, afirma que a organização da Seguridade Social deve estar baseada, entre outros aspectos, no caráter democrático e descentralizado da administração, “com participação dos trabalhadores, dos empregadores, dos aposentados e do Governo nos órgãos colegiados” (Art. 194). O Art. 198 inclui a “participação da comunidade” entre as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). O Art. 204, referente à área de assistência social, garante a “participação da

população, por meio de organizações representativas, na formulação das políticas e no controle das ações em todos os níveis”. O texto constitucional também utiliza a expressão “participação” em um sentido mais amplo, como no Art. 230, que determina que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (BRASIL, 1988).

Na legislação infraconstitucional relacionada ao controle social nas políticas públicas para idosos, merecem destaque a Lei 8.842, de 04 de janeiro de 1994, que instituiu a Política Nacional do Idoso - PNI (BRASIL, 1994), e a Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, mais conhecida como Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003).

Quanto à Lei 8.842/94, o inciso II do Artigo 4º inclui como uma das diretrizes da PNI a “participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos”. Esta diretriz é detalhada no Art. 6º que prescreve que “os conselhos nacional, estaduais, do Distrito Federal e municipais do idoso serão órgãos permanentes, paritários e deliberativos, compostos por igual número de representantes dos órgãos e entidades públicas e de organizações representativas da sociedade civil ligadas à área” (BRASIL, 1994).

A redação atual do Art. 7º da Lei 8.842/94, após a alteração promovida pelo Estatuto do Idoso, diz que compete aos conselhos “a supervisão, o acompanhamento, a fiscalização e a avaliação da Política Nacional do Idoso, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas” (BRASIL, 2003).

O Estatuto do Idoso (Lei 10.741/03), no Art. 7º, reafirmou a importância dos conselhos e estabeleceu que estes, em todas as esferas de gestão, zelarão pelo cumprimento dos direitos do idoso ali definidos (BRASIL, 2003).

No entanto, essas leis não fazem qualquer referência às Conferências como espaços de participação e deliberação da população idosa, sendo que a primeira Conferência Nacional da Pessoa Idosa aconteceu somente em 2006, embora alguns estados e municípios tivessem promovido suas conferências anteriormente.

A participação social promove transparência na deliberação e visibilidade das ações, democratizando o sistema de tomada de decisões e as principais formas de exercício do controle social são os conselhos e conferências.

Os Conselhos são instâncias colegiadas permanentes, que se reúnem periodicamente, geralmente uma vez ao mês, e de caráter deliberativo, ou seja, decidem sobre as políticas relativas à sua área de abrangência, cabendo aos gestores a implementação de suas resoluções.

Os conselhos, em geral, têm composição paritária entre os representantes dos setores organizados da sociedade civil e dos órgãos governamentais. A paridade é definida diferentemente no caso dos conselhos de saúde, que são formados por 50% de representantes de usuários do SUS; 25% de representantes de trabalhadores da saúde e 25% de representantes de gestores e prestadores de serviços de saúde, incluindo os conveniados ou contratados.

As Conferências ocorrem a cada dois ou quatro anos, dependendo da definição de cada esfera de governo, com o objetivo de avaliar a implementação das políticas públicas e propor diretrizes para o período seguinte.

Deve haver uma estreita relação entre a atuação dos conselhos com suas respectivas conferências. Antes da realização de uma conferência, o conselho deve tomar a iniciativa de convocar a conferência ou participar desta convocação quando feita pelo gestor do setor ou da esfera de governo. Outra ação relevante do conselho é envolver-se ativamente na mobilização da sociedade para que a participação seja representativa e qualificada. Durante as conferências, os conselheiros desempenham um papel importante em todos os momentos, até a plenária final, quando as propostas aprovadas passam a ser denominadas deliberações. Após o encerramento das conferências e o encaminhamento das deliberações, cabe aos conselhos a fiscalização da implementação das mesmas e o acompanhamento das medidas necessárias para sua efetivação. Esta é parte mais importante do processo, mas também a mais frágil.

As conferências e os conselhos, nas três esferas de gestão, devem formar uma rede de atores capaz de influenciar a formulação das políticas públicas e sua implementação (SATO et al., 2003). Até o momento, foram realizadas três Conferências Nacionais dos Direitos da Pessoa Idosa (CNDPI), em 2006, 2009 e 2011, sempre em Brasília-DF, cujas deliberações enfocaram as diferentes áreas relacionadas aos direitos dos idosos, e entre eles os aposentados. Algumas dessas deliberações, especialmente as que se referem à participação popular, foram analisadas por Costa et al. (2014).

Dada a importância da Política do Idoso para garantir os direitos dessa população, esta deve ser entendida como uma Política de Estado e não uma Política de Governo. Ou seja, as ações voltadas à população idosa não podem estar sujeitas a modificações bruscas a cada mudança do grupo político eleito para comandar os interesses do Estado em um dado período. Além da obrigação de trabalhar de acordo com a lei e a serviço do povo, o poder público deve ser fiscalizado e cobrado pela população.

O destaque dado ao controle social nas políticas públicas para idosos no Brasil está em consonância com as orientações de dois documentos de âmbito internacional: o Plano de Ação

Internacional para o Envelhecimento (Plano de Madri) (SEDH, 2007) e a proposta de Envelhecimento Ativo da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005).

A força de um conselho depende diretamente de seus integrantes e para exercer o controle social é preciso atuar firmemente na educação permanente dos conselheiros e garantir autonomia dos movimentos sociais que lhe dão sustentação.

Em suma, para efetivação do controle social são necessárias diversas ações integradas, incluindo: criação de conselhos; proposição de ações; monitoramento das políticas; formação de lideranças; renovação dos conselheiros; engajamento dos movimentos sociais e participação ativa dos gestores públicos.

A universidade tem um papel fundamental nesse processo, desde a formação de profissionais qualificados, passando pela produção de conhecimento e a colaboração no processo de educação permanente dos profissionais em atividade e dos conselheiros, até a participação direta de docentes, servidores e alunos nos conselhos e conferências.

## **1.5. O Protagonismo da População Idosa**

A discussão sobre o protagonismo da população idosa no interior da pesquisa sobre o significado da aposentadoria para servidores públicos justifica-se por representar uma das possíveis atividades a serem desenvolvidas no tempo do pós-trabalho, além de se apresentar como um espaço privilegiado de luta pela efetivação dos direitos assegurados pela legislação existente ou para garantir novos direitos à população idosa, em geral, e aos aposentados, em particular.

Inicialmente, cabe apontar que a importância da participação dos idosos na formulação e implementação de políticas públicas que garantam seus direitos tem merecido destaque por alguns organismos internacionais, por meio de recomendações e outros documentos técnicos. Dois dos mais importantes documentos são o “Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento” (Plano de Madri) e a proposta de “Envelhecimento Ativo”, da Organização Mundial de Saúde (OMS). Mais recentemente, a OMS divulgou a proposta “Cidade Amiga do Idoso” que também coloca a Participação Social como um de seus requisitos.

### **1.5.1. Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento**

O “Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento”, mais conhecido como “Plano de Madri”, e sua Declaração Política, resultaram da II Assembleia Mundial do Envelhecimento, promovida pela Organização das Nações Unidas - ONU, realizada em Madri/Espanha, em abril de 2002. O evento buscou rever e atualizar o primeiro documento

mundial para orientar os países membros em relação às políticas sobre o envelhecimento, que havia sido produzido na I Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, que aconteceu em Viena, em 1982.

Por meio do Plano de Madri:

“a ONU prega a necessidade de promover uma abordagem positiva do envelhecimento e de superar os estereótipos que estão associados aos idosos. O plano expõe diversas estratégias para enfrentar o desafio do envelhecimento da população, além de apresentar, aos responsáveis pela formulação de políticas de todo o mundo, um conjunto de 117 recomendações, que abrangem três esferas prioritárias: pessoas idosas e desenvolvimento; promover a saúde e o bem-estar na velhice; e assegurar um ambiente propício e favorável” (SEDH, 2007).

No Plano de Madri, o conceito de “Participação” extrapola a atuação de representantes da população idosa nos espaços de formulação e implementação de políticas públicas de seu interesse. Inclui a contribuição social e econômica dos idosos, inclusive os “cuidados prestados aos membros da família, o trabalho produtivo de subsistência, a manutenção dos lares e a realização de atividades voluntárias na comunidade” que comumente não são medidos em termos econômicos. Também é considerada a participação em atividades culturais, esportivas e recreativas que contribuem para aumentar e manter o bem-estar pessoal, bem como reflexos na economia local. O Plano destaca que “as organizações de idosos constituem um meio importante para facilitar a participação mediante a realização de atividades de promoção e o fomento da interação entre as gerações” (SEDH, 2007).

O Plano aborda a “Participação de idosos nos processos de tomada de decisões em todos os níveis”, indicando as seguintes medidas:

- a) Incorporar as necessidades de idosos e as questões que os preocupam aos processos de tomada de decisões em todos os níveis;
- b) estimular, caso ainda não as haja, a criação de organizações de idosos, em todos os níveis, entre outras coisas para representá-los nos processos de tomadas de decisões;
- c) adotar medidas para permitir igual e plena participação dos idosos, particularmente das mulheres idosas, na tomada de decisões em todos os níveis” (SEDH, 2007).

### 1.5.2. Envelhecimento Ativo: uma Política de Saúde

Outro documento internacional importante para servir de base para as políticas públicas voltadas à população idosa é o “Envelhecimento ativo: uma política de saúde”, desenvolvido pela Unidade de Envelhecimento e Curso de Vida, da Organização Mundial da Saúde (OMS), com o objetivo de “dar informações para a discussão e formulação de planos de ação que promovam um envelhecimento saudável e ativo” (OMS, 2005).

Segundo o documento, “envelhecimento ativo” deve ser entendido como “o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005).

Desta forma, a Política do Envelhecimento Ativo está estruturada em três pilares básicos: saúde, participação e segurança. A ação nestes três pilares requer desenvolvimento do conhecimento, onde estão incluídas avaliação, pesquisa, vigilância e disseminação dos resultados das pesquisas. Fator relevante é a divulgação dos resultados das pesquisas, que devem ser “compartilhados em linguagem clara, e em formatos práticos e acessíveis, com os governantes, as organizações não governamentais que representam os idosos, o setor privado e o público em geral” (OMS, 2005).

Para OMS (2005), a expressão “envelhecimento ativo” aplica-se tanto a indivíduos quanto a grupos populacionais, permitindo que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida. Nesta visão, as pessoas participam da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades e ao mesmo tempo têm garantidos meios para sua proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários.

Neste conceito, a palavra “ativo” não se refere apenas à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho, mas sim à participação contínua nas questões que lhe dizem respeito, como os aspectos sociais, econômicos, culturais, espirituais e civis. Assim, os idosos aposentados ou que apresentam alguma doença ou incapacidade podem continuar a ter uma vida útil junto a seus familiares, amigos e comunidades.

Para alcançar a meta de “obtenção da melhor qualidade de vida possível, pelo maior tempo possível e para o maior número de pessoas possível”, a OMS vem promovendo iniciativas de treinamento e de pesquisa para ampliar as bases de conhecimento sobre gerontologia e geriatria. Também tem incentivado iniciativas interdisciplinares e intersetoriais, especialmente nos países em desenvolvimento, para dar conta dos “índices rápidos e sem precedentes da população que está envelhecendo, dentro de um contexto de pobreza predominante e problemas de infra-estrutura não solucionados” (OMS, 2005). Para a OMS (2005), cabe aos países e às administrações locais a definição de objetivos com metas realistas e a implementação de políticas e programas adaptados a cada realidade.

### 1.5.3. A Participação do Idoso no âmbito da Política Nacional do Idoso

A Política Nacional do Idoso (PNI) foi instituída pela Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994 (BRASIL, 1994), posteriormente regulamentada pelo Decreto nº 1.948, de 03 de junho de 1996 (BRASIL, 1996). Esta legislação afirma que “o idoso deve ser o principal agente e o

destinatário das transformações a serem efetivadas”, conferindo uma ação protagônica a este segmento populacional. Mas isso não ocorre espontaneamente; é necessário que o poder público e a sociedade construam as condições para que a participação dos idosos no processo seja efetiva, incluindo capacitação, definição de locais e horários adequados às características do grupo etário, etc. A PNI tem como uma de suas diretrizes a “participação do idoso, através de suas organizações representativas, na formulação, implementação e avaliação das políticas, planos, programas e projetos a serem desenvolvidos”.

A representação dos idosos nos conselhos e conferências deve refletir a composição da população idosa como um todo e suas especificidades, pois se não houver essa preocupação, há o risco de ter apenas uma pequena parcela dos idosos representada, especialmente a dos pertencentes à classe média urbana que vive na área central das cidades. Além da importância de incluir a representação dos setores mais pauperizados da população idosa, existe o desafio ainda maior de garantir a defesa dos interesses dos idosos residentes na zona rural e nas Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPI, geralmente não vinculados a qualquer forma de organização.

De modo geral, as entidades que congregam idosos podem ser divididas em dois grupos: os Grupos de Terceira Idade e as Associações de Aposentados, que geralmente representam a população idosa junto aos Conselhos e outras formas de defesa de seus interesses. Na luta pela efetivação dos direitos, é importante considerar também a presença de outros fatores que dividem a população idosa, incluindo aspectos relacionados com raça, gênero, condição econômica, condição de saúde, etc. É necessário estar atento para que as ações desenvolvidas não atendam apenas uma parcela da população idosa, deixando de fora uma parcela que se encontra “escondida”, à margem da sociedade.

Outro aspecto a observar é que a participação dos idosos não deve se restringir às políticas que digam respeito à própria população idosa, mas também ao conjunto da sociedade. Algumas organizações de idosos desempenham um papel importante na luta por melhores condições de vida dos próprios idosos e dos demais segmentos da população, por meio da participação nos conselhos de saúde, de educação, de assistência social, entre outros, nas três esferas de gestão.

Essas organizações de idosos podem ser incluídas no âmbito dos novos movimentos sociais, na medida em que, sem representar uma classe social, são grupos sociais com contornos mais ou menos definidos, que defendem interesses coletivos, às vezes bastante localizados, mas com possibilidade de serem universalizados (SANTOS, 1999).

A Lei 8.842/94 indica também que devem ser viabilizadas “formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso, que proporcionem sua integração às demais gerações”.

A questão intergeracional é relevante, pois muitas ações voltadas aos idosos podem ajudar na afirmação da identidade deste segmento populacional, mas podem, por outro lado, reforçar a discriminação, ao manter os idosos isolados dos demais segmentos da sociedade. Enfim, deve-se evitar a “inclusão segregadora”, constituindo guetos, concretos ou virtuais.

#### 1.5.4. O Conselho do Idoso como espaço de Participação da População Idosa

A Lei nº 8.842/94 diz que “os conselhos nacional, estaduais, do Distrito Federal e municipais do idoso serão órgãos permanentes, paritários e deliberativos, compostos por igual número de representantes dos órgãos e entidades públicos e de organizações representativas da sociedade civil ligadas à área” (BRASIL, 1994).

Para a Lei, compete, aos conselhos “a formulação, coordenação, supervisão e avaliação da Política Nacional do Idoso, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas” (BRASIL, 1994). Portanto, os conselhos têm um papel importante a cumprir na tomada de decisão a respeito de todos os temas que interessam à população idosa, envolvendo todos os setores de atuação do poder público.

O Conselho Municipal do Idoso - CMI deve manter estreito relacionamento com os demais Conselhos Municipais existentes, para discussão dos temas intersetoriais e compatibilização das pautas, por meio do Conselho da Cidadania ou Conselho da Cidade que, quando existentes, congregam representantes de todos os conselhos do município. O CMI deve, ainda, manter articulação com o Orçamento Participativo ou outra instância equivalente, buscando viabilizar a execução de suas propostas.

É surpreendente que a Lei nº 8.842/94 não tenha feito qualquer referência às Conferências como espaços de participação e deliberação da população idosa, especialmente porque na época de sua aprovação o setor saúde já acumulava uma vasta experiência em relação a esta prática democrática, que foi definida na Lei nº 8.142/90 (Brasil, 1990). A primeira Conferência Nacional do Idoso aconteceu somente em 2006, embora alguns estados e municípios tenham promovido suas conferências anteriormente, como é o caso de Rio Claro-SP, que realizou sua primeira Conferência Municipal do Idoso em junho de 2004.

A Conferência Municipal do Idoso tem o papel de avaliar e propor políticas e atividades nas diversas áreas de interesse do idoso, sendo importante que seja precedida pela

realização de pré-conferências organizadas por unidades de atendimento à pessoa idosa, instituições, entidades e movimentos ligados à questão do idoso.

A lei também não faz referência aos Conselhos Gestores de Unidade, muito comuns nas áreas de saúde e educação, mas raros nas demais políticas sociais, e que constituem uma forma de participação mais direta na qualidade dos serviços prestados à população. Tais conselhos funcionam como espaços de participação e deliberação voltados a garantir o bom funcionamento da respectiva unidade, bem como sua articulação com os serviços das demais áreas da administração pública que podem ter ligação com seu campo de interesse.

Além da legislação federal, representada pelas Leis nº 8.284/94 (PNI) e nº 10.741/03 (Estatuto do Idoso), é importante existir uma legislação municipal para adequar a política nacional à realidade local, principalmente em função das especificidades existentes na multiplicidade de diferenças existentes nas diversas regiões do país. Assim, cada Política Municipal do Idoso - PMI deve apresentar conteúdos gerais, comuns ao conjunto dos municípios, e aspectos específicos, relacionados às peculiaridades de cada município. As regulamentações locais têm amparo no princípio da “descentralização político-administrativa” previsto no Art. 4º, inciso IV, da Lei 8.842/94 (BRASIL, 1994).

Com base nas reflexões apresentadas nesta contextualização, foram definidos os procedimentos metodológicos que permitiriam atingir o objetivo da presente pesquisa, que são apresentados no Capítulo 2.

## CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 2.1. Local do Estudo

A Pesquisa foi realizada junto a servidores técnico-administrativos e docentes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp - Câmpus de Rio Claro/SP, abrangendo aposentados das duas unidades: Instituto de Biociências (IB) e Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE).

#### 2.1.1. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp

A Unesp é uma das três universidades públicas estaduais de São Paulo, ao lado da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, mas tem uma origem diferenciada, pois foi criada, em 1976, pela unificação dos Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo, existentes em diversos pontos do Estado de São Paulo.

Os Institutos Isolados foram criados no final da década de 1950, como parte da política de interiorização do ensino superior, alocados em cidades de médio porte que desempenhavam papel de capitais regionais. Posteriormente, foi anexado o Centro de Educação Tecnológica "Paula Sousa".

A Unesp possui uma área total próxima a 62 milhões de m<sup>2</sup>, com mais de 924 mil m<sup>2</sup> de área construída. Dados mostram que a Unesp contou, em 2013, com um orçamento de R\$ 2.147.483.647,00.

Em função desta origem, a Unesp está presente em 23 municípios do interior paulista e na capital, totalizando 35 unidades universitárias. Possui, ainda, sete Unidades Complementares e três Colégios Técnicos.

Em 2013, a Unesp contava com 3.730 docentes, dos quais 3.133 em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP), e 7.247 servidores técnico-administrativos ativos.

Com 130 cursos de graduação em 68 profissões de nível superior, a Unesp formou, em 2013, 5.557 novos profissionais. O número de alunos matriculados naquele ano era de 36.264. Ainda em 2013, a Unesp ofereceu 7.434 vagas para 106.242 candidatos que participaram do Vestibular. Já na seleção para ingresso dos dois Vestibulares realizados em 2014, um em janeiro e outro em junho, 117 mil candidatos disputaram 7.678 vagas.

Na pós-graduação (*strictu sensu*), no ano de 2013, 12.818 alunos estudaram em 129 programas, sendo 119 mestrados acadêmicos, 13 mestrados profissionais e 101 doutorados

acadêmicos. São 6.920 alunos matriculados nos cursos de mestrado e 1.790 que se formaram no ano de 2013. Nos cursos de doutorados, eram 5.898 alunos, sendo que 985 concluíram em 2013. Há, ainda, 6,5 mil estudantes matriculados em cursos *lato sensu*, em articulação com o Núcleo de Ensino a Distância (Nead).

Além das atividades de ensino e pesquisa, a Unesp vem se destacando pela quantidade e qualidade dos serviços prestados à comunidade por meio de Projetos de Extensão Universitária em seus diversos Câmpus, incluindo a Universidade Aberta à Terceira Idade - Unesp-Unati, que conta com um Núcleo Central, junto à Reitoria, e Núcleos Locais em todos os Câmpus.

O estudo “A contribuição da Unesp para o dinamismo econômico dos municípios”, coordenado pelo professor José Murari Bovo, da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Câmpus de Araraquara, iniciado em 1996 e atualizado em 2013, para valores apurados em 2012, revela que, dos R\$ 1,6 bilhão que a Unesp movimentou, 80% foram efetivamente gastos nos municípios nos quais seus Câmpus estão localizados. Somando-se este valor com os gastos dos alunos, as unidades da Unesp foram responsáveis pela circulação de R\$ 1,9 bilhão pelos setores da economia desses municípios. Esse valor representou 41,67% do ICMS arrecadado e 17,38% da receita total deles.

### 2.1.2. Unesp – Câmpus de Rio Claro

O Câmpus da Unesp de Rio Claro teve origem na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, criada pelo Governo do Estado em 1957. Esta Faculdade fazia parte de um grupo de sete unidades universitárias (entre as 14 que compuseram a Unesp em 1976), constituído pelas chamadas Faculdades de Filosofia, que se dedicavam à formação de professores para o ensino das escolas secundárias do Estado de São Paulo.

Hoje, o Câmpus de Rio Claro é formado pelo Instituto de Biociências (IB), pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) e pelo Centro de Estudos Ambientais (CEA), todos instalados no Bairro Bela Vista, em uma área de 1.155.147,79 m<sup>2</sup>, com prédios dos Departamentos, Unidades Auxiliares, Biblioteca, Setor de Informática, Centro de Convivência Infantil, Moradia Estudantil, Restaurante Universitário, Museus, Associação dos Funcionários da Unesp Rio Claro (ASFABI), cercados por uma imensa área verde.

O Instituto de Biociências contou, em 2013, com um orçamento de R\$ 47.076.865,00, quantia que significa 2,19% do total do orçamento da Unesp, e o Instituto de Geociências e Ciências Exatas, com R\$ 52.592.565,00, que representa aproximadamente 2,45% do total orçamentário da Unesp.

O IB oferece quatro cursos de graduação (Ecologia, Educação Física, Ciências Biológicas e Pedagogia), que contavam, em 2013, com 116 docentes, dos quais 114 em RDIDP. O IGCE, por sua vez, oferece quatro cursos (Ciências da Computação, Engenharia Ambiental, Física, Geografia, Geologia e Matemática) e contava, em 2013, com 132 docentes, sendo 131 em RDIDP.

O IB disponibilizou 200 novas vagas aos 1.372 alunos inscritos no vestibular, que acontece uma vez ao ano, enquanto que no IGCE foram 290 novas vagas para 2.677 inscritos no vestibular, que também é anual. Em 2013, o número de alunos matriculados nos cursos de graduação era 1.059, sendo que, neste mesmo ano, 164 se formaram. Já no IGCE, no ano de 2013, foram 1.349 matriculados e 257 os que concluíram seus estudos.

Quanto à pós-graduação, os dados analisados referem-se ao Triênio 2010/2012. Estes dados mostram que o IB possuía, neste período, oito programas de mestrado e de doutorado com 357 alunos matriculados nos cursos de mestrado e 291 nos de doutorado. O IGCE, no mesmo período, tinha quatro programas com mestrado e doutorado, dois só com mestrado e um apenas com doutorado, e 350 alunos matriculados no mestrado e 355 no doutorado.

Em dezembro de 2013, o IB possuía 201 servidores técnico-administrativos "ativos" e o IGCE, 227.

Atualmente, o IB possui 167 servidores aposentados e a previsão de 87 aposentadorias nos próximos três anos, enquanto que o IGCE possui 147 servidores aposentados e a previsão de 94 aposentadorias nos próximos três anos.

A Unesp, em Rio Claro, além de seu importante papel no ensino, na pesquisa e na extensão, também tem relevante impacto no cenário econômico do município.

Assim, o estudo anteriormente referido “A contribuição da Unesp para o Dinamismo Econômico dos Municípios”, realizado por José Murari Bovo, analisando os gastos dos alunos, funcionários e professores, além de investimentos realizados pela universidade no ano de 2012, afirma que o volume de recursos injetado pelo câmpus na economia local representou 29,9% da receita municipal, que atingiu cerca de R\$ 421 milhões em 2012, o que representa, aproximadamente, R\$ 126 milhões.

A Unesp, em Rio Claro, também vem projetando o nome da cidade no Brasil e no exterior, com pesquisas de ponta que são desenvolvidas nos laboratórios da universidade, como, por exemplo, os estudos sobre o aquífero Guarani e sobre o petróleo nas camadas do pré-sal. Isso sem falar das pesquisas sobre bioenergia que em breve serão centralizadas no Instituto de Pesquisa em Bionergia da Unesp (Bioen) que está sendo concluído nas antigas instalações da Unesp no bairro Santana.

## 2.2. Opções de Pesquisa

A pesquisa pode ser caracterizada como um estudo transversal, de natureza qualitativa, pois esta abordagem, de acordo com diversos autores, é a mais apropriada para se entender o significado da aposentadoria para os sujeitos desta pesquisa. Isso porque a pesquisa qualitativa ajuda na resposta de questões muito particulares, como é o tema desta pesquisa (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2012). Esses autores destacam que o foco da pesquisa qualitativa é, fundamentalmente, explorar as opiniões e representações sociais sobre o tema que se busca investigar. Para eles, a pesquisa qualitativa aborda um nível de realidade que não pode ser quantificado. Na reflexão de Alami, Desjeux e Garabuau-Moussaoui (2010), os métodos qualitativos ressaltam aspectos como os efeitos da situação, o papel do imaginário e a relação dos atores com as normas sociais.

### 2.2.1. Instrumentos de Coleta dos Dados

Foram utilizados dois instrumentos para coleta dos dados:

- 1) Questionário sociodemográfico, para caracterização da população de estudo (Apêndice 1).
- 2) Entrevista em profundidade (Apêndice 2).

O uso inicial de um questionário estruturado teve o propósito de possibilitar análises rápidas e servir como fonte de subsídio inicial para as entrevistas (DUARTE, 2005).

A seleção das pessoas entrevistadas foi realizada de forma intencional pela pesquisadora, que, devido à experiência profissional na instituição estudada teve possibilidade de conhecer as pessoas e selecionar os entrevistados de acordo com a sua representatividade para os objetivos da pesquisa. Assim, foram entrevistados aposentados de ambos os gêneros, vinculados às duas unidades do Câmpus, tanto servidores técnico-administrativos quanto docentes. Também foram selecionadas pessoas com diferentes tempos de aposentadoria. Cabe lembrar que boa parte da validade da pesquisa está associada à seleção das pessoas a serem entrevistadas. Para se realizar uma boa pesquisa, é necessário que se utilize fontes que sejam capazes de ajudar a responder sobre o problema proposto. Assim, como destaca Duarte (2005), somente deve-se entrevistar uma pessoa que realmente tenha envolvimento com o assunto e disponibilidade e disposição em falar.

Destaca-se que nas entrevistas em profundidade torna-se relevante que as fontes sejam não apenas válidas, mas também suficientes para responder à questão de pesquisa (DUARTE, 2005). Entre as qualidades da metodologia utilizada destaca-se a flexibilidade, pois permite que o entrevistado defina os termos da resposta, bem como ao pesquisador ajustar livremente as perguntas (DUARTE, 2005), possibilitando a adição de novas questões e, assim, a

exploração de novos pontos. Por ser dinâmica, auxiliou, também, na identificação das diversas maneiras de se perceber e descrever o fenômeno estudado.

Ainda de acordo com Duarte (2005, p.62), “a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”.

Demo (2001), citado por Duarte (2005), refletindo sobre a pesquisa qualitativa, observa que os dados coletados serão também interpretados e reconstruídos pelo pesquisador, que o faz em um diálogo, ao mesmo tempo inteligente e crítico, com a realidade, completando que “nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilita, ainda, identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada” (DUARTE, 2005, p.63).

Não se buscou a quantificação ou a representação estatística; ou seja, não se procurou saber “*quantas*” ou “*qual a proporção*” de pessoas, tampouco definir a “amplitude” ou a “quantidade” do fenômeno (DUARTE, 2005, p.63). O que se buscou foi saber “*como*” o processo é percebido pelo conjunto das pessoas entrevistadas, fornecendo subsídios para a compreensão do significado da aposentadoria para os servidores públicos da Unesp – Câmpus de Rio Claro.

Dessa forma, sua importância tem a ver mais com a identificação das informações, sua riqueza e diversidade, bem como com a integração das informações e síntese das descobertas que foi possível realizar, do que com o “estabelecimento de conclusões precisas e definitivas” (DUARTE, 2005, p.63).

Duarte (2005, p.63) destaca, ainda, que, “estabelecidas limitações e condições de realização, a entrevista pode ser ferramenta bastante útil para lidar com problemas complexos ao permitir uma construção baseada em relatos da interpretação e experiências, assumindo-se que não será obtida uma visão objetiva do tema da pesquisa”.

As entrevistas foram gravadas, pela vantagem desta técnica permitir o registro literal e integral das falas dos informantes. Duarte (2005) ensina que, apesar de haver questionamento a respeito da possível interferência que a presença do gravador poderia causar, a experiência tem mostrado que tal procedimento não afeta o resultado, além de conferir maior segurança.

Além disso, as entrevistas foram complementadas por anotações úteis, como: dúvidas, aspectos relevantes, idéias que surgiram e detalhes que não foram verbalizados, para que não fossem esquecidos.

As entrevistas foram realizadas no local de preferência dos participantes, sendo que cinco escolheram o próprio domicílio como local da entrevista, enquanto que três optaram pela realização das mesmas nas dependências da universidade.

Não houve limitação no tempo de duração da entrevista. Assim, a entrevista mais curta foi realizada em 40 minutos e a de maior duração em 140 minutos.

### 2.2.2. Análise

Inicialmente, é preciso esclarecer os conceitos de “significado” e de “sentido” empregados nesta pesquisa. Apoiando-se em revisão de literatura a respeito e à semelhança de outros estudos (TOLFO et al., 2005; TOLFO; PICCININI, 2007; ROESLER, 2012), entende-se que “os significados são construídos coletivamente em um determinado contexto histórico, econômico e social concreto”, enquanto que “os sentidos são caracterizados por ser uma produção pessoal em função da apreensão individual dos significados coletivos, nas experiências do cotidiano”. Destaca-se, no entanto, que ambos, significados e sentidos, são elaborados pelos sujeitos a partir de práticas concretas na realidade (TOLFO; PICCININI, 2007).

Assim, a partir do “singular”, ou seja, do que os participantes da pesquisa “sentem” em relação à aposentadoria, buscar-se-á apreender o “coletivo”, isto é, o “significado” desta etapa da vida para os servidores da universidade, visando à proposição de ações voltadas a outros servidores que se aproximam da aposentadoria.

Os dados coletados por meio do questionário são apresentados sinteticamente, na forma de tabela, com a finalidade de permitir a caracterização da população de estudo; no entanto, não foram objeto de análise detalhada.

De posse das informações colhidas nas entrevistas, a pesquisadora analisou-as buscando apresentá-las de forma estruturada, de modo a permitir o conhecimento do significado da aposentadoria e fatores associados.

Assim, para organizar o que importa, ou seja, os conceitos e aspectos com os quais se lida, o texto coletado nas entrevistas foi decomposto em unidades de significação classificadas segundo o sistema de categorias.

Para Duarte (2005, p.79), “Categorias são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-relacionados”. Cada categoria constitui-se em uma unidade de análise completa e única em si mesma. Observou-se como critério principal para a construção de cada categoria, a coerência interna. As categorias de análise foram identificadas ao longo da pesquisa, com base na literatura e na realidade encontrada (DUARTE, 2005).

### 2.2.3. Sujeitos da Pesquisa

Docentes e servidores técnico-administrativos aposentados de uma universidade pública do estado de São Paulo, de ambos os sexos (Unesp - Câmpus de Rio Claro). Assim, foram entrevistados oito aposentados, de ambos os gêneros, vinculados às duas unidades do Câmpus, com diferentes tempos de aposentadoria. Embora a grande maioria dos servidores seja de estatutários, também foi incluído um aposentado pelo Regime Geral de Previdência do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), pois no futuro esta modalidade poderá ser expressiva.

#### Critério de Inclusão

Servidores técnico-administrativos e docentes, de ambos os sexos, aposentados da Unesp/Câmpus de Rio Claro.

#### Critério de Exclusão

Servidores que romperam vínculo com a instituição antes da aposentadoria.

### 2.2.4. Aspectos Éticos

Em relação aos aspectos éticos, o Projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, observando-se as orientações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Parecer do CEP - Anexo 1). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE encontra-se no Apêndice 3.

## **CAPÍTULO 3 – RIO CLARO E A POPULAÇÃO IDOSA**

Este Capítulo apresenta a sistematização das informações coletadas junto à administração municipal e Conselho Municipal do Idoso, além de fontes secundárias disponíveis na internet e em publicações da área.

### **3.1. Caracterização do Município**

O município de Rio Claro obteve autonomia administrativa em 1845, sendo atualmente constituído por 3 Distritos: a Sede, Ajapi e Assistência. A cidade teve um importante impulso em seu desenvolvimento a partir da concessão à Companhia Paulista de Estrada de Ferro da ligação entre Campinas e Rio Claro, inaugurada em 1876. Entre 1881 e 1885, foi construída pela Companhia de Estradas de Ferro do Rio Claro, que mais tarde veio a integrar a Ferrovia Paulista S.A. (Fepasa), uma nova ferrovia ligando Rio Claro a São Carlos e Araraquara.

Dados do censo mais recente realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010) apontam que a população residente no município era de 186.253 pessoas, dos quais 13,4% eram idosos, ficando acima da média nacional que era 11,3%. Na divisão por sexo, o município contava com 90.687 homens e 95.566 mulheres.

Com uma área territorial de 498,422 km<sup>2</sup> e densidade demográfica de 373,69 hab/km<sup>2</sup>, Rio Claro apresentava um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM 2010 de 0,803. A população alfabetizada era de 166.684 pessoas. Em 2014, segundo estimativa do IBGE, a população do município atingiu 198.413 habitantes.

Conforme dados de 2012 do Cadastro Central de Empresas (IBGE), havia naquele ano em Rio Claro 7.280 empresas atuantes e pessoal ocupado total correspondente a 75.091 pessoas.

Rio Claro tem acesso a importantes rodovias, com destaque para a Anhanguera, Washington Luís e Bandeirantes. A cidade está situada a 173 km da capital do Estado, a 85 km do Aeroporto Internacional de Viracopos (Campinas) e a 240 km do porto de Santos. A rede de transportes conta ainda com ferrovia, outras rodovias, estradas vicinais, terminal rodoviário e um aeroporto regional com 1.500 m de pista, próprio para pouso de pequenas aeronaves. Por sua topografia predominantemente plana, Rio Claro oferece condições propícias ao uso de bicicletas, possuindo uma das maiores frotas de bicicletas por habitante do país.

O município de Rio Claro integra a região de Campinas, de elevado dinamismo econômico e que representa o segundo maior pólo industrial do Estado.

Em 1909 foi criada, próxima a área urbana do município, a Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade (anteriormente conhecida como Horto Florestal), com uma área de aproximadamente 2,3 mil ha de vegetação nativa e áreas reflorestadas, principalmente pelo plantio de árvores de eucalipto. Cabe destacar que a Unesp já teve parte de suas atividades desenvolvidas neste espaço, especialmente quando da criação do Curso de Graduação em Ecologia, o primeiro no país.

O município está inserido na Bacia do Rio Corumbataí, que deságua no Rio Piracicaba, o que poderá vir a favorecer as relações comerciais a partir da construção da Hidrovia Tietê-Paraná.

Quanto à educação, Rio Claro possuía em 2012, conforme dados do Censo Educacional realizado naquele ano, 58 escolas de ensino fundamental, 24 escolas de ensino médio e 42 escolas de ensino pré-escolar. No nível universitário, são oferecidos vários cursos pelos dois institutos da Unesp e de faculdades privadas.

Para o desenvolvimento de sua vida cultural, a cidade possui equipamentos disponíveis e espaços como museus, cinemas, teatro, arquivo público, clubes e associações recreativas, áreas de lazer, bares e restaurantes.

No que se refere ao saneamento básico, 100% das residências possuem água encanada e 99% contam com rede de esgoto. A coleta de lixo atende a 95,3% dos domicílios. O índice de iluminação pública está em 98%.

Na área da saúde, Rio Claro possui 06 hospitais (sendo um deles psiquiátrico), 02 maternidades, 07 Unidades Básicas de Saúde e 09 Equipes de Saúde da Família, 02 centros de especialidades, serviços de saúde mental, pronto-socorros, centro de vigilância sanitária, centro de zoonoses, centro de habilitação infantil e centro de referência em saúde do trabalhador. Há ainda programas específicos, como o DST-AIDS.

Quanto às redes de comunicação, a cidade dispõe de serviços de correios, telefonia, rede bancária, jornais diários e semanais, emissoras de rádio (AM e FM), canal de televisão, TV a cabo e 03 Provedores da Internet.

Rio Claro apresenta um expressivo contingente de idosos que demandam ações e serviços de diferentes setores da administração pública e da sociedade, em diversos pontos de seu território. Frente a esta realidade, a questão que se coloca é como o município tem buscado atender a população idosa, bem como de que forma projeta e planeja o futuro para ampará-la efetivamente.

Devido à importância do suporte social no processo de aposentadoria, realizou-se uma pesquisa sobre a rede de suporte social disponibilizada ao idoso no município, apresentada a seguir.

### **3.2. A Rede Formal de Suporte Social do Idoso no Município**

O levantamento das ações e serviços que constituem a rede de suporte social do idoso e que podem ser opções de atividades para os aposentados no município de Rio Claro mostrou-se necessário em relação a dois aspectos da presente pesquisa. Inicialmente, considera-se importante conhecer o contexto em que vivem os entrevistados, para melhor avaliar os relatos dos participantes. Por outro lado, buscou-se identificar fragilidades e potencialidades da rede existente, para sugerir ações que possam propiciar mudanças qualitativas e quantitativas no sentido de oferecer alternativas aos trabalhadores que envelhecem e aos aposentados.

Os dados aqui apresentados em relação à rede formal de suporte social do idoso no Município de Rio Claro têm como base a pesquisa documental realizada junto ao Conselho Municipal do Idoso, à Assessoria para a Política Municipal do Idoso e ao Fundo Municipal de Solidariedade. Também foram utilizados como fonte de dados dois capítulos de livro que relatam aspectos da Política Municipal do Idoso de Rio Claro (HEBLING et al., 2013; COSTA et al., 2012).

#### **3.2.1. A Coordenação da Política Municipal do Idoso em Rio Claro**

Rio Claro foi um dos municípios pioneiros na criação de um Conselho Municipal voltado à população idosa, tendo implantado o Conselho Municipal do Aposentado e do Idoso – COMAI em 1992, muito antes da regulamentação federal e da implementação do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso. Para enfrentar os desafios representados pelo aumento da população idosa no município, em 2004, o Conselho iniciou um processo que culminou com a aprovação da Lei nº 3.498, de 16 de dezembro de 2004, que trata da Política Municipal do Idoso (Rio Claro, 2004). A ampla discussão entre poder público e sociedade civil, especialmente com a presença de representantes da população idosa, incluiu a realização da 1ª Conferência Municipal do Idoso. Posteriormente, a denominação do conselho foi alterada para Conselho Municipal do Idoso – CMI.

Um dos resultados da Lei da Política Municipal do Idoso foi a implantação da “**Assessoria Especial da Política Municipal do Idoso**”, vinculada ao Departamento de Políticas Especiais, junto ao Gabinete do Prefeito. A Assessoria tem entre suas atribuições a

articulação das diversas políticas setoriais voltadas à população idosa e o fortalecimento da participação da população idosa, de forma coordenada com o CMI.

Uma das primeiras ações da Assessoria da Política do Idoso foi a convocação de uma reunião com os representantes das diversas Secretarias Municipais que desenvolvem atividades voltadas à população idosa, das instituições de ensino superior, de diversos setores da sociedade civil organizada e profissionais que atuam na área, com o objetivo de organizar uma rede articulada de apoio. A atuação intersetorial tem como um de seus objetivos a transdisciplinaridade, ampliando as possibilidades de uma atuação mais eficaz na promoção da qualidade de vida da população idosa.

Como desdobramento desta ação foi elaborado o Projeto “Grupo de Protagonismo Social do Idoso” (GPSi), que conta com a participação de cerca de 40 idosos. Ao longo de alguns meses, as secretarias municipais expuseram as ações oferecidas à população idosa, bem como outras ações nas quais os idosos poderiam se engajar em trabalhos voluntários. Foi realizado também um trabalho de campo com visita a diferentes pontos do espaço urbano, mostrando as diferentes maneiras de se envelhecer na cidade. Ao mesmo tempo, a atividade permitiu o conhecimento de diversos serviços voltados à população idosa, oferecidos pelos setores público e privado. Atualmente, os idosos, divididos em grupos, estão desenvolvendo trabalhos nos quais buscam exercer o protagonismo, utilizando os conhecimentos adquiridos nos encontros anteriores. As reuniões do grupo todo são realizadas para relato das experiências e troca de ideias.

Em 2013, depois de um período de participação de representantes da administração municipal e do Conselho Municipal do Idoso junto à rede coordenada pela Secretaria Estadual de Saúde, o município formalizou sua vinculação ao Programa Cidade Amiga do Idoso. Um aspecto positivo deste fato é a possibilidade de se adotar uma série de ações por meio de uma metodologia testada em diferentes partes do mundo. Outro ponto positivo é a possibilidade de estabelecer contatos com outros municípios em forma de rede, com intensa troca de experiências.

Mais recentemente, foi implantado o Parlamento do Idoso, sob a coordenação da Assessoria do Idoso, tornando efetiva uma proposta aprovada na 2ª Conferência Municipal do Idoso. Diversos membros do GPSi encontram-se entre os “parlamentares” eleitos.

A Assessoria também mantém estreito relacionamento com o Fundo Social de Solidariedade, que tem a responsabilidade pelo cadastramento dos Grupos de Terceira Idade.

O **Fundo Social de Solidariedade** organiza diversas campanhas e eventos culturais, religiosos, turísticos, esportivos e de lazer que favorecem a participação dos idosos na vida da

cidade. Atualmente, estão cadastrados 74 grupos de idosos que incluem cerca de 2.500 idosos, o que corresponde a 10% da população idosa do município. Destes 74 grupos, 41 são grupos de convivência organizados pela própria comunidade, representados pelos Grupos de Terceira Idade, ligados a entidades religiosas, associações de moradores, sindicatos de trabalhadores, outras entidades associativas, etc. Cabe, ainda, destacar o trabalho desenvolvido por associações de aposentados, ligados a diferentes ramos de atividade. Os outros 33 grupos cadastrados são vinculados a instituições públicas ou privadas.

### 3.2.2. Ações e Serviços Voltados ao Idoso nas Políticas Setoriais

As ações da **Secretaria Municipal de Ação Social** voltadas ao idoso incluem a manutenção e gerenciamento de um Centro-Dia do Idoso que conta com uma equipe multiprofissional. Para participar como usuário deste serviço de atendimento não asilar, os idosos são selecionados mediante avaliação socioeconômica, pois há uma demanda superior à capacidade do serviço. No Centro-Dia, os idosos desenvolvem diferentes atividades durante o dia e regressam aos seus lares no final da tarde, com o objetivo de manter os vínculos familiares, ao mesmo tempo em que é garantida uma atenção especializada às necessidades dos idosos. Mais recentemente, por meio de uma parceria entre a Secretaria e uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, de caráter filantrópico, passou a ser oferecido um serviço semelhante ao Centro-Dia.

A Secretaria de Ação Social realiza também um conjunto de ações voltadas aos idosos que recebem o Benefício de Prestação Continuada - BPC e suas famílias, por meio de sete Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), localizados em diferentes pontos da área urbana. Além das atividades de atendimento individualizado, são desenvolvidas atividades em grupo, com reuniões semanais que propiciam a inclusão social dos idosos e a promoção do envelhecimento ativo e saudável. Outro serviço da Secretaria que desenvolve atividades voltadas à população idosa é o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, especialmente o apoio a idosos fragilizados e vítimas de violência. Com o objetivo de oferecer orientações para cuidadores de idosos e familiares, o CREAS elaborou uma Cartilha do Cuidador do Idoso.

A **Secretaria Municipal de Esportes** promove atividades físicas para a terceira idade em diferentes modalidades (ginástica, voleibol adaptado, hidroginástica, musculação, natação e alongamento) em equipamentos esportivos distribuídos em diversos bairros da cidade. Os idosos destes grupos participam, anualmente, dos Jogos Municipais do Idoso (JOMI) e dos Jogos Regionais do Idoso (JORI).

Na **Secretaria/Fundação Municipal de Saúde**, embora o Plano Municipal de Saúde tenha como um dos objetivos garantir a promoção da atenção à saúde do idoso voltada à qualidade de vida e a educação permanente dos profissionais de saúde para o atendimento da população idosa, ainda não há, formalmente, uma Política Municipal de Saúde da Pessoa Idosa, como preconizada pela Portaria do Ministério da Saúde. O que existe é um conjunto de ações rotineiras desenvolvidas pela rede municipal de saúde, especialmente na atenção básica, como a campanha anual de vacinação do idoso e o controle das doenças e agravos não transmissíveis (DANT), como hipertensão arterial e diabetes, entre outros. Uma iniciativa específica para a população idosa é o centro de especialidades em saúde bucal do idoso. Uma das novidades da área da saúde no município foi a contratação de uma Gerontóloga, com o objetivo de estruturar a área de saúde do idoso.

A atuação no campo da promoção da saúde inclui a implementação do Programa “Saúde Ativa Rio Claro“, em convênio com o Núcleo de Atividade Física Esporte e Saúde (NAFES), do Instituto de Biociências, da Unesp – Câmpus de Rio Claro. O programa de atividades físicas acontece em todas as Unidades Básicas de Saúde e Unidades de Saúde da Família, voltado a pacientes hipertensos, diabéticos e obesos, com predominância de idosos.

A **Secretaria Municipal de Turismo**, em parceria com a Secretaria de Mobilidade Urbana e Sistema Viário, realiza passeios pela cidade, com destaque para os pontos históricos de Rio Claro e, em parceria com a Secretaria de Agricultura, promove o turismo rural, proporcionando aos idosos a oportunidade de retomar o contato com o local de origem de muitos deles. Duas atividades musicais semanais, envolvendo a participação de seresteiros, reúnem idosos e suas famílias, que propiciam o encontro de velhos amigos e o estabelecimento de novas amizades. O carnaval popular conta com o “Baile Dourado”, resgatando o clima desta festa. A atividade é realizada no Jardim Público, voltada aos grupos de terceira idade e à população em geral, com participação do grupo de seresteiros, que tocam músicas dos antigos carnavais.

A **Secretaria Municipal de Educação** oferece diversos grupos de Educação para Jovens e Adultos – EJA, tanto na área central como em diversos bairros periféricos, o que tem permitido a muitos idosos a realização de um sonho acalentado durante muitos anos. A secretaria também tem promovido a inclusão do tema envelhecimento nas Escolas Municipais, com a realização de diversas atividades intergeracionais.

A **Secretaria Municipal de Cultura**, por seu lado, oferece aulas de dança, Curso de Tai Chi Chuan, oficina de teatro e cinema e apoio ao Coral da Terceira Idade e à Banda Sinfônica União dos Artistas Ferroviários. Rio Claro conta com uma Orquestra Sinfônica que

mantém a Escola Livre de Música, permitindo o acesso ao estudo de instrumentos musicais e, aos poucos, à participação em diversas modalidades de grupos de apresentação ao público. Ainda é pequeno o número de idosos que têm se beneficiado desta atividade que pode permitir fazer da música uma forma de comunicação e interação com a comunidade, além do aspecto terapêutico. O Gabinete de Leitura, um serviço centenário que teve a sua recuperação depois de muitos anos de interrupção, e as bibliotecas públicas têm permitido o acesso de grande número de idosos à literatura. Encontra-se em implantação um sistema de biblioteca nos bairros, para facilitar o acesso à leitura. A secretaria também tem promovido a inclusão digital de idosos, com turmas de diferentes níveis de aprofundamento. Em relação à preservação da memória e da herança cultural, existe o “Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro” que tem permitido resgatar a história da cidade. A popularização destas informações tem sido buscada através de publicações específicas e outras de caráter geral, com textos e fotos da cidade, além da disponibilização dos dados através de meios eletrônicos e a organização de exposições de fotos e objetos, como a realizada em parceria com a Unesp, denominada “A História Feita por Nós”. Para incentivar a preservação da cultura dos migrantes, são realizadas festas e exposições, como a Festa de San Genaro, voltada à colônia italiana, e a Festa de São Francisco das Chagas, voltada a um grande número de migrantes nordestinos, especialmente oriundos de Canindé (CE).

### 3.2.3. Atividades da Unesp voltadas à população idosa

O **Núcleo Local Unesp-Unati** do Câmpus de Rio Claro apoia diversas ações voltadas à população idosa, com ênfase em Projetos de Extensão vinculados ao Departamento de Educação Física, do Instituto de Biociências. O Programa de Atividade Física para a Terceira Idade (PROFIT) é um dos programas pioneiros no país no desenvolvimento de atividades físicas para a população idosa, que além de manter a autonomia e independência, e colaborar na prevenção, tratamento e reabilitação de problemas de saúde, constitui-se em importante oportunidade de integração social. São oferecidas, ainda, atividades específicas para idosos com Doença de Alzheimer e seus cuidadores, muitos deles também idosos, e pacientes com Doença de Parkinson.

A Unesp também desenvolveu o Projeto de Extensão “Cinema, Educação e Saúde”, com exibição de filmes relacionados a envelhecimento, relações familiares, relacionamentos intergeracionais e aposentadoria, acompanhado por debate com os participantes. Este projeto, a partir de 2014, passa a integrar um Projeto de Extensão da Unesp especificamente dirigido a aposentados e pessoas que se aproximam do final do ciclo de trabalho, o Programa de

Preparação para a Aposentadoria - PPA, que, além de atender os servidores da própria universidade, está aberto a servidores de outros órgãos governamentais, além de trabalhadores de empresas privadas e aposentados da comunidade geral. Outro Projeto oferecido pela universidade é o curso de “Alfabetização Digital de Adultos”.

#### 3.2.4. Atividades Desenvolvidas por Entidades Não Governamentais

Além das ações e serviços oferecidos pelo setor público, diversas entidades privadas também desenvolvem atividades voltadas à população idosa, como as instituições de ensino superior privadas do município que oferecem palestras, cursos ou atendimentos voltados à terceira idade, nas áreas de saúde e direito, dependendo dos cursos existentes. A unidade local da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) conta com a Comissão do Idoso, que mantém um atendimento às pessoas idosas, incluindo orientações jurídicas e encaminhamentos. O Serviço Social da Indústria (SESI) mantém um Grupo de Convivência de Idosos e o Serviço Social do Transporte e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST-SENAT) desenvolve um projeto com o objetivo do resgate da cidadania e autonomia dos idosos.

Além de se constituir em uma alternativa de ocupação do tempo livre e de convívio social, alguns Grupos de Terceira Idade desenvolvem atividades comunitárias, atuando como entidades da sociedade civil organizada, com a finalidade de prestação de serviços à comunidade, dirigidos especificamente à população idosa ou ao público em geral, por meio de trabalho voluntário junto a entidades beneficentes voltadas a crianças, pessoas com deficiência, gestantes e setores empobrecidos da sociedade, além de setores específicos da população idosa, como os doentes acamados e hospitalizados, as vítimas de violência e os moradores de Instituições de Longa Permanência para Idosos – ILPI.

O Grupo de Terceira Idade mais antigo do município mantém um jornal informativo impresso e, mais recentemente, um Blog, além de uma coluna semanal em um Jornal da cidade, com divulgação de informações úteis à população idosa e opções de entretenimento.

Em relação às entidades que congregam aposentados, incluindo as diretorias ou departamentos de aposentados em diversos sindicatos de trabalhadores, como dos eletricitários, dos bancários e dos professores, existem entidades específicas de aposentados, como a União dos Ferroviários Aposentados – UFA, a Associação dos Aposentados da Fundação CESP (AAFC), a Associação dos Funcionários Aposentados do Banespa – Afaban e a Associação dos Aposentados da Previdência Social – ARAPS.

Nestes espaços, os aposentados podem desenvolver uma série de atividades que incluem reuniões periódicas para discutir questões gerais ou específicas da categoria, além de

assistência jurídica; palestras; viagens para participar de manifestações em defesa dos aposentados, geralmente em São Paulo ou Brasília; curso de informática, incluindo o acesso à internet, que facilita o acompanhamento das lutas; etc.

A ARAPS mantém jornal informativo mensal e coordenou a impressão de um pequeno caderno, em forma de um passaporte, com o texto da Lei que instituiu a Política Municipal do Idoso e um breve histórico processo de sua elaboração, distribuído aos integrantes dos diversos Grupos de Terceira Idade e amplamente divulgado junto aos órgãos públicos e outros setores que prestam serviços aos idosos.

A UFA, além das atividades acima descritas, tem uma estrutura de atendimento que inclui médicos, dentistas, fisioterapeutas, psicólogos e assistentes sociais, constituindo-se em um complemento ao sistema público de saúde.

A AAFC, em adição aos serviços prestados por uma associação de aposentados, organiza cursos de cuidadores de idosos, pois alguns associados passam a exercer a função de cuidador informal em relação a seus pais, irmãos ou cônjuges, enquanto outros desejam qualificar os cuidadores formais que prestam serviços aos próprios associados ou seus familiares.

Estas entidades também se constituem em espaços de exercício do protagonismo do idoso na vida do pós-trabalho, por meio da participação junto ao Conselho Municipal do Idoso, bem como em outros Conselhos Municipais onde temas que interessam aos aposentados são discutidos, como os de saúde, educação, cultura, direitos da mulher, esporte, transporte, etc., como representantes do segmento. Nestes espaços também são realizadas pré-conferências, particularmente do idoso, onde são apresentadas propostas de diretrizes da Política Municipal do Idoso e eleitos os delegados à Conferência Municipal.

Mas estas entidades não se restringem às atividades políticas e de defesa dos direitos dos idosos e aposentados. Também se caracterizam como espaços de encontro de antigos colegas de trabalho e geralmente contam com atividades de entretenimento, como jogos de cartas, xadrez e outros jogos de mesa (bilhar, pebolim, tênis de mesa/ping-pong, dama, dominó), além do tradicional bingo, à semelhança dos Grupos de Terceira Idade. Também são organizadas viagens de passeio/turismo, grupos para estada em colônia de férias, etc.

Como pode ser observado, os dados coletados apontam a existência de uma rede formal de suporte social do idoso no município que apresenta um conjunto diversificado de opções de serviços públicos e privados, para potencial usufruto dos aposentados, podendo contribuir para dar significado a essa nova etapa da vida, inclusive a possibilidade de realização de novos projetos e de dedicação a atividades adiadas durante o período laboral.

Assim, pode-se afirmar que, no âmbito das políticas municipais voltadas à população idosa, existe um extenso leque de ações que podem contribuir para o bem-estar dos aposentados e suas famílias. Resta saber se os aposentados conhecem este universo e se as atividades desenvolvidas atendem as expectativas deste segmento.

Procurando-se entender as condições que permeiam o processo de aposentadoria, também se fez um estudo sobre a participação dos idosos de Rio Claro na conquista e preservação de direitos, cujo conteúdo é apresentado no próximo tópico.

### **3.3. Participação da População Idosa na Política Municipal do Idoso**

O próprio processo de elaboração da Política Municipal do Idoso de Rio Claro foi marcado pela participação ativa da população idosa, inicialmente por meio de sua representação junto ao Conselho Municipal do Idoso, que promoveu a discussão e aprovação de um texto base que utilizou como ponto de partida a “Pauta para uma Política Municipal do Idoso” proposta por Costa (2002).

Com o objetivo de ampliar a participação da população, foi convocada a I Conferência Municipal do Idoso, precedida por diversas Pré-Conferências realizadas nos Grupos de Terceira Idade, Associações de Aposentados, sindicatos de trabalhadores, escolas, unidades de saúde, etc., onde a proposta inicial foi discutida e aprimorada. O Texto Final aprovado na Conferência foi encaminhado ao Executivo Municipal, que o transformou em Projeto de Lei, enviando-o à Câmara Municipal. Durante alguns meses as entidades representativas dos idosos e a população acompanharam de forma ativa a tramitação na Câmara Municipal até a aprovação da Lei N°. 3.498, de 16 de dezembro de 2004, instituindo a Política Municipal do Idoso de Rio Claro.

Durante o processo de construção da Política Municipal do Idoso a questão da composição do Conselho foi amplamente debatida, pois o COMAI, criado em 1992, apresentava uma composição tripartite: representantes de entidades com trabalho direto com idosos, representantes de entidades com trabalho indireto com idosos e representantes de órgãos governamentais. Mas, como a Lei N. 8.842/94 estabelece que os Conselhos sejam paritários, sua composição ficou em desacordo com a legislação de âmbito nacional.

Houve um intenso processo de discussão, até chegar à conclusão que seria importante rever a composição original, mas com um sentido de paridade diferente do previsto Lei N. 8.842/94, que estabelece que 50% dos membros sejam representantes dos órgãos públicos e os outros 50%, da sociedade civil. Na situação prevista na legislação federal, a população idosa poderia estar sub-representada, pois os representantes da sociedade civil poderiam ter

interesses diferentes e até contrários aos interesses dos idosos, como os gestores de ILPI's e os representantes do setor empresarial. Assim, a proposta vencedora foi a que buscou garantir que os representantes da população idosa e aposentados correspondessem à metade dos membros do Conselho Municipal, e que a outra metade fosse constituída por representantes dos órgãos públicos e de organizações da sociedade civil, incluindo os prestadores de serviços ligados à área e trabalhadores do setor (Art. 5º da Lei 3.498/04). Esta decisão, que representou uma inovação neste aspecto, buscou garantir maior presença da representação dos próprios idosos, inspirada na composição dos conselhos de saúde, onde metade dos membros é constituída por representantes dos usuários do sistema de saúde e a outra metade por representantes dos trabalhadores do setor e de prestadores de serviços de saúde, incluindo o setor governamental.

No entanto, com a mudança na composição do Conselho, o tema voltou a ser discutido e a decidiu-se, conservadoramente, adequar a composição do Conselho Municipal à prevista na Lei Federal. Um dos argumentos utilizados pelas pessoas contrárias à ampla participação de representantes dos próprios idosos foi o da 'falta de preparo de muitos idosos para exercer a responsabilidade de deliberar sobre questões complexas que envolvem as diferentes políticas voltadas à população idosa', além da 'tendência a ceder às práticas clientelistas de muitos gestores'. Este posicionamento poderia ser denominado de 'autonomia tutelada da população idosa' ou 'protagonismo coadjuvante'. Na nova Lei que regulamentou esta matéria, a denominação passou a ser Conselho Municipal do Idoso – CMI, excluindo a referência aos aposentados.

Outra inovação da lei foi a proposta de criação de Comissões Temáticas, com o objetivo de aprofundar as discussões de temas específicos das diferentes áreas da PMI. A legislação também determinou que a eleição dos representantes da população idosa e da sociedade civil junto ao conselho deveria ocorrer por ocasião da Conferência Municipal do Idoso. Indicou, ainda, a necessidade de articulação com os Conselhos do Idoso dos municípios vizinhos, buscando garantir o funcionamento de um Conselho Regional do Idoso, que conduzisse o encaminhamento de questões que extrapolam os limites dos municípios.

A indicação da criação de uma "Plenária Municipal de Entidades Representativas dos Idosos" foi outra novidade. Esta Plenária deve ser composta pelas entidades formalmente constituídas no município, com a finalidade de estreitar o relacionamento entre representantes e representados, permitindo um acompanhamento do trabalho junto ao Conselho.

A lei também estabeleceu normas gerais relativas à Conferência Municipal do Idoso, entendida como instância de participação e deliberação, tendo como função "definir as

diretrizes da Política Municipal do Idoso, apontar as linhas gerais de ação dos diferentes setores da administração municipal e avaliar as atividades desenvolvidas pelo Poder Público e pelas Organizações Não-Governamentais” (Art. 7º).

A Lei indica que, “na implementação da Política Municipal do Idoso, os órgãos e entidades públicos, respeitadas suas competências, deverão desenvolver as ações/atividades de forma integrada, na perspectiva de um trabalho intersetorial” (Art. 10). Como desdobramento do princípio da intersetorialidade, a legislação prevê que “cada setor da administração municipal que desenvolva ações voltadas à população idosa deve elaborar sua proposta orçamentária incluindo os recursos necessários ao financiamento dos programas da Política Municipal do Idoso que estejam sob sua responsabilidade, devendo haver uma discussão conjunta com o órgão responsável pela Coordenação Geral da PMI e com o COMAI, visando a otimização dos recursos” (Art. 11). Outro aspecto relacionado com o financiamento da PMI, a Lei prescreve que “no processo de elaboração do Orçamento Participativo, deverá ocorrer uma Plenária Temática para discutir, de forma articulada, as ações voltadas à população idosa” (Art. 12).

Com o objetivo de garantir que a participação da população idosa seja mais efetiva, a Lei da PMI determina que o Conselho do Idoso, “em articulação com as áreas de comunicação, educação e assistência social, apoiará a implementação de um sistema de informações que contemple diferentes veículos de divulgação, incluindo os meios de comunicação de massa, para a difusão de dados sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento, a situação da população idosa local, os serviços oferecidos e as medidas preventivas...” (Art.17).

A Lei da PMI de Rio Claro incorporou a ideia ampliada de participação da população idosa proposta pelo Plano de Madri, nos seguintes termos:

Devem ser desenvolvidas ações que propiciem a integração do idoso com as demais gerações, bem como a reflexão sobre o processo de envelhecimento e as condições de vida da população idosa, devendo incluir:

- a) realização de visitas de alunos dos diferentes níveis de ensino às instituições que prestam atendimento aos idosos, com desenvolvimento de atividades de integração e recreação;
- b) estímulo à participação de idosos nas comemorações e datas cívicas;
- c) realização de passeios para os idosos dos Grupos de Terceira Idade e Instituições de Longa Permanência para Idosos pela área urbana, preferencialmente com orientação e objetivos pré-estabelecidos;
- d) estímulo ao contato da população idosa com as demais gerações, nos diferentes espaços de atuação destas (escolas, serviços de saúde, locais de trabalho, etc.);

- e) apoio a projetos para restauração de vagões de trens e de dependências da FEPASA (Estação Ferroviária, oficinas, etc.), visando a implantação de programas que estimulem o intercâmbio de culturas e o resgate da memória (Art. 31).

Outra novidade da Lei é a tentativa de disciplinar a parceria entre a administração pública municipal e as entidades que prestam serviços à população idosa, muitas delas do chamado Terceiro Setor, estabelecendo que nesse relacionamento devem ser observadas as seguintes condições:

- “I - existência de um Conselho Gestor para cada unidade prestadora de serviços, com participação dos beneficiários e da comunidade;
- II - adoção de métodos e procedimentos tecnicamente adequados, coerentes com a realidade local e em consonância com a Política Municipal do Idoso;
- III - aprovação da parceria pelo Conselho Municipal do Idoso, que acompanhará sua execução” (Art. 35).

Embora diversos artigos da Lei fossem auto-aplicáveis, havia um conjunto de tópicos que necessitava um detalhamento para sua implementação, o que deveria ser feito por meio de um Decreto de Regulamentação, sob responsabilidade do Poder Executivo local, no prazo de até 60 (sessenta) dias. Assim, logo após a publicação da lei, o Conselho organizou um evento com ampla participação de todos os setores interessados que elaborou uma proposta de Regulamentação da Lei e encaminhou ao Prefeito recém empossado. No entanto, mesmo com reiteradas cobranças do Conselho, a lei não foi regulamentada.

Os vários documentos analisados apontam que a elaboração e implementação de políticas públicas voltadas à população idosa deve buscar uma abordagem integrada das diversas políticas setoriais, além de ter em vista o princípio da equidade, dando mais a quem mais precisa.

Outro aspecto a ser ressaltado refere-se à necessidade de se promover e incentivar pesquisas nas áreas de gerontologia e geriatria, cujos resultados, quando divulgados ao público em geral, constituem-se em importante estímulo à participação dos idosos na formulação de suas propostas em relação às políticas públicas que lhes dizem respeito.

Faz-se premente, principalmente em nível municipal, que sejam criados ou aprimorados os espaços de participação dos idosos, bem como a garantia de condições para que esta participação seja efetiva.

A partir das discussões contidas no presente Capítulo, foi realizado o trabalho de campo, onde foram entrevistados oito servidores da Unesp, cujo resultado é apresentado e discutido no Capítulo 4.

## **CAPÍTULO 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO**

As informações coletadas por meio do Questionário sociodemográfico (Apêndice 1) são apresentadas, sinteticamente, na Tabela 1, com a finalidade de permitir a caracterização da população de estudo.

Os dados da Tabela 1 mostram que dos oito entrevistados, quatro são do IB e quatro do IGCE. Também foi respeitada a paridade entre servidores técnico-administrativos e docentes, com quatro cada, bem como entre os gêneros masculino e feminino. A idade variou de 57 a 75 anos e o tempo de serviço na Unesp de 19 a 35 anos.

Com base nas entrevistas em profundidade (Apêndice 2) e na bibliografia, foram definidas as seguintes categorias de análise:

- Trabalho;
- Momento da Decisão e Planejamento da Aposentadoria;
- Aposentadoria e
- Envelhecer.

Também são apresentadas as sugestões dos entrevistados para a implantação de um PPA na Unesp.

### **4.1 Categorias de Análise**

#### **4.1.1. Trabalho**

Como lembra Cerqueira (2012), na sociedade capitalista, apesar do trabalho ter se tornado um mecanismo de alienação e exploração, ele é, ao mesmo tempo, mantenedor da vida, instrumento de transformação da natureza e da sociedade, mediador das relações sociais e fundamental para a construção da identidade social e da afirmação da autoestima dos indivíduos. Por isso, e por ser a fonte responsável por prover a subsistência do trabalhador e de sua família, o trabalho tende a ser o protagonista no cenário da vida das pessoas, determinando aos outros, papel secundário.

Em função das características distintas do trabalho nos setores público e privado, esta categoria de análise foi dividida em duas subcategorias: 1) A trajetória até chegar na Unesp e 2) O trabalho na Unesp, tendo em vista que este último foi a principal, senão a única, atividade profissional exercida pelos entrevistados.

Tabela 1 Caracterização da população de estudo (servidores técnico-administrativos e docentes entrevistados) Unesp/Câmpus Rio Claro

N. do Entrev	INSTITUTO		FUNÇÃO		SEXO		IDADE (anos)	ESCOLARID	EST.CIV.	IDADE INÍCIO TRABALHO (anos)	IDADE INÍCIO UNESP (anos)	IDADE QUANDO APOSENT (anos)	TEMPO TRABALHO UNESP (anos)	TEMPO APOSENT (anos)	CARGO CHEFIA		
	Unidade	IB	IGCE	TÉC.-ADM.	DOCEE	M									F	SIM	NÃO
1	X	-	-	X	X	-	70	Superior	Casado	31	31	67	35	03	X	-	
2	X	-	-	X	-	X	65	Superior	Viúva	19	29	54	25	11	X	-	
3	X	-	X	-	X	-	75	Fund incompl.	Casado	07	47	66	19	09	-	X	
4	X	-	X	-	-	X	57	Superior	Casada	13	20	52	31	5	-	X	
5	-	X	-	X	X	-	70	Superior	Casado	22	36	59	23	11	X	-	
6	-	X	-	X	-	X	65	Superior	Solteira	14	34	55	20	10	X	-	
7	-	X	X	-	X	-	57	Fundam.	Casado	12	35	56	21	1	X	-	
8	-	X	X	-	-	X	68	Ens. Médio	Viúva	9	30	57	27	11	Subst		

#### 4.1.1.1. A trajetória até chegar na Unesp

A entrada no mundo do trabalho aconteceu muito precocemente para cinco dos entrevistados, sendo que dois deles iniciaram ainda na infância, com 7 e 9 anos, e outros na adolescência, com 12, 13 e 14 anos, geralmente em trabalhos informais, com baixa remuneração, executando diversas atividades dentro do mesmo emprego. Chama a atenção o fato de que todos os servidores técnico-administrativos tiveram uma inserção precoce no mundo do trabalho.

Diversos estudos, abordando diferentes aspectos da vida ocupacional, apontam que o trabalho precoce é determinado por múltiplas causas, entre as quais fatores sociais, políticos e econômicos (ALBERTO, 2002; LACERDA et al., 2014). Além disso, existe o fator ideológico, presente nos valores dominantes na sociedade, que leva a criança e o adolescente das classes populares a ingressar no mundo do trabalho como uma forma de ocupar o tempo e aprender um ofício, sendo entendido não só como uma necessidade, mas também como uma virtude (VOGEL; MELLO, 1991). Esta situação era especialmente presente na época em que os entrevistados no presente estudo eram crianças.

Embora a história ocupacional da maioria dos entrevistados seja representada por um longo e fragmentado percurso até ingressar na Universidade, o trabalho aparece como positivo, como observou Bressan (2011) em sua pesquisa na UFV e que pode ser observado nos trechos transcritos a seguir. As falas obedecem a ordem crescente da idade em que cada entrevistado começou a trabalhar.

O Entrevistado 3 foi o que mais cedo começou a trabalhar (7 anos) e o que começou a trabalhar na Unesp com mais idade (47 anos).

*Comecei a trabalhar com 7 anos de idade – buscar leite, depois entregar marmita na cadeia – ganhava bem pouquinho (trinta mil réis)” [...] Trabalhei em fábrica de refresco – na esteira e encher caminhão. Logo que saí livre do Tiro de Guerra, trabalhei em cerâmicas de louça [outra cidade], em grandes empresas. Quando entrei na Unesp estava trabalhando em uma construtora – pedreiro, tinha um tempo que cozinhava prá turma. [...] Trabalho sempre gostei – Graças a Deus – sempre procurei fazer o melhor. Na Unesp mesmo, nunca levei nenhum atestado. Sempre gostei de trabalhar – fui um bom trabalhador. Tudo que fazia gostava de fazer bem feito. Teve um único serviço que fui mandado embora – um colega fazia brincadeira que não gostava e eu não aceitei. Sempre eu que saía do serviço, pedia demissão.*

A centralidade do trabalho na vida humana, como destacado por França e Vaughan (2008), Novo e Fôlha (2010), Bressan (2011), Bitencourt et al. (2011), entre outros, fica evidente nas colocações feitas pela Entrevistada 8.

*Comecei a trabalhar com 9 anos de idade – fui babá de 3 crianças [...] – eu estudava à noite, e de dia eu trabalhava. Não que meus pais exigissem que a gente fosse trabalhar jovem;*

*minha mãe e meu pai não queriam. Eu que ia arrumar emprego para mim – não que era perto – eu atravessava toda a cidade. Depois, com 13 anos eu fui trabalhar em fábrica e também em uma loja – eu fui escriturária. Eu mesma que arrumava serviço para mim – vontade de progredir, de ter as coisas, de proporcionar uma vida melhor para minha mãe. Foi numa época em que era muito difícil. Nós não éramos registrados, não tínhamos direito a nada – e o salário era bem pequenininho. [...]*

*[Quando acabou o ginásio] eu continuaria a estudar se fosse à noite, porque de dia eu tinha que trabalhar – eu estava com 15 anos. E com 15 anos eu tinha que trabalhar mesmo. Fui trabalhar, casei, fiquei desempregada porque onde eu trabalhava não aceitava mulher casada. Fiquei um tempo desempregada...*

*Quando eu já tinha tirado os papéis para o casamento, minha mãe ficou doente e, quem tinha que cuidar da mãe? Eu, né? Meu pai intimou várias vezes para eu parar de trabalhar e cuidar da mãe. Mas eu fazia as coisas [para ela] de manhã e trabalhava à tarde. Eu tinha uma disposição que nada fazia frente para mim! Saí de lá, casei e fiquei uns tempos em casa. Mas, [além de cuidar da mãe] o que eu ia fazer em casa? Eu sabia costurar, fui aprender corte e costura por bobeira. Mas, eu tinha uma coisa pra fazer em casa – eu tinha mais de 100 freguesas de costura – eu costurava de dia e de noite – eu não parava um minuto. Aí nós demos uma endireitada na vida. [...] Fomos morar perto do cemitério, e eu perdi minhas freguesas. Então eu fiquei bordando para fora – eu sabia bordar também – eu não ficava parada.*

*Trabalhar era muito bom. Eu nasci, cresci, vendo meus pais com dificuldade. Mas, a gente sempre pensa em progresso (emoção). Trabalhar, porque só trabalhando a gente vai conquistar alguma coisa.*

*Meus pais também eram trabalhadores; sempre ensinaram muita coisa boa...*

O Entrevistado 7 reflete a realidade de uma significativa parcela dos trabalhadores do município de Rio Claro, que iniciaram suas atividades de trabalho na Guarda-Mirim. Em alguns casos, como aconteceu com este entrevistado, o menor, ao atingir a idade mínima para o trabalho, passava a ser contratado diretamente pela empresa em que prestava serviços por meio da Guarda-Mirim, a convite dos patrões.

*Iniciei trabalhando com 12 anos de idade, na Guarda-Mirim, por três anos. Trabalhei no trânsito, papelaria, supermercado e lojas. Na última loja, o dono falou para eu sair da guardinha para trabalhar direto com ele – trabalhei 3 anos – dos 15 aos 18. Quando completei 18 anos me dispensou por causa do Tiro de Guerra [serviço militar]. Fiz 6 meses de Tiro de Guerra; durante este tempo trabalhei como servente de pedreiro. Depois trabalhei em várias fábricas [em Rio Claro e outro município]. Na época era fácil conseguir serviço e eu não aguentava desaforo – pedia para sair ou era demitido. Depois trabalhei em um órgão municipal e dali vim para a Unesp – até o dia de ontem praticamente. [...] Eu não me arrependo de nenhum serviço que trabalhei. É que eu não aguentava desaforo. Não gosto, não admito coisa errada. É que em firma tem muito disso, impunidade. Quando eu ia cobrar, o pessoal dizia não é assim – então eu pedia a conta ou mandavam embora.*

A Entrevistada 4 começou a trabalhar com 13 anos. Suas colocações reforçam as feitas anteriormente pela Entrevistada 8, onde o trabalho é visto como uma forma de se conseguir melhores salários e, portanto, uma vida melhor.

*Quando terminei o 4º ano – estava indo para o 5º – [...] se eu quisesse continuar a estudar, teria que trabalhar. Então fui para o Colégio – trabalhava durante o dia e estudava à noite. Passei por vários lugares – sempre como balconista. [...] Depois, trabalhei em uma instituição para crianças [...]; uma experiência incrível. Trabalhei três anos. Fui como se fosse uma mãe para elas – me tinham como mãe. Na apresentação do dia das mães elas me escolhiam para presentear [...] Tinha umas 50 crianças, mas tive uma encrenca com a chefia [...] e eu achei melhor sair e procurar outro rumo. Passei por vários lugares – sempre me aprimorando, procurando um salário melhor. Tinha prestado concurso Unesp – passei e fui para lá.*

Para a Entrevistada 6, seu primeiro trabalho marcou-a de tal forma que ela pretende trabalhar voluntariamente com alfabetização de adultos. Foi a única entre os irmãos a cursar ensino superior.

*Comecei a trabalhar – sem carteira assinada – alfabetizando adultos, aos 14 anos, em uma igreja [...] Tinha que achar o lugar para dar aula e arrumar os estudantes – ganhava alimentos (1kg de leite em pó, 1 de farinha milho, etc.). Foi uma das coisas mais gratificantes que fiz na vida – alegria ver um senhor de 70 anos assinando o nome. Tenho vontade de voltar a fazer isso. Com 18 anos, fiz concurso para regente de ensino. Terminando o Normal, fiz outro Concurso – dava aula de tarde, de noite – e fiz vestibular. Todos meus irmãos pararam de estudar – só eu não parei. Vestibular na minha terra era super difícil [...] – tinha prova oral e prova escrita. Fiz faculdade e mestrado e fui convidada para trabalhar em um Instituto de Pesquisa [...] Também ia ter concurso na [Universidade] Federal e para o Ministério. Fui me aconselhar com um professor que eu respeitava muito e ele disse assim: ‘universidade você vai ter o resto da vida, instituto de pesquisa também, mas o projeto do Ministério é uma oportunidade única’. Eu segui o conselho dele e foi o maior aprendizado da minha vida inteira. Isto foi no começo dos anos 70 – experiência rica. Eu queria fazer doutorado, mas o Ministério não me deixava. Foi quando surgiu o concurso aqui para a Unesp e que me liberava para o doutorado.*

A Entrevistada 2, começou a trabalhar aos 19 anos de idade, mas seus irmãos mais velhos aos 12 anos. Ela e outra irmã cuidavam da mãe, que tinha problema de saúde.

*Quando entrei faculdade [...] já no primeiro ano peguei algumas aulas, substituindo licenças médicas, gestantes, etc. No segundo ano comecei a trabalhar mesmo – dava aulas à noite no 4º ano do ensino fundamental. Depois da 5ª à 8ª e no colegial. [...] Dei aulas em escolas públicas de muitos municípios do interior, próximos à minha cidade. Fui fazer Doutorado [na Capital] e dava aula lá e em uma faculdade particular de um município próximo, um dia da semana. Na época tinha prestado concurso de efetivação no Estado – adorava dar aulas no colegial – e tinha passado. O Diretor do Colégio não queria que eu saísse – ‘eu consigo até três anos afastamento sem vencimentos’. Não quis, porque qualquer dificuldade que eu tivesse eu voltaria para trás. Fiz concurso e vim para a Unesp.*

A vida profissional do Entrevistado 1 ocorreu efetivamente aos 31 anos de idade, quando ingressou na Unesp, inicialmente em outro Câmpus, onde permaneceu cerca de um ano. Antes disso - ao final do curso secundário (científico) - em um período de dificuldade financeira, trabalhou durante as férias em um serviço com jornada de 10 horas por dia, em câmara fria. Teve problemas de pulmão e saiu. Durante a pós-graduação auxiliava o orientador em aulas da graduação.

O Entrevistado 5 também começou a trabalhar formalmente como professor universitário, aos 22 anos, em outra universidade pública. Antes disso, durante a graduação, participou em duas ocasiões de um trabalho informal durante as férias de final de ano, num total de 6 meses, colaborando na elaboração de material didático para o ensino médio.

#### *4.1.1.2. O Trabalho na Unesp*

Ter um emprego que garanta o próprio sustento e de sua família é uma preocupação de milhares de brasileiros, especialmente um emprego fixo, que respeite a dignidade humana, com salário certo, justo e pontual que permita planejar a vida com maior segurança e previsibilidade. Isto, em tese, pode ser alcançado quando inseridos no setor público (BRASIL, 2005), onde havia a possibilidade de proventos integrais na aposentadoria e paridade com os vencimentos dos trabalhadores em atividade.

Assim, é muito comum que quem entra no serviço público permaneça trabalhando na mesma instituição por muitos anos, geralmente até chegar à aposentadoria. Esta realidade é ainda mais presente em um município de médio porte, sem muitas oportunidades de emprego, como é o caso analisado no presente estudo. Mas esta situação vem sendo alterada com as mudanças nas regras da aposentadoria pública e na contratação pelo regime de trabalho da CLT.

Como pode ser observado na Tabela 1, todos os entrevistados tiveram um longo tempo de trabalho na Unesp (de 19 a 35 anos), onde se aposentaram. Os dados coletados na presente pesquisa corroboram os encontrados em outros estudos (DEPS, 1994; BRAGANÇA; 2004; BRESSAN; 2011) demonstrando que as universidades públicas são opções de emprego onde as pessoas ficam até o final da vida laboral. Este fato cria tal identificação da pessoa com seu local de trabalho que alguns ficaram conhecidos como “fulano da Unesp”. Vários entrevistados acompanharam o processo de consolidação da Unesp em Rio Claro, sendo testemunhas vivas desta história. A seguir, são destacados relatos dos servidores

entrevistados, especificamente a respeito do trabalho na Unesp. Estes relatos são apresentados na sequência do menor para o maior de tempo de trabalho na Unesp.

O Entrevistado 3 começou a trabalhar na Unesp aos 47 anos de idade, depois de quase 40 anos de atividades laborais, muitas delas sem registro. Assim, trabalhou na Unesp por 19 anos, até o dia da sua aposentadoria, quando estava com 66 anos de idade. Contratado numa época em que não era exigida maior escolaridade, possui ensino fundamental incompleto. Não completou a educação formal durante todos os anos em que trabalhou na Unesp e não ocupou cargo de chefia, apesar de referir ter sido convidado. Por um tempo exerceu a função de vigia, recebendo a classificação de Trabalhador braçal, atuando principalmente na varrição e limpeza.

*Tive oportunidade de ser chefe, mas não quis porque ia arrumar confusão com os colegas. Queriam me por na chefia porque viam o serviço da gente.*

*Gostava do que eu fazia, nunca tive problema com administração. Tive problema com um colega que quis me prejudicar porque eu chamei a atenção dele porque ele gostava de brincadeiras de bobagem – eu falei não aceito este tipo de brincadeira [...] a gente sempre foi crente. Ele pegou bronca, quis me prejudicar – reclamou umas três vezes, mas o diretor nunca me chamou. Ele quis me prejudicar, mas eu gostava do que fazia. Teve até uma Psicóloga – ela falou ‘você nunca se queixa de nada’. Eu estava sempre louvando, sempre cantando. Algum criticava – que eu não sabia cantar – canta mal prá danar – eu não sei mesmo cantar mas a Bíblia diz ‘quem tem fôlego, que louve ao Senhor.*

A Entrevistada 6 começou a trabalhar na Unesp com 34 anos, onde ficou por mais de 20 anos, até se aposentar, com 55 anos de idade. Ocupou diversos cargos de chefia.

*Agora que eu vejo que era menina – mas na época eu considerava que já tinha lutado tanto.*

Ao falar sobre o prazer em ser professora, disse:

*Eu fiz teatro amador na minha juventude [...]. Eu não fui atriz, mas eu sou uma atriz; eu dizia isso para os alunos. Porque quando eu chego na sala de aula eu digo ‘câmera, ação’... Porque se um professor não usar os artifícios da voz, do olhar, da expressão corporal, ele vai ter muito mais dificuldade para prender a atenção do aluno. Uma voz monocórdica faz qualquer um dormir. Um olhar: a forma como o professor olha. E algo que eu digo sempre: o peso moral do professor, que eu acho que hoje está se perdendo muito. Peso moral não é autoritarismo – mas é o aluno lhe respeitar, saber primeiro que você é sério, que você se sabe, sabe, se não sabe, diz não sei [...]. Para mim é um profissional que está sendo formado – eu vejo as características, respeito – mas quero que me respeite também – e sempre me dei bem – eu nunca tive grandes problemas com aluno.*

*[...] E a pesquisa – eu não consigo dissociar docência da pesquisa. [...] você mostrar para o aluno – é gozado porque no começo você mostra e eles dizem ‘eu não estou vendo nada – só você que vê’. E eu digo, mas olha, e de repente você percebe o cara PÔ! (gesto de espanto) Eu acho que ser professor é algo ... [muito bom]. Mas eu não queria, não gosto e não concordo com essa obrigatoriedade de coisas de três mil e teretê... [avaliação quantitativa].*

*Tudo na vida são ciclos: no outono você fica introspectivo, você pesquisa, você busca. E chega o momento da primavera: então é hora de publicar. Mas você pode passar cinco anos, dez anos sem ter material para publicar. Não significa que você está ocioso; e isso as instituições de fomento à pesquisa não entendem. Porque ficou mercantilismo – o modelo americano. As indústrias bebem nas pesquisas da universidade e a universidade começa quase que com um processo de ‘prostituição’. E aí eu fico pensando: forma bons profissionais? Eu tenho minhas dúvidas. Porque a urgência para resultados é incoerente com a capacidade do ser humano amadurecer. [...] Eu não gosto da forma como é conduzida a universidade – não só na Unesp ou no Brasil, mas no mundo. A relação professor-aluno é relegada ao terceiro plano: você dedicar seu tempo ao aluno não é valorizado. O que é valorizado é quantos ‘papers’ a pessoa publica – não que seja errado você publicar ‘papers’, mas eu acho que professor que só dá aula do que lê é um papagaio – ele tem que ter uma pesquisa própria para ele dar opinião por experiência daquilo que ele estudou. Isso é que é o grande barato do professor – é você ensinar o pulo do gato – coisa que você não encontra no livro. É você dizer ao aluno – dando dicas – ver que o cara descobriu, pegou, isso é que coisa que não tem.*

O Entrevistado 7 é o único servidor com regime de trabalho celetista. Iniciou o trabalho na Unesp quando tinha 34 anos e trabalhou na instituição durante 22 anos, até o dia de sua aposentadoria, com 56 anos de idade. Ocupou cargo de chefia durante quatro anos.

*Aqui [Unesp] foi ótimo. Foi um dos melhores serviços. [...] Também trabalhei em festas da Unesp e 11 anos no cursinho – à noite [fora do horário de trabalho]. Quando trabalhava à noite – por 6 anos – trabalhava de pedreiro na praça, depois do almoço. Se eu pudesse nascer de novo, eu queria trabalhar na Unesp de novo. O círculo de amizades que tenho aqui é muito bom.*

*Eu sempre fui divertido, brincalhão. Depois que passei a trabalhar na Unesp eu virei mais jovem porque aqui a gente vive muito com os alunos, né? Trabalhei 11 anos no cursinho, alunos, 22 anos em festas, alunos, jovens, então eu me sinto um moleque no meio deles. Só a carcaça que é velha, mas o espírito...*

O Entrevistado 5 começou a trabalhar na Unesp aos 36 anos de idade, onde trabalhou durante 23 anos, aposentando-se com 59 anos. Ocupou cargos de chefia em diversos níveis.

*Para mim, trabalhar na universidade sempre foi muito bom, sempre foi um prazer – os percalços, as coisas, faziam parte do próprio trabalho e não eram obstáculos intransponíveis – então a coisa corria naturalmente, tanto gostava que aposentei e não saí, - por isso mesmo, se fosse uma coisa que tivesse problema, detestasse: parei, não quero mais ver.*

*Destaco as oportunidades de participar de congressos, viajar bastante, conhecer outros locais, fiquei um ano [no exterior] – pós-doc – e a família foi junto. Depois, os destaques maiores foram na parte da administração, porque a hora que eu comecei a me destacar na carreira, ocupei cargos de chefia administrativos [até os mais altos da hierarquia do Instituto].*

A Entrevistada 2 começou a trabalhar na Unesp com 29 anos de idade. Aposentou-se após 25 anos de trabalho na universidade, quando tinha 54 anos de idade. No total, foram 35

anos de docência. Ocupou diversos cargos de chefia e assessorou a Reitoria por muitos anos. Fez pós-doutorado no exterior.

*Tinha muito prazer com o meu trabalho. Principalmente dar aulas. Largava tudo para ficar com meus alunos. Aulas em todos os níveis, até na pós.*

A Entrevistada 8 começou a trabalhar na Unesp aos 30 anos de idade, onde permaneceu por 27 anos, quando se aposentou aos 57 anos. Concluiu o ensino médio após entrar na Unesp, porém com esforço próprio, sem liberação de horário. Por vários anos foi substituta da chefia.

*Eu era escriturária – Administrativo hoje. [...] Comecei na graduação – foi muito bom. Eu tinha um chefe maravilhoso que me ensinou todo o serviço. Eu fazia os diários de classe e tinha que entregar um para cada professor; fui fazendo amizade com eles. Naquela época, os institutos não eram separados. Aí repartiu e fui trabalhar no IB. Você não conheceu todos os docentes das Ciências Sociais, ... eles construíram a universidade... Porque, na verdade, os antigos como eu levantaram a Unesp. Eu amassei barro vermelho lá. Quando eu entrei era Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (1976), antes de formar a Unesp. Nós funcionários antigos criamos a Unesp – porque se não dependesse dos funcionários, dos alunos, dos docentes, da força de vontade de cada um, isso não ia para a frente. Porque não é qualquer um que vai amassar barro. [...] Se não tiver esse entrosamento, não cresce, não cresce. Eu amei trabalhar na Unesp.*

*Depois eu estava emprestada na biblioteca. Eu queria muito vir para cima, foi justo quando meu pai faleceu – e a minha mãe estava meio desorientada, eu tinha uma criança pequena, eu não podia pagar uma empregada e aqui era mais fácil para mim. [morava próximo ao Câmpus Santana] Cheguei aí, não sabia nada de biblioteca – fui aprendendo. Aí eu fui ficando... Como não tinha acordo, fiz o concurso interno em 1983, 84 e fui para a Finanças. Eu me dei muito bem com a parte financeira, que era o meu forte – e aí eu descobri que eu tinha dom para aquilo mesmo – e aí fiquei até eu me aposentar – e as pessoas lá falavam – que eu não ia sair de lá –*

*Eu já vou me aposentar por um motivo grave, muito grave, eu não vou passear tanto, eu vou cuidar de um doente. Então, cumpro com minha missão, né?*

*Eu era primeira substituta da chefia – por 10 anos – até eu me aposentar – um pouquinho antes de me aposentar, falei para ela me tirar, já treinar outra pessoa, porque não pode largar de qualquer jeito, né, e nós passamos a outra pessoa.*

A Entrevistada 4 tinha 20 anos quando começou a trabalhar na Unesp, onde permaneceu por 31 anos. Também ficou até o dia de sua aposentadoria, quando tinha 52 anos. Possuindo curso superior, ocupou o cargo de secretária do departamento onde trabalhava, mas não assumiu nenhum cargo de chefia na instituição.

*Trabalhar Unesp é enriquecedor, é amor – o que mais? – prá mim aquilo lá é... Sempre fui secretária de departamento; trabalhei com todos os docentes que passaram por lá. Trabalhei quando funcionava no Horto e depois foi para a Bela Vista. Passei por essa transição – construção, equipamentos modernos, departamento amplo. Nossa, aquilo foi demais para mim.*

*Depois, os docentes vão se aposentando e vêm novas safras e eu não conseguia mais pensar com a cabeça deles – comecei a entrar em atrito. Mas, nossa, era muito bom, muito bom – e ser secretária de departamento, meu Deus, eu me achava responsável, não sei se era isso mesmo, mas eu me achava responsável por tudo lá [...] Naquela época telefone era muito mais complicado do que agora e também tinha as atas, eu que tinha que fazer. Enfim, passei por tudo – as máquinas de datilografia manuais, até a elétrica, depois computador ... é uma história bem interessante.*

*Foi muito bom trabalhar na Unesp. E também, além de trabalhar na Unesp, eu sempre gostei da política, de me envolver politicamente, desde o começo. No começo me envolvi mais com a associação (funcionários) – fui diretora da associação – depois da associação eu já fui para órgãos colegiados da unidade, depois da unidade fui para [os órgãos] centrais. Acho que passei por [quase] todos os órgãos lá. Depois, me envolvi no sindicato sempre participando ativamente quando necessário, nas greves. Enfim, sempre na busca de melhorias, principalmente para aqueles que são mais dependentes financeiramente, aqueles que ganhavam menos, sempre lutando por eles.*

Finalmente, o servidor que trabalhou por mais tempo – 35 anos – e, ressalte-se, que desenvolveu toda sua vida profissional na Unesp, foi o Entrevistado 1 . O mesmo começou a trabalhar com pouco mais de 31 anos de idade e aposentou-se quando já havia completado 67 anos.

*Fui contratado inicialmente em outro Câmpus, mas como o curso deixou de ser oferecido. Fui transferido para Rio Claro, sem participar da decisão.*

Acompanhou todo o processo de desenvolvimento do Campus em Rio Claro, desde o Horto até transferência para a Bela Vista.

*Sempre dei aulas – na graduação e pós-graduação – mesmo quando assumi [um cargo de direção na Instituição] – até o dia da aposentadoria. Gostava do que fazia – muito. Tive muitos orientandos na graduação e na pós – ajudei a formar muita gente. Tenho orgulho disso. A maioria está contratada como docente no ensino superior e alguns são coordenadores.*

O exame do conteúdo das falas dos entrevistados permite afirmar, juntamente com Bressan (2011), que realizou pesquisa semelhante com servidores da Universidade Federal de Viçosa - UFV, que, “apesar da heterogeneidade nos sentidos que cada indivíduo dá ao trabalho, é possível tecer aproximações em seus discursos que definem, de maneira geral, a relação desses sujeitos com o trabalho” (p. 43).

A análise da categoria “Trabalho” vai ao encontro dos achados de outros estudos, como o realizado por Bressan (2011), que apontam que o trabalho, apesar das transformações pelas quais vem passando, “ainda ocupa lugar central na vida dos indivíduos na contemporaneidade” (p. 43).

Ressalta-se que nesta pesquisa realizada na Unesp pode-se constatar, assim como Bressan (2011), uma “significação predominantemente positiva do trabalho” (p. 43) para os entrevistados, o “que revela uma vivência mais prazerosa do que permeada por sofrimento” (p. 43).

Em uma pesquisa feita em milhares de escolas brasileiras, Codo (1999) identificou que 86% dos 52 mil professores da rede pública de ensino de 1º e 2º graus mostraram-se satisfeitos com seu trabalho, apesar das dificuldades que enfrentavam. Foi realizada também uma abordagem sobre o comprometimento afetivo ao trabalho de professor e os resultados mostraram que mais de 90% dos professores estavam comprometidos com a organização em que trabalham, identificam-se com seus objetivos, defendem a escola de críticas externas e não estão arrependidos por fazerem parte dela. Outro dado interessante desta pesquisa é que quase 90% dos pesquisados percebem ter o controle sobre o trabalho (CODO, 1999).

#### 4.1.2. Momento da Decisão e Planejamento da Aposentadoria

A decisão pelo momento de formalizar a aposentadoria não é uma questão simples, nem orientada apenas pelo calendário. Para muitos trabalhadores, aguardar alguns meses após ter cumprido as exigências legais da aposentadoria pode representar ganhos de valores adicionais, como a incorporação de gratificações, especialmente no caso de funções de chefia ou supervisão, ou acréscimos em virtude de quinquênios, por exemplo. Além disso, é preciso um tempo para trabalhar a ideia de romper com algo que fez parte de sua vida por tanto tempo. Algumas pessoas também precisam planejar o que fazer nessa nova etapa da vida, especialmente se a aposentadoria representar uma redução nos vencimentos. (BRAGANÇA, 2004; ZANELLI et al., 2010; BRESSAN, 2011).

Assim, muitos dos entrevistados do presente estudo já contavam com o direito à aposentadoria algum tempo antes de se aposentarem efetivamente, sendo que a decisão pelo momento da efetivação da aposentadoria esteve ligada a motivos diversos, como pode ser observado em suas falas, que são apresentadas na ordem em que os entrevistados aparecem na Tabela 1.

O Entrevistado 1 teve uma dupla motivação. Por um lado, a ideia de abrir espaço para novos professores, e por outro, uma certa desilusão com a situação atual da docência:

*Algumas coisas que planejei [...] era para gradativamente me desvincular; não ficar a vida inteira. Minha função é importante, mas vou dar uma chance a outra pessoa começar a carreira universitária. No momento que completei o tempo de trabalho, decidi aposentar por*

*este motivo. Para ser sincero, nos últimos dois anos comecei a ficar desiludido com parte do corpo docente; alguns deles não muito preocupados em aprender, mas sim curtir a universidade. [...] Não aceitava que parte não prestava atenção às aulas. Não porque a disciplina não era atrativa; uma parte tinha participação ativa, elogiava a disciplina. Mas, determinada parte, depois do intervalo, não voltava às aulas. Sexta-feira, que era dia da minha aula, era o dia da balada. Ficava desanimado. Preparava aula de 4 horas e em determinado momento sentia que minha aula não estava sendo muito agradável para parte dos alunos ...*

*Quando completei o tempo de serviço, esperei mais quatro meses. Aí disse: ‘vou parar; uma hora tenho que descansar’. Do ponto de vista financeiro eu imaginei: eu recebi o abono de permanência durante dois anos e agora eu não vou receber mais esse adicional. Será que vai fazer muita diferença em termos salariais? Outra coisa, enquanto eu estava trabalhando eu tinha uma bolsa do CNPq, isso também dá uma diferença. Aí ficava com aquela preocupação: e aí, agora? Podia ter continuado com a bolsa, mas aí eu tinha que continuar fazendo pesquisa. Mas eu falei: não, eu não quero mais isso, eu quero ficar perto da família, eu quero aproveitar a vida de uma outra forma, não só em termos de trabalho, mas levar uma vida pessoal, próxima dos familiares, etc. Mesmo na ausência desses recursos, do adicional e da bolsa produtividade, não houve nenhuma diferença, não. Diminui um pouquinho, mas pouca coisa.*

*Encontrei um colega outro dia na rua. Ele não se aposentou ainda ele falou: ‘você sente falta da faculdade?’. Eu falei falta eu não sinto, vou ser muito sincero. Eu sinto falta das coisas boas que eu passei na universidade – do futebol, churrascos, que era divertido. Das reuniões. Falta, falta eu não sinto. Eu acho que cada fase da vida tem sua beleza. A gente tem que entender que a gente é importante não só em função do trabalho. [...] É muito importante também ter ciência de que eu posso ser útil de outras formas, e não só em coisas voltadas para o meu trabalho. Eu sempre pensei assim. Mas enquanto a gente não se aposenta, não tem noção se isso é verdadeiro ou não. Só vai ter essa noção depois que você se aposenta. Mas só que alguns não conseguem se desvincular, e aí vem depressão, vem um monte de problemas psíquicos que, graças a Deus, eu não tenho.*

*Eu sempre pensei nisso (na aposentadoria). Mas foi mais acentuado nos últimos três anos antes de aposentar. Por volta de 2008, eu já estava com isso na cabeça. [...] Acompanhava aquela preocupação porque fulano de tal entrou em depressão, não se conforma que agora não tem mais o que fazer....*

A Entrevistada 2 diz:

*Não fiz nenhum planejamento para aposentadoria. Não fui conversar para decidir me aposentar. Decidi porque era o que queria da vida. Era uma etapa que estava acabando; podia começar outra, ou não.*

Ela fala:

*Começou quando o governo começou a enrolar. Como enrolaram muito eu fiquei esse tempo todo... Mas aí eu já tinha foco na aposentadoria. Conversei muito com todos os meus amigos mais próximos. Eu falei: quando eu não tiver mais prazer em entrar na sala de aula, eu saio.*

Assim:

*Foi um conjunto de coisas. Mudança de postura de minha parte, porque esse conjunto de coisas já acontecia. A universidade não muda, fica-se discutindo o 'sexo dos anjos' desde que eu entrei na universidade.*

No entanto, ela reflete:

*Aposentadoria - não a minha, porque a minha eu pensei muito – eu acho que tem gente que saiu sem estar preparado. Um professor entrava na [minha] sala todos os dias pra falar da aposentadoria – dizia: 'Vamos ou não vamos?'. E todo mundo dizia [para mim]: 'Não se aposente, porque você não tem o estilo, você não consegue ficar parada'. Eu não pensava assim. Uma amiga saiu e estava muito bem, fora. Está ótima. Um professor saiu, com muito sacrifício. Eu não aguentava mais ele na minha sala perguntando.*

*Eu já queria sair. Todos dizendo que eu já tinha tempo de acordo com a lei – 25 anos. Eu considerava já direito adquirido. Mas estava todo mundo com medo. Então, fiz uma consulta se realmente na proposta do governo teria perda do direito ou se era 'expectativa de direito – não direito adquirido'. Todos me responderam que não seria mexido – mas sim para os que entravam. Mas aí tudo virou, não saiu a reforma. Mas uma amiga disse que sairia, [aquele] professor também. Eu acho que ele já tinha tempo. Outro professor saiu por medo... Muitos saíram com medo da reforma.*

Ela diz que consultou setores da universidade, do Congresso e do Governo para saber o que aconteceria.

*Mas diziam que não sabiam que proposta iria vencer, porque não existia uma diretriz. E diziam para eu fazer o que achava que devia fazer. Aí eu saí... Foi um conjunto de fatos. Vou fazer outra coisa. Eu não tinha elementos e a universidade estava caminhando para uma área – que eu não vou dizer que é ruim, é um tipo de universidade. E eu queria era cuidar dos alunos: o que não era prioridade. Aí saí. Aposentadoria integral.*

E completa:

*“A vida é feita de etapas. A etapa que você está, você que trate de viver intensamente cada etapa que você está. A outra é outra”.*

Para o Entrevistado 3, os motivos que o levaram a decidir que iria se aposentar foram as regras trabalhistas. Por ter entrado tardiamente na Unesp, já com 47 anos de idade, não conseguiria aposentadoria integral e teria que sair aos 70 anos, por força da aposentadoria compulsória. Mas outro motivo foi o fato de se sentir “cansado”, pois mora distante da Unesp e fez o trajeto por muitos anos de bicicleta. Ele diz:

*Aposentei antes dos 70 anos porque mesmo com 70 anos não seria integral, e eu estava mesmo cansado. Uma vez uma pessoa me perseguiu, confundiu com outra pessoa. Saía muito cedo, às 5 horas da manhã. Comecei me sentir meio cansado também. Achei que estava na hora....*

Ele diz que não fez planejamento para sua aposentadoria:

*Eu sabia que ia ficar mais difícil, porque tinha vale-refeição. Sabia que ia cortar tudo isso, porque quando foram os papéis para São Paulo... Perdi [parte do meu salário]. Não sou muito de conversar: já tinha as informações. A gente sempre procurou fazer uma 'caixinha'*

*depois que entrei na Unesp. Sempre gostei de ter uma ‘reservinha’: a gente não sabe o dia de amanhã. Dá pra ajudar um pouquinho os filhos. Sempre gostei de ajudar. Não posso me queixar. Em primeiro lugar é Deus: Ele cuida da gente.*

E completa:

*Não pedi muita opinião. Foi da minha cabeça mesmo. Já fui prevenindo. Já sabia quanto ia receber, o quanto ia perder.*

A Entrevistada 4 teve como motivação imediata o desentendimento com uma colega:

*Quando eu me aposentei, eu não estava preparada para me aposentar. Eu tinha tempo para me aposentar [naquele ano], mas eu não tinha pensado ‘nela’ ainda. Eu achava que o Departamento estava precisando de mim e não tinha ninguém para colocar no meu lugar, então eu fui enrolando essa decisão. Mas, eu tive uma discussão muito grande com uma funcionária [...] e assim, com a cabeça quente, fui lá na administração e pedi para assinar a aposentadoria. Daí já saiu imediatamente, vim para casa – eu perdi férias por exemplo. Podia ter pensado um pouco mais, minha carreira também, poderia ter esperado um pouco mais. [...] Mas se eu fosse pensar agora, se eu tivesse a minha cabeça de agora, eu não teria me aposentado, eu teria esperado mais um tempo. Depois que eu tivesse alguma coisa sei lá, mais concreta pra fazer, daí sim, eu teria saído. Foi à louca; foi na loucura mesmo, saí, fui lá....*

O Entrevistado 5 representa uma parcela de docentes universitários que se aposentam e continuam a atuar com Professor Voluntário, como relata:

*Eu saí em 2003, por causa da mudança da Constituição, porque eu ia perder algumas vantagens e aí então optei por me aposentar. Não me arrependo: eu incorporei todas as vantagens de antes de 2003. Porque senão eu teria perdido se tivesse aposentado depois. Assegurei, incorporei todas essas coisas; estou isento de problemas que alguns colegas estão tendo. [...] Eu não iria sair se não tivesse essa alteração; ficaria mais tempo na ativa. O motivo de me aposentar foi esse.*

Ao mesmo tempo, tomou outra decisão: não se desvincular totalmente da universidade.

*Não saí [completamente] porque o departamento me deu condições iguais de eu ficar o tempo que eu quisesse, renovando a cada 2 ou 3 anos essa permissão, [...] dando aulas na pós-graduação, fazendo pesquisa e tal. Mas só recebo pela aposentadoria. Quando me aposentei, era bolsista [de produtividade]. Fiquei com isso [a bolsa] até 2011. Decidi não renovar porque a intenção é de já parar, mesmo, ‘aposentar’. Tenho um último aluno de pós-graduação e um projeto que estou tocando. Após esse aluno defender, mais um ano....*

O entrevistado diz:

*Como tirei licenças-prêmio (vencidas) no ano anterior, esse período que fiquei de licença deu também para me organizar; como é que eu ia organizar o meu trabalho. Houve um certo planejamento. Não foi ‘decidiu ontem para sair hoje’. Durante o último ano fiquei pensando como iria ser, que trabalhos eram mais importantes para continuar....*

*Conversei sobre legislação com outros amigos que estavam se aposentando no mesmo ano, para não perder vantagens também. Andávamos conversando sobre essa parte e em alguns casos também como seria isso [aposentadoria].*

E completa:

*Como houve uma transição, fui diminuindo as coisas aos poucos, não houve necessidade de fazer uma preparação, foi uma coisa bem natural...*

A Entrevistada 6 teve como motivação fundamental para definir o momento de se aposentar o adoecimento de sua mãe. Assim, diz:

*Eu achava que eu só sairia na compulsória; porque eu fazia o que gostava. Até hoje eu não acredito que [me] aposentei; nem meus alunos até hoje não acreditam [...]. Mas Deus é de uma misericórdia muito grande comigo – com todo ser humano – mas eu tenho essa percepção. E também acredito que a vida é feita de ciclos: a infelicidade vem porque a gente não identifica, nem aceita esses ciclos. Você não percebe a hora de fechar um, para começar o outro. Eu, graças a Deus, só percebi depois. Vejo como Deus foi misericordioso: se eu tivesse tido que me aposentar abruptamente, não sei o que teria sido de mim. A minha mãe começou a precisar de mim: foi isso que me levou a [me] aposentar.*

Refere que na fase inicial da doença utilizou as licenças-prêmio que estavam acumuladas. Ao terminar o que tinha direito, reassumiu o trabalho, mas não deu certo. Como já contava com tempo para aposentar-se, formalizou a saída. Ela diz:

*Eu fico sempre refletindo assim: eu acho que [a forma] como a gente vai se aposentar começa a ser escrito antes da gente começar a trabalhar: quais são seus interesses na vida, quais são os seus anseios na vida. Se você tem um anseio assim ‘aquela profissão’ [é tudo], quando você parar, então você vai morrer. Agora, se você fala: eu gosto disso, eu gosto daquilo, aquilo também me interessa – acho que você tem um espaço. É isso que sinto.*

Ela diz que não fez planejamento para a aposentadoria:

*Não foi nada planejado. As coisas vão acontecendo, entendeu? Mas nunca teve grandes elucubrações... Não acho que existe essa história de vocação: só para uma coisa, não. A gente é muito rico, se você quiser você se dá bem naquilo que você...*

Sobre a situação financeira, relata:

*As pessoas é que tem me procurado, pra saber se o salário dá para viver, se eu não fique frustrada, se eu entrei em depressão... o pessoal que não se aposentou... Eu acho interessante... Me perguntam... Eu sou do período em que a aposentadoria é integral. Eu sempre tive uma vida muito simples; continuo com uma vida muito simples. Dinheiro, a gente é que tem que por limites, porque se a gente não puser limites, a gente sempre precisa mais... Então, eu, sinceramente, não tenho o que reclamar. Não tenho. [Só] acho injusto a contribuição previdenciária [do aposentado]. Acho desonesto! Sei lá, você pagou a vida inteira...*

Quanto ao Entrevistado 7, o único celetista do grupo, cuja função era desenvolvida em regime de turnos, assim se expressou:

*...Estava cansado de trabalhar todo fim de semana, Natal, Páscoa, Ano Novo. Todo mundo ia viajar, passear, eu tinha que ficar trabalhando. Então, falei: quando der meu tempo, eu vou*

sair. Quero acabar de curtir minha vida passeando também, não só trabalhando. Esse foi um dos motivos.

Ele fala:

*Hoje em dia muitas pessoas que trabalham Unesp não são CLT, são autárquicos; já deu tempo e não saem por causa do 'valinho' [vale-alimentação]. Só que eu não nasci junto com o 'valinho'. Eu já cortei isso faz muitos anos. 'Valinho' é uma complementação para ajudar o funcionário. Tem que pôr uma coisa na cabeça: se ele não cortar o cordão umbilical do 'valinho', ele vai morrer aqui na universidade. Eu quero curtir um pouco a vida para fora.*

Diz que não fez planejamento.

*Porque o meu modo de pensar... Todo mundo fala: 'fica, você é novo para se aposentar, fica um pouco mais'. Eu já trabalhei demais – mais de 40 anos (desde os 12 anos de idade); tenho que dar espaço para outros. Se todo mundo que completa o tempo continuar, os jovens não trabalham. Minha parte eu já cumpri. Poderia estar ganhando até 10 mil reais por mês aqui, sabia que podia aposentar com 1.500 reais, eu aposentaria do mesmo jeito, porque eu quero curtir minha vida daqui pra frente. Minha parte já fiz. Não importa com quanto vou me aposentar, dando para comer e dar uns passeios de vez em quando; 100% resolvido.*

Para concluir a conversa diz:

*Sempre conversava com amigos. O pessoal dizia: 'Fica, você vai perder muito'. Eu dizia: não tem problema. Eu nasci sem trabalhar, né? Eu nasci, depois de 12 anos fui trabalhar, então, porque não vou sair?.*

A Entrevistada 8 teve uma somatória de motivos, com destaque para a necessidade de cuidar do marido e o medo das mudanças nas regras da aposentadoria.

*Aposentei em 2003. Eu tive que me aposentar antes, porque só faltava um ano e meio ou dois anos para eu completar 30 anos; mas eu tive que me aposentar antes porque meu marido ficou doente. Eu tinha 6 meses de licença prêmio para tirar, mas eu não tive acordo na minha seção – ou eu tirava tudo de uma vez assim, ou eu ... Na realidade, eu fiz 27 anos na Unesp e um ano fora [aposentadoria proporcional]. Perdi 20% para poder me aposentar. Foi justamente na época em que [aconteceu] um embaralhamento com as leis; ninguém sabia explicar nada. Liguei na Reitoria, passei um e-mail para o governo federal, para pedir explicações, se eu teria direitos adquiridos caso eu ficasse, né? Se eu tirasse a licença prêmio interinha eu passava o período que a lei seria instituída. Então eu não poderia ficar de maneira nenhuma mais na dúvida. [...] Como não houve um acordo [...] e daí com ele doente, eu não podia...*

Ainda quanto à decisão pelo momento da aposentadoria, destacou:

*A questão da legislação e a questão de saúde do [marido]. Ou eu ficava lá, e ia ver o que ia acontecer, ou eu saía para cuidar dele e abrir mão de 6 meses de licença-prêmio que eu fiz isso [gesto de suor na testa] para conquistar. Eu nunca faltei; trabalhava fora de hora... Nossa, demais!!! Mas não houve um acordo e eu preferi... [...] Mas daí é uma questão que você não tem alguém para te instruir...*

Quanto ao planejamento para a sua aposentadoria, ela fala:

*A gente sempre faz, você também vai fazer, você vai ver. Porque a gente tem que se planejar para sair, porque existe a responsabilidade; porque eu vou sair, vou deixar a pessoa aí, ao Deus dará. Quem sabe de muitas coisas, sou eu; eu quero passar o conhecimento para a organização, para ela funcionar, senão não funciona.*

Mas, reflete:

*Talvez, se eu tivesse conversado com alguém, eu não teria me aposentado, eu teria tido uma ajuda de alguém, nem que fosse para eu ter saído daquela seção. Mas eu pensava: eu vou ter que aprender o serviço daquela seção. Apesar de eu conhecer o serviço de quase todas as seções: eu 'rolei' (trabalhei em várias seções).*

Ela diz que também pensou na sua situação financeira:

*Quando eu vi que eu ia perder [parte] do meu salário, eu pensei muito. E ele doente, eu pensei mais ainda, porque eu sabia que as despesas iam dobrar. E eu também comecei a ficar doente [...] Então, eu fiquei muito preocupada. Mas ele me incentivava muito. Ele dizia: 'não é isso que vai fazer diferença'. Recebi o maior apoio do meu marido: 'eu quero que você aposente, sim, eu quero que você fique aqui comigo...'. Nessa época, nem se cogitava participar de palestras [de preparação para aposentadoria].*

Como se observa nas falas dos entrevistados, os motivos mais presentes na decisão do momento da aposentadoria foram a preocupação com as mudanças na legislação previdenciária, principalmente nas regras da aposentadoria dos servidores públicos, e a necessidade de cuidar de alguém da família. Também foram citadas a necessidade de descansar e a dedicação à família, além de dar oportunidade a novos trabalhadores.

Há relatos de que a preocupação com as mudanças na legislação previdenciária interferiu na decisão pela aposentadoria de servidores de diversos órgãos públicos, promovendo uma concentração de aposentadorias no ano de 2003. Alguns estudos, como os de Deps (1994) e Bragança (2004), referem que as alterações da legislação que rege a aposentadoria, realizadas nos anos de 1991 e 1998, também provocaram um acréscimo pontual no número de aposentadorias no serviço público naqueles anos.

#### 4.1.3. Aposentadoria

A realidade da vida após a aposentadoria apresenta diferenças entre os entrevistados, seja pela situação financeira, pelo regime de aposentadoria, pela continuidade ou não de atividades profissionais, ou ainda pela situação familiar. No entanto, existentes algumas semelhanças, como será visto a seguir.

Em relação ao regime de aposentadoria, cabe destacar que dos 8 entrevistados, apenas um está ligado ao Regime Geral de Previdência, com o benefício pago pelo INSS. Os demais eram servidores autárquicos, aposentados pelo Regime Especial de Previdência, como

acontece atualmente com a maioria de funcionários da Unesp e de outros órgãos públicos. Entretanto, nos últimos anos os servidores vêm sendo contratados pela CLT, o que mudará a realidade dos futuros aposentados.

Tendo em vista a multiplicidade de aspectos contidos na categoria Aposentadoria, que buscou identificar as diversas situações vivenciadas após a aposentadoria, foram definidas as seguintes subcategorias: Referências ao trabalho depois da aposentadoria, com vínculo ou voluntário, e à satisfação ou não com a vida de aposentado; Participação nas atividades oferecidas pelo município; Referências sobre o que mais gosta de fazer; Viagens; Religiosidade; Saúde e Hábitos; Atividade física; Amigos; e Cuidar de alguém.

As falas são apresentadas na ordem em que os entrevistados aparecem na Tabela 1.

#### *4.1.3.1. Referências ao trabalho depois da aposentadoria, com vínculo ou voluntário, e à satisfação ou não com a vida de aposentado*

O Entrevistado 1 continuou vinculado à pós-graduação durante um ano e meio depois de aposentado, porque aguardou seu último orientando concluir a pós-graduação, para, então, solicitar seu descredenciamento.

Falando sobre suas atividades depois da aposentadoria, ele disse que um amigo perguntou:

*‘E agora, nós vamos nos aposentar, o que nós vamos fazer?’*

Então, ele respondeu:

*Bom, eu sei o que eu vou fazer. Eu vou continuar a escrever os meus trabalhos científicos, vou continuar a ler sobre ciência, tecnologia, pesquisa e vou fazer as coisas que não tive tempo de fazer.*

E o amigo perguntou novamente sobre o que seriam essas coisas que ele não teve tempo de fazer. Ao que ele respondeu:

*Sei lá, jogar xadrez, pescar, curtir mais a família.*

Ele diz:

*Meu status atual: continuo me sentindo útil, ajudando alunos a escrever trabalhos científicos... Só nesses dois últimos anos, publiquei quatro trabalhos. Também tenho recebido convites para participar de eventos. Recentemente fui banca de tese de doutorado de uma [ex]aluna – fato bastante singular: o pai dela e ela foram meus alunos. Ela fez um agradecimento um  
ito bonito, me colocando como principal motivador da decisão dela abraçar a carreira universitária.*

Ele relata:

*Antigamente eu era mais ansioso, eu era muito responsável com as coisas que eu tinha que fazer. Eu preferia trabalhar à noite, mas terminar antes, para não deixar para última hora, sempre com essa preocupação de deixar passar alguma coisa errada... A ansiedade, vamos dizer assim, foi eliminada a partir do momento que me aposentei. Tenho consciência que eu fiz tudo que podia. De dar tudo que eu podia. O mais importante é isso aí.*

O entrevistado tem um filho que mora com ele, em função de um problema de saúde.

Sobre isso, o entrevistado diz:

*Ao longo da vida eu nunca pude dar a atenção que gostaria para meu filho. Hoje eu posso ficar mais perto dele. Felizmente ele se dá bem comigo, a gente conversa muito. Para mim, é importante ficar mais perto dele e dar mais atenção a ele.*

*Eu me sinto bastante feliz, graças a Deus. Hoje eu tenho mais tempo pra me dedicar à minha família. No geral eu passo muito mais tempo dentro de casa do que fora de casa. Então, hoje eu curto bastante.*

A Entrevistada 2 aposentou-se quando seu único filho estava saindo do ensino médio. Apesar de ter pensado em voltar a morar na cidade onde vivem seus familiares, continua morando em Rio Claro porque seu filho tem muitos amigos.

*As pessoas perguntam por que eu não mudo para a cidade onde meu filho está morando, eu respondo que é porque ele tem que cuidar da vida dele.*

Ela diz:

*Durante muito tempo atendia, ainda, orientandos de outros professores.*

Mas, fala:

*É mais complicado se meter na orientação de outro, do colega.*

Portanto, não está mais orientando.

Depois de aposentada, trabalhou durante um tempo na organização de cursos em ensino a distância. Apesar de ter se demitido desse emprego, por achar que não se adaptou, foi enfática ao dizer:

*Eu vivenciei alguma coisa que não conhecia. Teve momentos que aprendi muito, muito, muito. Tudo foi experiência. Gostaria de retornar. Não tinha nada a ver com o que eu fazia [na Unesp]. É um universo muito interessante, muito, muito, muito. Foi super gratificante. Aprendi muito. Acho que eu é que aprendi mais com eles. A gente fica no mundinho da gente, arrotando conhecimento, depois você sai e vê... Imagine o que tem por trás [desse trabalho]...*

Ela e uma amiga querem participar de trabalhos voluntários:

*[Minha] amiga que está vendo. Ficamos de marcar em um Centro-Dia [ligado a uma Instituição de Longa Permanência para Idosos].*

*Eu gostaria de trabalhar na área de ensino. Não sei onde. Gostaria [que fosse] com criança. Numa parte de lazer mais conduzida para jogos, despertar interesse em raciocínio. Minha amiga tem projetos belíssimos para quando se aposentar. Eu só acho que não podemos esperar muito. Não há necessidade de [esperar ela] se aposentar.*

O Entrevistado 3 comprou um terreno, um pouco antes de se aposentar. Começou a cuidar do terreno. Fez uma construção, onde mora com sua esposa. Mas, disse que está com vontade de vender, porque a esposa tem receio de ficar sozinha. Gostaria de voltar para a casa onde morava antes e que está cedida para uma filha.

Quanto a trabalhar depois da aposentadoria, diz:

*Não trabalhei mais pra fora, de jeito nenhum. Só fico fazendo as coisas aqui: limpando, construindo. Agora tenho a vantagem de liberdade de horário que eu precisava.*

Para ele:

*A desvantagem [da aposentadoria] é que não é integral, que não recebo os aumentos que os outros recebem.*

Disse que conversou com um amigo que falou que ele está sendo prejudicado.

*Fui falar no setor de Recursos Humanos, mas disseram que era isso mesmo, porque não era integral. Não voltei lá. [...] Perguntaram se vou entrar na justiça. Falei que a minha justiça é Deus. A vantagem é que posso descansar e o horário ficou mais livre, mais à vontade.*

Ele relata que está satisfeito com a vida de aposentado.

*Depois da aposentadoria estou bem mais descansado, sem compromisso. Caiu o ordenado, mas uma hora tinha [que aposentar]. Não é só com dinheiro... Mesmo com essa perda [salarial], com boa administração, consigo andar de cabeça erguida, não dever nada pra ninguém. Está bom. Dá pra levar uma vidinha como sempre. Nunca tive altos salários. Mas com a administração que Deus deu pra gente, está bom.*

Disse que uma funcionária falou para ele que, como o salário vai caindo, chegaria um momento que não daria mais para sobreviver.

*Eu falei: daí não estarei mais vivo. Graças a Deus dá pra viver.*

A Entrevistada 4 relata:

*Após a aposentadoria trabalhei apenas no sindicato [dos servidores da Unesp]. Eu sou sócia na empresa do meu marido, mas eu não trabalho lá. Às vezes, quando necessário, eu vou. Mas não é assim nada fixo.*

O Entrevistado 5 é o único dos entrevistados que continua exercendo atividades na Unesp.

*Tem algumas coisas que eu não posso falar, porque eu não vivi completamente como aposentado... Não fui para casa, não parei de fazer as coisas. Mas, de outro lado, não tenho nenhuma queixa: pude continuar fazendo o que fazia, e era uma opção minha. Eu fiz essa opção. Não encontrei obstáculos no relacionamento com os colegas, foi tranquilo.*

*No caso, para mim foi bom, porque eu deixei de ter obrigações administrativas, participar de reuniões – coisas que tomam muito tempo geralmente na vida universitária. Depois tive essa liberdade maior, então... Sem contar a liberdade de poder vir o horário que quiser. Horário livre – essa liberdade maior. Se não vem um dia, compensa no outro dia, para fazer as coisas*

*que eu achava mais interessante. [...] Como não teve desvantagem financeira, também não teve no comportamento, esta parte do relacionamento, esta parte não tive não.*

*Continuei a trabalhar porque, vamos dizer, a universidade me facilitou, me deu permissão e as coisas que eu tinha que desenvolver era coisas mais agradáveis para mim do que a vida de uma pessoa com ligação completa com a universidade [na ativa].*

*Mais um encargo que eu lembrei agora: estou como editor chefe de uma revista. Um pouco mais pesado, mas dá para levar porque tem mais dois colegas que trabalham comigo. Mudou porque eu tenho mais tempo para me dedicar a isso [algumas atividades que dão prazer após aposentadoria].*

Ele relata:

*Antes da aposentadoria eu viajava muito. Agora diminuiu; alguns períodos eu fico em casa. Não tenho semana completa [de trabalho], eu chego mais tarde se preciso fazer alguma coisa, estou mais disponível para casa.*

A Entrevistada 6 não continuou vinculada formalmente à universidade, mas tem proximidade com o mundo acadêmico.

*Meus ex-alunos me mimam demais – me chamam pra tudo que é banca. Os órgãos de pesquisa esquecem que eu já me aposentei – ficam mandando projetos para eu analisar e tudo mais. [...] Isso eu acho saudável porque eu gosto e é uma forma de eu me manter atualizada, não perder o contato com algo que eu lidei a vida inteira. E estes trabalhos após aposentadoria satisfazem o ego e satisfazem o intelecto; isso a gente não pode negar. [...] Eu não me senti abandonada em nenhum momento [...] Então, [o que eu fazia] continua aqui em casa.*

Um familiar lhe disse por que ela não volta a trabalhar. Mas, ela respondeu:

*Estou gostando como está; eu não tenho reunião, não tenho que aguentar coisas que eu ouço falar que estão acontecendo hoje na universidade e que para mim seria desagradável. Eu acho que não me enquadraria, ia ser marginalizada. Eu acho que me aposentei na hora certa, entendeu?*

*Mas o que você gosta você não esquece e por outro lado, eu digo com toda a sinceridade: eu sinto saudades de pessoas. Mas eu não tenho aquela de ficar vagando pelo departamento com saudades da minha sala, não. Sinceramente, não tenho. Quando me aposentei, todos os meus livros eu distribuí para os meus orientandos mais próximos. Eu não tenho mais nada: a única coisa que tenho é em meio digital. Mas eu dei pelo seguinte: livro é para ser usado. Se eu precisar, peça emprestado. Mas eu tive consciência que um ciclo se fechou.*

Referindo-se à contribuição previdenciária que os servidores aposentados continuam a ter descontada em seus salários, ela fala:

*Uma coisa que eu acho absurda, acho que todo brasileiro acha isso, é essa contribuição previdenciária. Que é um roubo. Você paga durante toda a vida, e você se aposenta....*

Para ela:

*Desvantagens da aposentadoria eu não vejo. Eu comparo com uma mulher, por ex., que não viveu a adolescência, e quando chega aos 60 quer viver a adolescência e resolve usar roupinha decotada entendeu? Se você viveu sua vida profissional, suas etapas, com intensidade, com sinceridade, não tem que sentir saudades. Então, eu não vejo saudades, você*

*viveu o ciclo, entendeu? Eu não vejo desvantagens. Eu não digo, eu não sou mais chefe de departamento... Isso era o mais importante? Ou o mais importante era eu ser eu? Porque [eu] continuo a ser conhecida de todo mundo... Então, eu não vejo desvantagens na aposentadoria. Eu acho que é uma missão cumprida. Você dorme tranquila, você sabe que você fez o melhor que pôde. Você pode não ter sido o supra-sumo. Você foi um bom soldado...*

Em relação às vantagens da aposentadoria, diz:

*Eu acho que tem a vantagem prática na vida. Você já tem um ganho financeiro que lhe dá tranquilidade para você mergulhar em outras áreas, sem a preocupação com a subsistência. Eu acho que essa é a grande vantagem: você ter um tempo... Você pagou, cumpriu sua etapa, para agora mergulhar nas coisas que lhe interessam. Eu acho que agora é um período rico. Um período que Deus dá à gente pra gente se conhecer melhor, se conhecer melhor... Eu passo horas lendo meus textos espiritualistas, eu vou fazer remédios [trabalho voluntário], tenho um grupo de leitura, de literatura, com que me reúno ... A vida flui....*

Ressalta que o trabalho com medicamentos é muito gratificante. Sobre a pessoa que coordena esse trabalho diz:

*É uma pessoa especial, um espírito maravilhoso. [...] Um exemplo de vida... Como não se comover com essa mulher? A gente vem cansada, mas vem tão leve, tão leve...*

Para a entrevistada:

*A vida melhorou depois da aposentadoria. Para mim não tinha coisa mais estressante do que aquelas reuniões na universidade, passava horas e não resolvia nada. Você tem ideias, mas você saber que não adianta você falar, porque a coisa é de cima pra baixo e tudo o mais. Eu posso dizer que estou bem porque eu continuo me sentindo viva. Para melhorar, sinceramente, é uma angústia que toda mãe tem, é ver a filha estabilizada. E como eu fui mãe, posso dizer assim, eu fui mãe muito velha, é a insegurança, o medo de não ver a filha estabilizada. Tenho muito medo de faltar quando ela precisar.*

Ela diz que tem um grande sonho:

*Voltar a alfabetizar adultos. Mas não é só alfabetização. É um trabalho com mulher, auto-estima. Grupo de mães, como tinha antigamente, que você pudesse ajudar a mulher a ser.*

E pergunta:

*Será que não existem outros aposentados que gostariam de desenvolver este tipo de trabalho?*

O Entrevistado 7, o único dos entrevistados que recebe a aposentadoria pelo Regime Geral da Previdência, diz:

*Teve uma época que todos entravam como celetistas. Depois, quem queria podia passar para estatutário, mas eu não quis e fiquei celetista até me aposentar. Se eu fosse da autarquia eu receberia o salário atual que recebia na Unesp. CLT passa a receber do INSS e tem queda do valor do salário. Eu sabia que seria assim.*

Para ele:

*A aposentadoria é um benefício que você vai desfrutar pelo tempo que você trabalhou, né? Porque tudo – motor de carro – tem que ter o tempo de uso; relógio, se você não der corda, não trocar a pilha, não trabalha. Aposentadoria é assim: você trabalha por 35 anos e depois*

*você vai curtir o restinho da sua vida em casa, sem trabalhar. É isso que eu entendo por aposentadoria. É um benefício que vem pra você depois descansar. Mas, geralmente. Hoje não é o meu caso [porque] eu faço um bico porque eu gosto e também é uma ocupação [do tempo]. Mas tem muitas pessoas que aposentam e continuam trabalhando, porque o salário é muito pouco, não consegue viver com o salário do INSS. Porque muita gente – eu graças a Deus tenho saúde – muita gente não tem a saúde que eu tenho – o que eles ganham vai tudo para a farmácia, então precisa trabalhar para comer.*

Ele relata:

*Para passar tempo, assento piso e azulejo. Não tem contrato. Faço mais para conhecidos [que] precisam de reforma e não podem pagar muito.*

Ele fala:

*O trabalho aqui [na Unesp] - não estou me queixando – foi um dos melhores: serviço bom, amizade excelente, ninguém pega no seu pé, você trabalha à vontade. Só que você não tinha lazer: trabalhava todos os finais de semana e geralmente lazer é de final de semana. Então você não pode ir a uma festa, ficar até de noite, porque no outro dia você tem que voltar ao trabalho de novo. Agora você pode ir e ficar uma semana que ninguém vai perceber. Estou satisfeito com a vida de aposentado, apesar de que o salário caiu um pouco.*

Ele ressalta:

*Minha vida melhorou 100% em tudo depois que aposentei. Para mim, melhorou em tudo. Por quê? Hoje eu não tenho mais compromisso com horário de trabalho. Chuva, sol, tinha que vir trabalhar [vinha de moto]. Hoje não. Hoje, se tiver que fazer um servicinho extra – se quiser ir eu vou, se não quiser ir eu não vou – não tenho mais aquele compromisso, aquele dever de fazer. Eu trabalho o dia que eu quero, quando eu quero, pra quem eu quero. Hoje eu mando e não sou mandado.*

Rindo, diz:

*A vida pode melhorar mais ainda. Toda semana eu jogo na [loteria] esportiva. Vai que eu ganho, pode melhorar pra caramba!*

A Entrevistada 8 coloca o que é, para ela, a aposentadoria:

*É um prêmio que você recebe por ter prestado serviços ao Estado – tanto faz no serviço público, como no serviço de empresa privada. É tudo juntado, porque é um prêmio que a pessoa recebe por ter cumprido com suas obrigações. Eu acredito que seja um prêmio... É muito gratificante, porque o que você recebe é o fruto do seu trabalho. Tem muita gente que recebe, mas não fez muito, fez pouco. Mas eu, sei que dei tudo de mim. Vinte e sete anos eu me dediquei de corpo e alma para aquilo lá, fosse para ir à noite, fosse para ir no sábado, no domingo.*

Ela fala:

*Quanto à remuneração, eu acho que é justo que o funcionário tenha sempre o mesmo patamar de um outro que está lá [na ativa]. Porque o custo de vida é o mesmo, não muda. Mesmo quando você trabalha, ou não, você tem que ir ao supermercado, tem que ir ao médico.*

Assim, ela diz:

*Na minha aposentadoria eu não vejo nenhuma desvantagem, porque eu fui reclassificada junto com o pessoal. Porque eu aposentei, eu tenho que acompanhar [o salário] dos ativos, menos os 20% que eu perdi [a aposentadoria não é integral].*

A respeito da pensão que recebe pela morte de seu marido, que também era servidor da Unesp, ela diz:

*Agora, a pensão, é justo que a esposa ou o marido fique com a pensão, porque eles têm um patamar de vida, a vida inteira. Se cair o salário, a gente vai cair na pobreza, na miséria extrema, então a gente vai sofrer muito mais pela situação, porque já perdeu o companheiro ou a companheira. [...] [Mas] o valor não acompanha o funcionário lá dentro. A gente não tem esse direito: tudo é cortado e demora muito para receber.*

Ela diz:

*O erro não é da Unesp, o erro é do governo que instituiu que quando a pessoa morreu de 2003 para cá, a viúva não tem direito aos reajustes.*

E completa:

*Eles esqueceram do que foi acordado lá atrás.*

Continuando a refletir, diz:

*Hoje, a Unesp não está contratando ninguém se não for pela CLT. Por quê? Porque querem se livrar do inativo, porque pesou muito na folha de pagamento. [...] Agora, você vê, eu concordo com muitas coisas, mas então não fizesse aquele trato lá atrás. [...] Eu ainda, né, recebo (a pensão) pela SPPREV, e recebo [a aposentadoria] pela Unesp porque estou viva. Mas quando falecer, morre tudo, né? Então, não deviam ter muita preocupação e dar um subsídio na qualidade de vida da pessoa.*

Ela diz:

*Já fui convidada para trabalhar, mas nem posso. Eu aposentei para cuidar de um doente. Não teve ninguém me ajudando. [...] Um dia a minha filha me encontrou andando de quatro [em função da dor causada pelos problemas de coluna]. Algumas pessoas pediam para eu fazer sua Declaração de Imposto de Renda. Eu fazia, tudo graciosamente. Mas, e depois, se der algum problema? Eu sou responsável por aquilo que eu faço.*

Diz:

*Minha diarista não sabia 'trabalhar' com banco, usar cartão de crédito, não vinha recebendo pensão do pai dos filhos. Ela não sabia nada. Eu comecei a ensinar [...], orientar [...], falei com advogado [...], fui testemunha [...], conversei com o pai das crianças. [...] Agora dá pelo menos para ela alimentar os filhos...*

Então fala:

*Tenho que ajudar, se eu tenho conhecimento, não vou passar conhecimento? Ela conta tudo pra mim e eu também conto tudo pra ela, porque ela se tornou uma amiga. Não é uma empregada, ela está no lugar dela, eu estou no meu - cada um tem o seu nível de vida. Agora, você segurar o que você sabe, só para você? O que você veio fazer nesse mundo? Sei que Deus vai cobrar: o que você fez com os dons que eu te dei?*

Emociona-se ao dizer:

*Mas, a vida de aposentado é diferente, é outra coisa. A gente sente muita falta dos colegas, muita falta do trabalho, a gente até sonha com o trabalho, mas passou.*

Ainda emocionada, fala:

*Em questão de Unesp, da minha aposentadoria, financeira, pra mim está tudo bem, eu não tenho do que me queixar. O problema que eu tenho, que muita gente tem, é solidão. Eu me sinto feliz com os meus netos; se eu falar que eu preciso ir [em algum lugar], ela [minha filha] vem, com o carro dela. Mas a falta da pessoa [do marido] é muito grande – para quem viveu bem, bem entendido, como eu e o meu marido vivemos bem, de amor. Tivemos muitas tristezas, mas todas nós conseguimos superar. Então, a hora que a gente ia ser feliz nas coisas, Deus cortou. O que eu passo hoje, não tem cura.*

Continuando sua reflexão, diz:

*Pela legislação eu poderia trabalhar ainda, você sabe? Eu poderia trabalhar ainda, porque eu estou com 68 anos e só me aposentaria com 70. Um tempo atrás eu poderia ter trabalhado. Quanto ao meu salário, eu não posso deixar para ninguém, só se for para um deficiente na família.*

E completa:

*A aposentadoria é boa, quando você sabe o que fazer dela, usar. Mas, sentir falta do povo a gente sente mesmo. Às vezes, eu até sonho com meu serviço, que estou fazendo. Uma vez me perguntaram: você é capaz de voltar e fazer o serviço? Eu disse: eu sou, porque nunca saiu da minha cabeça. Não saiu ainda... Pode ter mudado muitas coisas, mas eu pego num instantinho, é o meu forte isso aí.*

Embora no presente estudo predomine entre os entrevistados um sentido positivo para a vida de aposentado, Roesler (2012) lembra que o termo “Inativo”, utilizado para designar os aposentados, especialmente no setor público, indica alguém completamente parado no tempo e no espaço. A autora afirma que para os participantes de sua pesquisa, “inativo é sinônimo de perda de autonomia, de entrada em um processo de dependência física e psíquica de outras pessoas (perda de mobilidade e das capacidades cognitivas), enfim, é a aproximação da morte” (ROESLER, 2012, p. 67).

#### *4.1.3.2. Participação nas atividades oferecidas pelo município*

Como apontado anteriormente, o Município de Rio Claro oferece um conjunto de ações voltadas à população idosa, muitas das quais podem contribuir para o bem-estar dos aposentados. No entanto, a análise das falas dos entrevistados revela uma baixa participação nessas atividades. As manifestações apontam, também, para um certo grau de desconhecimento dos aposentados da Unesp em relação à rede de suporte existente no município.

A não participação nos programas que integram a rede pode não ser por falta de conhecimento, mas por não se identificar como pertencentes à população alvo. Em outras palavras, participar de programas para idosos é admitir a velhice. E isso não é tão fácil para algumas pessoas.

O Entrevistado 1 é o único que tem participado de atividades oferecidas pelo município. Ele joga xadrez alguns dias da semana no Clube de Xadrez, que ajudou a organizar, localizado numa sala do prédio da Prefeitura Municipal, próximo ao Jardim Público. Aos sábados, jogam no Jardim Público e, no inverno, jogam no shopping.

Além do xadrez, tem participado de outras atividades culturais oferecidas pelo município:

*Gosto muito de música. Participo da atividade dominical promovida pela Prefeitura Municipal – Cantinho da Seresta, que acontece na praça aos domingos.*

A Entrevistada 4 diz:

*Eu nunca fui atrás. Já ouvi falar sobre vôlei adaptado para idoso, já fui convidada para jogar. Vejo o pessoal viajando para outras cidades, mas nunca me envolvi.*

O Entrevistado 5 fala:

*Eu tenho visto alguma coisa, tanto para terceira idade, quanto para adaptação para aposentadoria, tenho visto algumas chamadas que vêm por e-mail, pois mantém e-mail da universidade. Do município não conheço, não tenho participado.*

Como ele continua trabalhando na Unesp, como voluntário, comenta, sorrindo:

*Enfim minha atividade da terceira idade é aqui.*

A Entrevistada 6 diz que não conhece nenhuma atividade oferecida pelo município, mas comenta:

*Também não tenho vontade. O lado político-partidário nunca me entusiasmou muito e agora muito menor.*

A Entrevistada 8 relata que tem uma amiga que faz parte de um grupo de terceira idade, mas diz:

*[Ela] também nunca me convidou. É bem assim, grupo fechado. [...] Só se eu mesma teria que ter me prontificado” [expressão de reflexão].*

A questão que fica é: Por que esta participação é tão pequena? O que estaria acontecendo?

As hipóteses são várias e será importante investigar. Porém, não foi possível fazer isso neste momento, por não ser o foco da pesquisa. Uma primeira razão poderia ser a inexistência

de um PPA na instituição na época em que os entrevistados se aposentaram, que fornecesse informações sobre a rede de suporte social de Rio Claro.

Por outro lado, a divulgação das ações voltadas à população idosa por parte da administração municipal pode estar sendo insuficiente para este público. Mesmo com a baixa participação dos entrevistados, buscou-se identificar fragilidades e potencialidades da rede existente, para sugerir ações que possam propiciar mudanças qualitativas e quantitativas no sentido de oferecer alternativas aos trabalhadores que envelhecem e aos aposentados.

#### 4.1.3.3. Referências sobre o que mais gosta de fazer

O imaginário da aposentadoria geralmente inclui viagens e atividades culturais, como teatro e cinema, além de tudo aquilo que a rotina de trabalho impede de realizar. Mas para alguns, o significado real da aposentadoria pode estar ligado à perda salarial, à solidão, restando pouco tempo para fazer aquilo que realmente gosta.

O Entrevistado 1 diz que vinha pescando, mas que depois que seu companheiro de pescaria morreu de infarto não foi mais pescar. Participa ativamente no Clube de Xadrez, mas, ao ser perguntado sobre o que mais gosta de fazer, diz:

*O que mais gosto mesmo é de cinema, antes até do xadrez. Sou fanático por cinema. Minha esposa fala que nunca viu uma pessoa com uma memória tão boa: filme, música, diretor, quando o filme foi feito, artistas, a história toda. O cinema é uma distração boa. Tenho conseguido alguns filmes clássicos. Empresto para minha filha assistir.*

Fala, ainda:

*Depois de aposentado, tenho pintado as janelas da nossa casa. Aí a gente começa a olhar o que está mais próximo com outros olhos: quando quebra uma torneira, um chuveiro, eu conserto – antes não dava tempo – o que dá para fazer eu faço.*

A Entrevistada 2 diz:

*Eu gosto de ler; levanto cedo para ler o jornal. Quero ver a notícia antes de ver na TV. [...] Gosto de ouvir música. Meu pai tocava cavaquinho e violino. [...] Durmo à tarde porque não posso cuidar das plantas na hora do sol quente... Eu sou dona do meu tempo; divido como eu quero. Eu não fazia nada disso. Atendia alunos em casa de sábado e domingo. Nunca me preocupei com férias.*

E completa:

*Tenho uma sensação de dever cumprido. [...] Quando eu estava trabalhando – eu acho que a gente tem um trabalho privilegiado – fiz pesquisas no que eu quis, com quem eu quis; tive total liberdade com os orientadores; conheci vários profissionais; fiz estágios em vários lugares e países – fazia do jeito que queria. Fiz o que eu quis, do jeito que eu quis, porque a universidade permite isso. Eu achei ótimo. Agora, aposentada – outro aspecto – eu fico o dia inteiro no quintal. Vou lá, abre a flor eu fotografo. [...] É um outro momento, mas é um momento gratificante. Claro que se eu quisesse eu sairia dançar, mas eu não quero – eu quero*

*cuidar das minhas flores. Eu nunca cuidei de mim, agora eu cuido. Eu acho que eu mereço. Dane-se o resto!*

O Entrevistado 3 diz que consegue se dedicar mais à leitura depois da aposentadoria, de se dedicar mais às coisas que gosta de fazer.

*Gosto mais de assistir televisão: futebol, luta, reportagem. Filme, só se for evangélico. [...] Gosto muito de ler, de estudar a Bíblia.*

A Entrevistada 4 diz que, além de fazer ‘pilates’, massagem e esporte, faz diversas coisas em casa.

*Pintei o banco – sempre estou mexendo eu alguma coisa. Adoro ikebana, mas agora estou dando um tempo – já fiz cursos. [...] Gosto muito de assistir filmes: fico até altas horas da noite vendo filme. Tenho lido livros também. Mas esse é o meu horário – noturno também – vou até 3, 4 horas da madrugada. Vejo jornal, na televisão.*

O Entrevistado 5 diz:

*Leio revistas, jornais – não muito, mas tenho mais tempo livre para fazer isso. [...] Já saía bastante – faço parte [de um Clube de Serviço] [...]. Agora, saio, mas normal: viagens, coisas assim. Não mudou muito.*

A Entrevistada 6 relata que gosta muito de ler.

*É impossível ficar um dia sem ler alguma coisa: poesia, romance, livros espiritualistas, depende do momento. Normalmente leio dois, três ao mesmo tempo, paro um, pego outro.*

O Entrevistado 7, que ocupava uma função que dificultava a convivência com amigos e parentes, devido ao horário de trabalho, diz:

*Ler, teatro, não gosto. Vivo dia normal. Passeio, converso com amigos. Vou na casa de filhos, cunhado, cunhada. [O que] gosto de fazer: saber que vou acordar amanhã e ter todo mundo que eu amo do meu lado: mulher, filho, filha, neto, neta. Isso é o maior prazer que tenho na vida. O segundo prazer[é] estar com saúde, para curtir a família.*

A Entrevistada 8 diz:

*Agora que estou voltando com minha cabeça, aos poucos, porque até pouco tempo atrás eu estava depressiva com a morte dele [do marido]. [...] Agora eu sou cozinheira – minha filha e os filhos vêm almoçar aqui; sempre vieram... Eu tenho que me especializar porque é o que ‘sobrou’ pra mim agora – fazer comida para eles.*

Ela fala:

*Fiquei tanto tempo sem dormir, que agora eu quero dormir, não quero acordar cedo. Eu não descansava porque [com a doença do marido] só com a televisão ligada e por causa [do problema de saúde] [...] eu levanto muito à noite.*

Diz que, quando seu neto dorme na casa dela, ela dorme melhor:

*Porque sei que ele está aqui.*

Relata, ainda:

*Eu leio. Caminhar não posso por causa da coluna. Gosto de hidroginástica, mas eu não posso pagar porque eu tenho muita despesa com saúde, com alimentação.*

Gosta também de ver televisão. Diz:

*Uso muito o computador, internet – facebook, tudo que você possa imaginar.*

Ajuda sua filha e genro, quando vão fazer alguma compra:

*Vou junto para ver se o negócio que vão fazer é bom.*

Diz que não tem nenhuma atividade de lazer, teatro.

*Mas também não recebo nenhum convite!*

E fala:

*Outro dia eu vi que foram todos [servidores da Unesp] no teatro em São Paulo. Custava ter me avisado? Não recebo nada: não sei se vai ter festa junina, não sei nada... Depois do evento que vem o papelzinho [o convite], dez dias depois...*

O prazer pela leitura ocupa espaço principal quando se reflete sobre o que os entrevistados mais gostam de fazer, seguido de ver filmes (em casa, na TV), ouvir música e simplesmente assistir TV. Aparecem, ainda, atividades como pintar móveis, fazer pequenos reparos na casa, fazer ikebana, cultivar flores e fotografar, participar de reuniões de Clube de Serviço, jogar xadrez e visitar amigos e parentes.

Ressalte-se que essas atividades são realizadas, em sua maioria, quando o entrevistado está sozinho no âmbito doméstico.

Algumas atividades já aconteciam mesmo antes da aposentadoria, mas foram intensificadas na nova etapa.

#### 4.1.3.4. Viagens

O Entrevistado 1 diz que gosta muito de viajar: colônias de férias, viagens ao exterior. *Fizemos uma viagem muito bonita, conhecemos cidades que tínhamos vontade de conhecer, mas que não tínhamos tido oportunidade.*

A Entrevistada 2 conta que passou a viajar mais a turismo, depois da aposentadoria. Tem ido diversas vezes ao exterior.

*Sempre vou com alguém que quer conhecer e não fala inglês direito. Eu também não falo direito, mas me faço entender.*

Comenta que a única coisa que mudou é que antes de seu filho começar a trabalhar, viajavam juntos. Diz que agora:

*Quando meu filho vem, não viajo; quando ele vem, geralmente fico aqui.*

O Entrevistado 3 diz:

*Tenho viajado, mas pouco, uma vez ou outra.*

Já fez viagens para outros estados, mas não frequentemente. Diz que com a aposentadoria está ficando mais em casa, com a família.

*“Os filhos vêm sempre em casa – porque tem mais ‘largueza’.*

A Entrevistada 4 fala:

*O ano passado, retrasado, viajei com minha filha para o exterior – mas o fato de ter o cuidado, essa preocupação com o meu sobrinho [ela ajuda cuidar dele], eu não consigo sair muitos dias, tenho feito viagens mais curtas. [...] Tenho um apartamento em Guarujá – então lá é o meu refúgio, meu e da minha mãe – a gente foge um pouquinho quando a gente pode, quando o pai do meu sobrinho cuida dele.*

Diz que sua filha está indo morar no exterior e seu filho mora em outra cidade.

O Entrevistado 5 relata que o que mais gosta de fazer é viajar:

*A semana que vem, vou ficar uma semana. Final do ano fico 20 dias, um mês – períodos mais longos. Antes [da aposentadoria] era uma semana, agora consigo ficar 2 semanas, 3 semanas.*

A Entrevistada 6 diz que tem viajado. Recentemente, passou dois meses no seu estado de origem.

*Mas, como minha neta está estudando, quero acompanhar, não tenho viajado tanto. Fui agora porque irmã adoeceu e eu fui ajudar.*

O Entrevistado 7 diz que houve mudanças depois da aposentadoria.

*Agora estou podendo passear... Por 23 anos fiquei preso aqui dentro [da Unesp]. Abri a porta da ‘cela’, agora estou passeando. Fui para praia duas vezes; vou para casa de parentes fora de Rio Claro. Antigamente não tinha como passear, só quando pegava férias.*

A Entrevistada 8 relata que tem viajado com sua família. Também fez uma excursão de ônibus para outro município.

Assim como em outros estudos, nesta pesquisa também existem relatos que, com a aposentadoria, estão podendo viajar mais (o que para muitos consiste no grande sonho da

aposentadoria). No entanto, a possibilidade de viajar é influenciada por diversos fatores, como: cuidar de alguém, disponibilidade financeira e saúde própria.

#### 4.1.3.5. Religiosidade

Segundo Goldstein (1993), a relação entre envelhecimento e religiosidade é encontrada em diferentes culturas e épocas. Assim, alguns idosos passam a participar de grupos de orações e trabalhos voluntários ligados à igreja, especialmente com o aumento do tempo livre decorrente da aposentadoria. No entanto, não foi o que se verificou no presente estudo. A maioria dos entrevistados não tem uma prática ativa em relação à religião após a aposentadoria.

Destacam-se as colocações sobre a importância da crença em um ser superior nessa fase da vida, feita pelo Entrevistado 1, nos seguintes termos:

*A gente tem que entender que a gente é importante não só em função do trabalho. A gente é importante em termos de individualidade e das coisas que Deus traçou pra gente. [...] Eu me preparei espiritualmente para isso [aposentadoria]. Então nesse aspecto, não estou sugerindo que todos tenham que ter uma religião, que todos tenham que se apegar a um ser superior, mas isso é importante, isso ajuda.*

O Entrevistado 3 foi o que demonstrou maior envolvimento nas atividades de sua Igreja:

*Gosto de participar das atividades da Igreja, dois ou três dias por semana. [...] Quando vou até prego também”.*

A Entrevistada 6 participa de um grupo de estudo sobre as verdades ensinadas pelos “Homens Santos” (Buda, Jesus, Maomé, Confúcio, Sidarta, entre outros). Também participa de trabalhos voluntários ligados à Igreja Católica.

Mas, ela diz:

*Religião não tenho. Acredito em Deus acima de qualquer coisa, acredito piamente que fora da caridade não há salvação. Acredito que o que rege o universo é a lei da causa e efeito. Se eu fiz, eu tenho que corrigir. Não é ninguém que vai fazer, sou eu. O resto é do homem.*

*A verdade está na gente – não nos outros. Cada um é responsável por ler, estudar. [...] Primeiro a modificação em você mesmo, depois no seu entorno. [...] Tem jovens, crianças, gente mais velha do que eu, de todas as idades. [...] De tão simples, é difícil. Ninguém acompanha a sua guerra interior*

Relata que virou vegetariana, seguindo o princípio de:

*Não matar a vida.*

#### 4.1.3.6. Saúde e Hábitos

Compreender a saúde, bem como os hábitos de vida dos aposentados torna-se extremamente importante nesta pesquisa, pois pretende-se fornecer subsídios para que a Unesp e outras instituições preocupadas com a saúde de seus trabalhadores, antes e depois de se aposentarem, possam desenvolver ações que beneficiem a todos.

O Entrevistado 1 relata:

*Atualmente, exceção feita aos pequenos problemas de coluna e a uma gastrite, que vai e vem, vai e vem, no geral estou bem. Um pouquinho de pressão alta – mas está controlada - estou tomando remédio todo dia. Acredito que em termos gerais estou muito bem, com 70 anos nas costas!*

Quanto aos seus hábitos, fala:

*Não mudaram. Nunca fumei, nunca bebi. Acho que isso ajudou também a conservar um pouquinho da força física e da saúde.*

Diz que depois da aposentadoria ele ficou menos agitado, mais calmo.

*Antigamente não dormia bem, acordava de noite com sobressaltos de coisas pendentes a serem concluídas. Atualmente ainda tenho de vez em quando um ou outro sonho com atividades da Unesp. Aí acordo e penso: eu não preciso fazer tal coisa, eu já fiz isso. São coisas do sub-consciente, são coisas normais; outras pessoas têm este tipo de reação também. Aí você acorda e você lembra todo o diálogo que você teve com a pessoa. Não sei se isso acontece com outras pessoas... Eu gostaria de saber isso... Eu interpreto como uma coisa normal, porque eu sempre fui muito preocupado com as coisas, com as atividades que eu tinha na universidade. Nunca deixei de fazer nada, sempre tive muita atenção em tudo que fazia, né? Isso era uma preocupação até exacerbada de minha parte. Então, sempre procurava fazer tudo muito bem feito.*

A Entrevistada 2 diz que, depois da aposentadoria, passou a cuidar mais dela, da sua saúde.

*Tinha colesterol alto, triglicérides alto. Agora tenho uma alimentação muito melhor. Não fumo e não bebo. Hoje como mais frutas; porque antes ia para a faculdade [e não comia]. Como [agora] fico em casa, mexo no quintal e, de vez em quando, entro e como frutas. Tenho uma alimentação mais saudável.*

No entanto, diz que não vê relação do trabalho com sua saúde.

Antes mesmo de se aposentar, com o falecimento de seu pai, ela adoeceu.

*“Fiquei muito mal: eu tenho muita dificuldade para lidar com a morte dele. Com as outras não”.*

Com a doença, precisou tomar medicamentos, e estes causaram outros problemas. *Muita coisa foi consequência do tratamento da doença, porque, na verdade, eu não falava dele [do tratamento, dos medicamentos que havia tomado], porque [a doença] não estava*

*incomodando. O que eu queria que [o médico] resolvesse era a falta do meu pai. Eu me sentia muito mal, mas eu ia no médico para falar do meu pai. [...] Os médicos diziam que eu estava com estresse emocional e receitavam calmante. [...] Até que falei: não tenho mais condição.*

Um amigo falou para ela procurar uma médica especialista que constatou que ela estava com problemas por causa dos medicamentos.

*Para mim, foi infinitamente pior [que a doença que teve]. [...] As dificuldades se rolongaram até depois da aposentadoria, mas agora está controlada”.*

Informa que está usando diversos medicamentos.

Para ela:

*Os problemas de saúde não tem nada a ver com aposentadoria, [...] tem a ver mais com a idade.*

Diz:

*Vou ao cardiologista - porque faço exercícios de segunda a sexta-feira - e ele fala que estou muito melhor do que ele esperava.*

O Entrevistado 3 diz que toma um pouco de vinho. Há dois meses foi ao médico, porque vinha sentindo dores.

*Fiz os exames, estava tudo bem, normal. [...] Estou bem, graças a Deus. De vez em quando dou uma espirrada, tossida, mas estou bem.*

Disse que tomou “metade” das vitaminas que o médico tinha receitado. Para ele, sua saúde não mudou.

*Não está acontecendo nada. Só alguma coisinha comum nesta idade. Muito frio no pé, coisa de velho.*

A Entrevistada 4 relata que quando aposentou não estava preparada para ficar em casa.

*Foi terrível, não sabia o que fazer... Acordar e pensar: puxa, e agora, o que é eu faço? Sofri muito, entrei em depressão, fiquei uns três anos em depressão. [...] Eu sentia falta do contato com os alunos, contato com os funcionários, com os amigos”.*

Diz que foi se adaptando.

*“Não tive ajuda de psicólogo”.*

Ela relata que desde quando seu pai ficou doente que faz tratamento com especialista:

*Era uma coisa muito pesada para mim.*

Diz que está tomando medicamentos e que, como tem algumas alterações de saúde, não pode parar de fazer esporte.

Sobre a relação entre os problemas de saúde e o trabalho, diz:

*Não tem relação com o trabalho: foi problema de saúde familiar mesmo.*

Sobre os problemas de saúde após a aposentadoria, diz:

*Antes da minha aposentadoria, não tinha. [...] Depois da minha aposentadoria aquele período de três anos, que foi mais intensivo, depois [a depressão] diminuiu.*

Fora isso, diz que não observou nenhuma mudança em sua saúde depois da aposentadoria. No entanto, relata que, por questão de saúde, está controlando a alimentação. Para tanto, tem recebido ajuda de uma pessoa da família:

*Ela [elaborou] um regime controlado, porque estuda sobre isso. Eu e meu marido estamos tentando seguir isso.*

O Entrevistado 5 relata que tem um colega que aposentou quando fez 70 anos (em outra universidade) e ele entrou em depressão.

*Ele ficou 6 meses se tratando; apesar dele não ter parado [de trabalhar]. A vida dele não mudou absolutamente nada, mas ele entrou em depressão. Aquilo afetou a cabeça dele. Pelas duas coisas: por ele ter feito 70 [anos] e por ter ficado aposentado. Porque a impressão que isso dá para essa pessoa, é que ele estava perdendo alguma coisa. Talvez algum poder que ele tinha quando não era aposentado. Como você [quando se aposenta] não participa de algumas coisas, então às vezes você pode ter...[entrada de alguém na sala].*

Quanto à sua própria saúde, diz que, após a aposentadoria não houve nenhuma mudança.

*Mudou em função da idade, naturalmente ... Apareceram por causa da idade, mas não porque me aposentei.*

Diz que acredita que:

*As questões de doença tem alguma coisa ver com o trabalho, sim, estresse, talvez ...*

Relata que continuou bebendo da mesma forma:

*Só socialmente mesmo, quando saio.*

Quanto à alimentação, diz:

*Não vou dizer que é a mesma, porque a gente vai aprendendo coisas novas: passa a usar algumas e a eliminar outras que não são muito boas.*

Refere usar medicamento apenas para o problema de saúde que já tem há algum tempo. Finaliza:

*Mudanças, só em função da idade.*

A Entrevistado 6 diz que sua saúde agora está bem.

*Mas, eu sofri com a perda. Depois da morte de mamãe eu tive depressão pós-morte. Eu tive tudo quanto era doença, tudo. Esgotamento... Eu tinha crise de prostração, não conseguia levantar. O ano de 2011 eu não vi passar. Depois, 2012, comecei a ter problema na perna. Aí eu operei o ano passado. [..]). Graças a Deus agora eu estou andando bem.*

Ela relata que o lado espiritual foi importantíssimo. Um membro do grupo de estudos que frequenta levou-a para fazer acupuntura com outra pessoa do grupo.

*Foi interessante. Eu fui prostrada no carro. [...] Fundamental, primeiro, [foi] a vontade de reagir. Mas, mesmo querendo, não conseguia reagir. Foi a acupuntura.*

Diz:

*Minha família toda [sofre de uma doença crônica], tenho predisposição, estou tomando remédio. Minha pressão, que sempre foi baixa, como eu não faço atividade física e não sou nenhuma magrinha, eu tomo remédio para pressão, que não tomava. Agora parei, mas tomei muito medicamento para o joelho.*

Ela fala:

*Acho que não tem vínculos da minha saúde pós-aposentadoria com o trabalho. Acho que são vícios. Acho que é a idade – estamos pagando um preço alto por viver mais. Meu pai morreu com 55 anos, era um idoso. Hoje, estou com 65 anos, não me sinto idosa. Então, estamos pagando preço alto.*

Diz:

*Nunca fumei, nunca fui de beber.*

E, dando uma risada, completa:

*Continuo comilona.*

O Entrevistado 7 fala, em relação à sua saúde:

*Eu sou abençoado por Deus. Graças a Deus eu tenho uma ótima saúde: pressão ótima, faço check-up todo ano. Graças a Deus sempre está tudo normal, até o dia de hoje. Não sei o dia de amanhã, né?*

Para ele:

*Não teve nenhuma mudança depois da aposentadoria.*

Diz que não toma nenhum medicamento.

Relata que seus hábitos alimentares continuam os mesmos:

*Não mudou nada; [continua tudo] a mesma coisa.*

E, rindo, mais uma vez, ressalta:

*A única coisa que mudou é que agora tenho liberdade para sair, que não tinha quase.*

Diz que não há relação de sua saúde com o trabalho que executava.

*Minha saúde sempre foi 98% [mesmo durante o trabalho na Unesp]. Sempre foi assim, graças a Deus. A única coisa que melhorou é que parei de fumar. Parei faz quatro anos [antes da aposentadoria].*

Quanto ao hábito de ingerir bebidas, diz que não se alterou após a aposentadoria: bebe apenas socialmente, nos encontros familiares e com amigos.

A Entrevistada 8 relata que caiu e quebrou o braço.

*Não precisou operar, mas foi um tratamento muito grande.*

Diz, também:

*Eu tinha minha coluna inteirinha de bico de papagaio, de ficar trabalhando sentada. Também o meu rosto, [...] como fiquei muito tempo debaixo de uma luz fluorescente [...], e também o sol, [...] tenho [problemas] de pele. [...] Fiquei tantos anos sentada, sem movimento... Você é um funcionário, vai ficar levantando toda hora? Não, você é um funcionário.*

Falou:

*Fiz fisioterapia durante um tempo. Primeiro era [para o] braço, depois [para a coluna]. [...] Tomei [um medicamento] – desenvolvi [uma doença]. Eu não sabia que tinha tendência [familiar]. Aí eu fui para o médico especialista, entrei no programa para tomar medicamento, e agora [a doença] está controlada. Tenho que tomar muito cuidado.*

Refere que:

*Não tem nada a ver com aposentadoria. Foram os problemas que eu passei. Foi muito cedo – eu tinha 62 anos quando ele [marido] morreu.*

Ela reflete:

*Para uma pessoa ter uma boa saúde, primeiro ela tem que ter uma boa saúde mental, ela tem que ter tranquilidade, financeiramente ter o suficiente para ela ir ao supermercado, pagar as contas mensais, os impostos, poder comprar os remédios...*

A entrevistada relata que nunca fumou, nunca bebeu. Diz que não tem vícios.

Finaliza dizendo:

*“Nossa alimentação é boa, porque [por causa da doença] eu tenho que fazer um tipo de alimentação que eu posso comer e que é boa para eles – mudei um pouco. Como legumes, verduras, e eles [filha e netos] acabaram aderindo também”.*

Nas falas dos entrevistados, observa-se que apenas dois estabelecerem certa relação entre sua saúde hoje e o trabalho desenvolvido ao longo dos anos de trabalho na Unesp. A maioria acredita que os problemas de doença após a aposentadoria têm a ver mais com o próprio processo de envelhecimento. Há relatos de terem passado ou de conhecerem pessoas que passaram por processo depressivo após a aposentadoria.

Um comentário frequente entre os servidores da universidade é o alto índice de óbitos pós-aposentadoria, o que também é apontado em uma publicação da ABRAPP (2003), que refere que este fenômeno ocorre especialmente nos dois ou três anos posteriores ao desligamento, relacionando-o à falta de convívio social, à sensação de inutilidade e à falta de perspectiva de vida, além da perda de identidade.

A abordagem dos aspectos relacionados a hábitos é complexa em qualquer pesquisa que utiliza entrevista, especialmente quando, como foi neste estudo, a pesquisadora é vinculada à instituição. Mesmo assim, buscou-se levantar informações a este respeito, pois há

relatos de que alguns aposentados desenvolvem comportamentos relacionados à ociosidade, como o tabagismo, o alcoolismo ou outras drogas lícitas (incluindo medicamentos) ou ilícitas, além do endividamento em bingos e outros jogos de azar (ABRAPP, 2003).

Santana (2011), em um estudo sobre risco de doenças cardiovasculares em docentes de pós-graduação, identificou que quanto maior a produção científica e o número de orientandos, maior a ocorrência de doenças coronarianas e acidentes vasculares cerebrais. Este risco aumentado foi relacionado, principalmente, à dieta inadequada e ao baixo nível de atividades físicas supervisionadas. A baixa frequência de consultas médicas foi justificada pela excessiva carga de trabalho, além do expediente, especialmente para manter os indicadores pessoais de produtividade e de qualidade dos programas de pós-graduação.

Outro estudo realizado para se analisar os indicadores de qualidade de vida e fatores de risco de professores universitários, de ambos os sexos, apontou a presença de 67,2% de consumo excessivo de álcool, 56,7% de sedentarismo, 37,6% de excesso de peso e 9,2% de tabagismo. Embora a alta presença de alguns fatores de risco para a saúde, a maioria dos docentes tinha uma percepção positiva da qualidade de vida (84,3%) e da saúde (76,0%). (OLIVEIRA FILHO et al., 2012).

Diante do exposto, doenças crônicas e doenças ocupacionais que podem se apresentar tardiamente, durante a aposentadoria, são questões que devem fazer parte de um amplo processo de preparação para aposentadoria, abordando os diversos aspectos de promoção da saúde, incluindo alimentação, atividade física e hábitos. Cabe destacar que tal abordagem deve evitar a tendência à culpabilização do indivíduo, tão frequente em programas dessa natureza (CZERESNIA; FREITAS, 2003).

#### *4.1.3.7. Atividade Física*

A importância da atividade física regular como um dos fatores de promoção da saúde é reconhecida em todas as idades, particularmente na população idosa. Os estudos sobre avaliação do nível de atividade física geralmente reconhecem quatro tipos de atividades: as realizadas no tempo livre ou lazer, as do trabalho, as domésticas e as que ocorrem em função do transporte ou deslocamento. Assim, para alguns trabalhadores a aposentadoria pode ser uma oportunidade de aumentar o nível de atividade física, com aumento do tempo livre para atividades de lazer. No entanto, outros podem diminuir este nível, na medida em que a aposentadoria elimina as atividades realizadas no trabalho, além de reduzir as de deslocamento entre residência e local de trabalho.

No Brasil, a relação entre aposentadoria e atividade física é pouco estudada, mas existem estudos internacionais que abordam essa relação (LAHTI et al., 2011; LEE; HUNG, 2011; CAUDROIT et al., 2011; SJÖSTEN et al., 2012).

De maneira convergente com as conclusões dos estudos acima citados, que destacam a relevância da atividade física, todos os entrevistados na presente pesquisa declararam considerar importante a inclusão de atividades físicas no PPA. Alguns dos entrevistados foram bastante enfáticos nesse sentido:

O Entrevistado 1 fala:

*Acho muito importante programa de atividade física PPA. Atividade física é uma terapia cerebral fantástica. Se tivesse uma programação... Eu acho muito importante.*

A Entrevistada 2 ressalta:

*Coisa que a gente não dá valor – a parte de ginástica e exercício físico é fundamental – a minha qualidade de vida melhorou muito, muito do que era antes. Hoje eu paro para fazer isso e eu não me dava esse direito. Mas eu gostava também.*

O Entrevistado 3, quando perguntado se sabe a importância da atividade física para a saúde, respondeu:

*Os outros falam, né? Mas tem gente que não faz atividade e está bem. Também falam que é bom senão vai ficando meio travado.*

A Entrevistado 4 reflete:

*No PPA tem que ser passada essa informação, para o pessoal se preocupar mais com isso, porque o ritmo diário de um aposentado, principalmente mulher, casa, família... Se você não pensar, não sugerir, não passar essa informação para os que vão se aposentar, que eles precisam fazer uma atividade além do cotidiano, uma atividade física, eu acho bem pior para esse pessoal se acostumar com a aposentadoria. Eu não sei como as pessoas que não têm atividade física no seu ritmo cotidiano se comportam depois da aposentadoria. Como eu sempre fiz... Pelo que eu vejo, pelos meus amigos, sempre fazem alguma coisa: ou andam, ou caminham – mas é muito importante atividade física. Na nossa idade é essencial.*

O Entrevistado 5 diz:

*Acho que é importante [atividade física] – se a pessoa não fizer atividade física ela envelhece mais rápido, o envelhecimento aparece mais rápido na pessoa. Então, se ela quer viver um tempo maior, é imprescindível fazer atividade física.*

Para a Entrevistada 6:

*Atividade física no PPA seria uma motivação porque, principalmente quando você está na vida ativa, negligencia muito o corpo, e na aposentadoria é quando o seu corpo é o último*

*chamamento para que você olhe para ele. Então um Programa de atividade física pré-aposentadoria seria uma coisa interessante.*

O Entrevistado 7 acha que:

*Atividade física seria ótimo ter num PPA – tudo que faz benefício para a pessoa é ótimo.*

Sobre a própria experiência com a prática de atividade física após a aposentadoria, especialmente se ocorreu alguma mudança com essa transição, os entrevistados assim se manifestaram:

O Entrevistado 1 relata:

*Quando estava na ativa jogava futebol, pelo menos uma vez por semana. Depois me machuquei, parei de jogar. Voltei, aí fracturei duas costelas, parei. Voltei, depois fracturei mais duas costelas. Aí parei [de vez]. Agora é só caminhar. Mas, parei um pouco também, porque a coluna também... Agora vou voltar a caminhar.*

A Entrevistada 2 diz:

*Comecei a fazer atividade física só depois de aposentada. [...] vou para a academia às 6h30. Cuido das plantas. Durmo à tarde porque não posso cuidar das plantas na hora do sol quente. Eu sou dona do meu tempo: divido como eu quero. Eu não fazia nada disso.*

O Entrevistado 3 fazia bastante atividade física no trabalho e no deslocamento de casa para a Unesp. Depois de aposentado, começou a capinar e cuidar do terreno onde construiu sua atual residência. Além do trabalho no terreno, fazia o trajeto entre a casa em que morava e o terreno caminhando ou de bicicleta, que ele também considera um bom exercício. Atualmente, faz caminhadas nas ruas próximas à sua residência e anda um pouco de bicicleta, mas acha que seu nível de atividade física diminuiu bastante.

A Entrevistada 4 comenta:

*Atividade física eu não posso deixar de fazer. Atualmente, estou fazendo vôlei lá na Unesp – me divirto muito. Tem um grupo de servidores, nós montamos um grupo, pessoal que está na ativa – só tem eu de aposentada – e tem um aluno da educação física que está orientando. Alguns funcionários vão, param, voltam; agora começou a ter alunos e também da comunidade. Faço pilates também, massagem... Sempre fiz atividade física, ou hidro, ou natação, desde o primário. [Com a aposentadoria] sobrou mais tempo; agora faço em horário de manhã, que antes não podia.*

O Entrevistado 5 reflete:

*Mudei atividades por causa da idade. Minha atividade física antes era jogar futebol, 2 ou 3 vezes por semana. Joguei até 62, 63 anos, aí eu parei um pouco – e aí o retorno foi difícil por causa dessa taquicardia que estava começando. Corria um pouco já dava falta de ar. Fui*

*perdendo o estímulo e aí comecei a fazer outra atividade, que é a academia – fazer exercícios de esteira, musculação...*

Quando perguntada se pratica atividade física, a Entrevistada 6 responde:

*Propósitos! Já fui ao clube, vi todos os horários. A cada dia falo: começo na segunda-feira.[...] Minha pressão que sempre foi baixa, como eu não faço atividade física e não sou nenhuma magrinha, eu tomo remédio para pressão que não tomava”.*

O Entrevistado 7 diz:

*Não fazia atividades físicas antes e nem agora depois de me aposentar. Nem caminhada. O serviço que faço [bico na construção civil] é uma atividade: abaixo, levanto, subo escada, desço escada...*

A Entrevistada 8 reflete:

*[...] caminhar não posso por causa da coluna. Gosto de hidroginástica, mas eu não posso pagar, porque tenho muita despesa com saúde.*

E retoma o assunto dizendo:

*O certo seria eu fazer fisioterapia, a hidro não posso pagar... Eu queria fazer aqui embaixo porque eu podia ir a pé, mas é caro. O outro lugar é longe e preciso ir de carro e o estacionamento é apertado; o carro tem que ficar na rua, sem seguro e eu fico preocupada. Dificultou. Para eu ir a pé, seria bom caminhar, mas é longe e eu chego lá morta. Na Unesp tem? Mas é piscina fria, né? Quando tiver lá e me convidarem, e for quente, em vou.*

A Entrevistada 8 após relacionar os problemas de saúde na aposentadoria com as condições de trabalho, sugere a necessidade de implantar medidas preventivas, semelhantes à ideia de ginástica laboral:

*Você está viciada desse jeito, não consegue mudar. [...] Devia existir como tem em algumas empresas – param 10 minutos, vão 3, depois os outros 3, dar uma caminhada – durante todo o ciclo. Tentamos fazer isso nos 15 minutos de café, fomos barrados – estávamos fora da área de serviço – conforme o diretor. [...] É a mesma coisa da pessoa que trabalha empresa de pé e mexendo com negocinhos, e é rápido, não dá para sair – repetitivo – mas é por causa da genética.*

Um estudo realizado no Brasil por Oliveira Filho et al. (2012), envolvendo professores universitários, ao analisar o nível de atividade física dos participantes identificou que 43,05% eram ativos e muito ativos, havendo uma associação com o nível socioeconômico. Naquele estudo, os docentes com maior poder aquisitivo apresentaram maior envolvimento em atividades físicas de maior duração e intensidade.

#### 4.1.3.8. Amigos

A família, vizinhos e amigos ocupam lugar de destaque na rede de apoio social ao aposentado. Daí a importância de se incentivar a ampliação de laços além dos colegas de trabalho. No entanto, também as amizades construídas ao longo dos anos de trabalho, principalmente para servidores que se mudaram para Rio Claro, muitas vezes distante das cidades onde residem seus familiares, têm papel fundamental no suporte aos servidores depois de se aposentarem.

O Entrevistado 1 relata que alguns diziam que ele ia deixar de ter contato com amigos da universidade, ao que teria respondido:

*Não! Contato a gente sempre tem, por e-mail, encontro os amigos no shopping...*

E completa:

*Se alguém considerar que perdi alguns amigos dentro da universidade, ganhei outros fora da universidade. Antes, eu não tinha tempo. Uma coisa compensa outra. Tenho bons amigos também agora, fora do ambiente universitário. Amigos da universidade continuam. Ampliei meu círculo de amigos.*

A Entrevistada 2 refere que tem um grupo de sete amigos muito próximos, com vínculos estabelecidos no âmbito do trabalho.

*Eu sei que posso contar com eles e eles sabem que podem contar comigo, em qualquer situação.*

A Entrevistada 6, apesar de não ter falado explicitamente sobre seu grupo de amigos, fez menção a diversas pessoas muito próximas, em diferentes momentos ao longo de sua vida (familiares, ex-alunos, participantes dos grupos que frequenta, etc.), cujos relatos podem ser constatados nos trechos de sua fala transcritos em diversos pontos do presente capítulo. Também pôde-se constatar a presença de muitos deles em sua casa nos contatos para a realização da entrevista.

O Entrevistado 7 relata que continua a ter contato com os amigos da Unesp.

*Sempre que passo por aqui [Unesp] venho visitá-los [...]. [Mas] a aposentadoria proporcionou relacionar mais com o pessoal de fora, não apenas do serviço.*

A Entrevistada 8 não chegou a falar de grupo de amigos, mas fez referência à amizade que estabeleceu com sua diarista. Em diversos pontos da entrevista, transcritos em outros

tópicos do capítulo, faz referência à falta de contato com pessoas, tanto ex-colegas da universidade, como a novos amigos.

Os Entrevistados 3 e 4, bem como a Entrevistada 8, fazem referência a contatos bastante próximos com membros da família, enquanto que o Entrevistado 5 relata participar de Clube de Serviço.

É interessante destacar os relatos de servidores que têm aumentado o número de novas amizades, agora com maior tempo livre.

#### 4.1.3.9. *Cuidar de alguém*

Os cuidadores de idosos, em sua grande maioria, são mulheres (esposas ou filhas), com idade de 50 anos ou mais, que despendem, em média, 60 horas por semana com tarefas relacionadas ao cuidado (BURNS et al., 2003).

Observações não sistematizadas da pesquisadora no serviço de saúde da Unesp e relatos em eventos das áreas de geriatria e gerontologia têm mostrado que muitas pessoas se aposentam para cuidar de um familiar, ou, estando aposentadas, assumem a condição de cuidadoras.

O Entrevistado 1 informa que não tem cuidado de alguém com intensidade e tempo muito longo. Mas, diz:

*“Tenho um amigo que tem problema de saúde e, por duas vezes, se não o tivesse acudido, ele acabaria morrendo, porque ninguém estava ligando para ele”.*

A Entrevistada 2 fala que não tem precisado cuidar de ninguém. Sua irmã que está doente é cuidada pelas próprias filhas. Diz:

*“Eu passeio com ela, mas não cuido dela”.*

Porém, ao relatar sobre seu grupo de amigos, diz:

*“Eu fiz uma cirurgia, minha irmã não pôde vir, três amigas se revezaram para ficar comigo no hospital. E, se for preciso que eu fique o dia inteiro no hospital, eu fico”.*

O Entrevistado 3 fala que não tem cuidado de ninguém doente depois da aposentadoria. Uma vez ficou no hospital com um dos seus cunhados. Disse que sua esposa tem problemas de saúde e, quando esteve internada, *“as meninas [filhas], que iam visitar e ficar com ela”.*

A Entrevistada 4 relata que já antes da aposentadoria cuidou de seu pai. Ressalta:

*Aliás, sempre cuidei da minha família toda: de meu irmão hospitalizado... Sempre tirei minhas licenças-prêmio pra cobrir, cuidar de alguém. Nunca tirei licença-prêmio para viagens. [...] Depois, quando me aposentei – minha mãe está com uma certa idade – nossa, eu adoro minha mãe, é minha amiga, não sei o que dizer. Sou tão grata por tudo que ela fez por mim, que eu acho que o mínimo que eu faço – que ela acha que é muito – eu acho que devo muita coisa pra ela. Esse amor – eu procuro fazer tudo que ela precisa, enfim, pra cobrir um pouco a dor que ela sente, porque com 87 anos, sempre sente uma dor aqui, outra dor ali – então eu sempre estou presente na casa dela.*

Ela relata que cuida de seu sobrinho:

*Essa doçura de moleque, que tem [um problema de saúde]; não sei, essa doença é muito difícil...*

Ela também cuida de sua irmã, que teve um problema de saúde:

*Então, além de ter o problema com o filho, ela teve esse problema também, problema familiar – então eu abracei também. Eu tomo conta agora da minha irmã e da família [dela] também...*

Relata também que cuidou de uma amiga, logo depois que se aposentou.

*Cuidei dela por um ano, porque ela [ficou gravemente doente]. Ela me pediu que cuidasse dos filhos dela, que eu ficasse sempre por perto. A filha dela casou, teve nenê, fui dar banho – eu estava sempre por perto. Ela me chama de vovó e a gente chama de ‘netinha do coração’.*

O Entrevistado 5 relata que precisou ajudar a cuidar do seu pai, que faleceu em 2004.

*Tive que ajudar, porque ele tinha casado de novo, mas ela [a esposa] tomou conta bem dele.*

A Entrevistada 6 relata que cuidou da mãe, tendo sido este o motivo de se aposentar.

*[Foi] concomitante, o início da aposentadoria com o processo de cuidar. [...] Minha mãe começou com [problema de saúde], e eu não queria que ninguém cuidasse dela, porque eu acho que, para cuidar de uma pessoa assim, você tem que amar muito e respeitar muito essa pessoa. Senão você não aguenta: e eu não queria que ninguém cuidasse. Eu estava ainda trabalhando. Foi piorando, aí eu comecei a pedir licença [licença-prêmio que estava acumulada]. Mas, chegou um momento que não tinha mais licença para tirar... Eu reassumi, mas era terrível; eu estava dando aula, o que fosse, me telefonavam... Eu disse, não, não dá certo. Eu já tinha tempo [para aposentar], três anos. Me envolvi com minha mãe de tal jeito, que eu tenho consciência que eu fechei na hora certa: não tenho depressão, tristeza, não tenho.*

Ao falar da mãe que faleceu após diversos anos em que atuou como cuidadora, a entrevistada mostrou fotos da mãe, quando jovem e na época da morte, e também mostrou uma poesia.

O Entrevistado 7 diz:

*Ninguém precisou de cuidados. Não foi isso que decidi o momento de me aposentar.*

Para a Entrevistada 8 o cuidar foi o principal motivador de sua aposentadoria.

*Eu tive que me aposentar antes porque meu marido ficou doente. Saí para cuidar dele, que estava com [problema de saúde]. [...] Saí só para cuidar de meu marido: ele faleceu em 2010. Ficou 6 ou 7 anos comigo aqui [em casa], sendo dois anos muito na cama: ficou em casa ‘hospitalizado’.*

Como pode ser observado, “cuidar de alguém” foi o principal motivo para a aposentadoria de duas entrevistadas: uma para cuidar da mãe e outra para cuidar do marido.

Ainda que o cuidado não tenha sido responsável pela aposentadoria, outros entrevistados referem cuidar de alguém depois da aposentadoria. Desta forma, a instituição poderia organizar ou disponibilizar acesso a informações, com o objetivo de apoiar e orientar os servidores, aposentados ou não, que estejam exercendo o papel de cuidador. Além disso, o PPA poderia incluir conteúdos relativos ao cuidado, tendo em vista a possibilidade de assumir esse papel no pós-trabalho.

#### 4.1.4. Envelhecer

Mesquita (2011), ao analisar o perfil do idoso brasileiro, indica a existência do “novo velho”, considerado mais ativo e com melhor qualidade de vida, especialmente em função das políticas públicas implementadas nas últimas décadas. Este novo perfil de idoso possibilita a transformação da ociosidade em momento de novas possibilidades, com o desempenho de novos papéis sociais. O papel da família é extremamente importante nesse processo.

Moragas (1997) afirma que, com o crescimento e saída dos filhos de casa por eventos como estudo, trabalho e casamento, o papel social do idoso tem diminuído. O convívio social com outras pessoas seria um caminho para o idoso se reintegrar na sociedade e reencontrar seu papel social. A intensificação das relações intergeracionais pode fortalecer os vínculos familiares, além de abrir novas possibilidades.

As reflexões dos entrevistados sobre o envelhecer são apresentadas obedecendo-se a ordem de idade, da menor para a maior.

O Entrevistado 7, um dos “mais jovens” e que está aposentado há um ano, ao ser perguntado sobre o que significa envelhecer, disse:

*Eu vou ser sincero para você. Eu estou com 57 anos, mas meu espírito é de um moleque de 20 anos. Então, eu acho que nunca vou envelhecer na vida. Eu posso envelhecer assim oh [gesto mostrando o próprio corpo] - o visual; a casca vai envelhecer. Mas, o conteúdo vai ser sempre jovem.*

E completa:

*A pessoa que sorri muito não envelhece. A pessoa que ri bastante, é alegre, extrovertida, essa pessoa não envelhece. Porque o espírito dela é jovem. Se a pessoa tem espírito velho, ela envelhece mais rápido. [...] Envelhecer está sendo o passar da idade... Posso estar com 90 anos, vou ser sempre assim, um moleque de 20 anos. Eu sempre fui divertido, brincalhão. Depois que passei a trabalhar na Unesp eu virei mais jovem, porque aqui a gente vive muito com os alunos, né? Trabalhei 11 anos no cursinho, alunos; 22 anos em festas, alunos, jovens; então eu me sinto um moleque no meio deles. Só a carcaça que é velha, mas o espírito...*

A Entrevistada 4, que também está com 57 anos, diz:

*Idade cronológica para mim não existe. Encaro com naturalidade a velhice – o rosto já não é o mesmo, os cabelos, o corpo – são fases da vida que a gente tem que passar, e eu estou preparada para passar. [...] Acompanho o envelhecimento da minha mãe por perto, vejo a dificuldade que ela tem; então, já estou me preparando, me cuidando, para não passar por esses mesmos problemas que ela tem. [...] Mas eu acho que na atividade esportiva que faço, sou a mais velha. Então eu falo: você é mais novo, então vá buscar a bola. Eles falam: ‘você não é velha, você também está bem, você está melhor que nós’. [...] Minha preparação para a velhice está legal. Estou bem.[...] Não tenho netos. Mas, eu tenho uma ‘netinha’ que eu chamo de ‘netinha do coração’ [referência à neta da amiga que ajudou a cuidar].*

Para a Entrevistada 6, que está com 65 anos de idade:

*Envelhecer é um barato, um barato.*

Ela faz uma profunda reflexão:

*Envelhecer é uma coisa de serenidade. Eu fui uma jovem muito elétrica, fazer muita coisa ao mesmo tempo. Estou me transformando numa pessoa melhor. A serenidade, o ouvir. Quando a gente é jovem, a gente tem uma aflição pra dizer as verdades. Quando se é velho, você vai desenvolvendo sem perceber, o saber ouvir, o escutar mesmo, e a serenidade, você aceita com mais tranquilidade o dia-a-dia. Quando você é jovem, você quer impor o seu ponto de vista, a velhice vai lhe trazendo a serenidade da aceitação, em todos os sentidos. Aceitação até das limitações físicas. [...] A velhice me trouxe a serenidade; respeitar o tempo dos outros. Eu era tão agitada, eu queria que tudo funcionasse no meu ritmo, no meu tempo... Respeitar o tempo do outro, é uma coisa que não consegui ainda, estou treinando. É esperar o tempo do outro sem me incomodar, serenamente; não só muscularmente, serenamente. Envelhecer é uma coisa interessante...*

A Entrevistada 2, que está com 65 anos, faz a seguinte reflexão:

*Envelhecer [significa] viver. Eu só estou envelhecendo porque estou vivendo. Se eu não vivesse eu não envelheceria. Às vezes, as pessoas reclamam. As pessoas falam porque eu não faço [cirurgia] plástica. Eu digo que elas são marcas do que passei.*

A Entrevistada 8, que tem 68 anos de idade diz que ainda não sentiu o envelhecimento. Ela fala:

*Eu sei que estou mais velha, a gente treme, às vezes esquece, mas eu não senti ainda.*

Para ela, a grande dificuldade foi ter que se adequar à queda de 20% do salário que teve já no momento da aposentadoria (proporcional), o que a forçou a cortar despesas, num momento em que teve que pagar uma pessoa para ajudá-la no serviço doméstico.

A entrevistada também recebe uma pensão pelo falecimento do marido (que também era funcionário da Unesp). Informa que não foi feita equiparação nos valores das pensões.

Portanto, ela diz:

*Envelhecer é difícil por causa dessa situação, porque você não vê perspectiva para progredir... Que nem eu, trabalhei em loja, muitos anos, antes de trabalhar na Unesp – fico pensando – se eu tivesse uma lojinha pelo menos, eu me distrairia com as clientes, com as coisas, um dinheirinho a mais que entra para a gente estudar os netos, porque é a minha maior preocupação. Uma vez [alguém] falou que quem se aposenta não precisa mais de reajuste porque não tem mais filhos para criar, já comprou a casa que queria comprar, já fez o que tinha que fazer. [...] Infelizmente, na nossa sociedade, mesmo eu que não faça parte de sociedade nenhuma, se entra numa loja, se estiver mal vestida, ninguém te olha. Se você estiver arrumadinha, pintadinha, uma joinha, aí a pessoa te atende melhor – percebe que você entrou em outro nível.*

O Entrevistado 1 está com 69 anos. Ele diz:

*Eu sempre pensei em termos de filosofia de vida, que cada fase da sua vida tem a sua importância e a sua beleza. E, então, isso também forma uma preparação, uma modelagem espiritual muito boa. A maioria não entende isso. Então, tem gente que olha no espelho e vê um monte de cabelo branco e fala: é agora. Outro dia uma menininha [criança] me perguntou: ‘Nossa, porque seu bigode é branco?’ Então, perguntei a ela: ‘Quantos anos você tem?’ Ela falou: ‘Tenho seis’. Eu falei: ‘Eu tenho quase 76’; eu brinquei com ela. Ela falou: ‘Nossa, o senhor tem isso?’ Eu falei: ‘Tenho quase 70’. Falei: ‘Isso é normal, você vai ficar com cabelo branco’.*

*Cada fase da vida, sua importância, sua beleza; e a gente tem que aceitar tudo isso, o que Deus estabeleceu pra gente.*

*Agora, se a pessoa ficar achando: ‘Ah, eu vou me aposentar, eu vou estar velho, vou estar caquético’, então aí não vai ser feliz. Envelhecimento é uma coisa natural. Encarar como uma coisa que é inevitável, não adianta ficar sofrendo antecipadamente.*

O Entrevistado 5 está com 70 anos. Ele é o único que continua trabalhando como voluntário na Unesp. Para ele, refletir sobre envelhecimento “é difícil”.

Depois de um breve silêncio, diz:

*Envelhecer significa tentar entender, não assumir uma atitude de revolta. Vejo as pessoas que ficam, ou em depressão, ou revoltadas por não fazer certas coisas. Eu encaro isso naturalmente. Procuro encarar de forma natural o envelhecimento, como parte da vida; uma etapa, uma etapa que vai surgindo.*

Para ele:

*Pensando assim a gente vê que a gente envelhece menos, continua com a cabeça mais jovem e procura adaptar o corpo para esse envelhecimento, sem fazer extravagância; procura ter atividades para tornar mais leve isso aí...*

O mais idoso dos participantes da pesquisa, o Entrevistado 3, está com 75 anos de idade e tem uma atividade religiosa regular. Para ele, como a gente tem que se preparar materialmente, tem que se preparar espiritualmente.

*A gente sabe que o envelhecimento já é o caminho mais perto de partir para algum lugar... Buscar mais a Deus, se preparar, procurar ser mais fiel a Deus, pra ter certeza de preparação... Envelhecimento é uma preparação para a morte... Cada vez mais perto. [Então] tem que pensar onde você vai passar a eternidade – no inferno?*

*Egito – lugar de escravidão, de sofrimento – ou Jerusalém – vai ser a Cidade Santa, de Deus, - a Capital - que Jesus vai implantar o Reino. A Bíblia mostra muito bem os dois caminhos da eternidade: gozo ou sofrimento. A pessoa tem que pensar nisso...*

*Aposentadoria – velhice – pessoa buscar mais a Deus – preparação – arrebatamento... Não sei se você está por fora disso... Não sabe se vai alcançar... Não tem momento para acontecer, mas sabe que vai acontecer... A pessoa tem que estar preparada... Procurar ter uma vida mais espiritual... Preparada para subir ou para ser arrebatado ou... Isso aí é a fase mais séria, a principal. [...] Não só na velhice, na aposentadoria, mas desde criança. A Bíblia aconselha a procurar o caminho da vida. [...] Envelhecer é importante e a morte é mais importante ainda. Para muitos, que estão aí no sofrimento, a morte é um alívio – fisicamente.*

Pode-se observar que refletir sobre envelhecimento, falar sobre o próprio envelhecimento foi, para alguns dos entrevistados, algo “difícil”, uma “coisa nova” – que ainda nem sequer pensaram; uma experiência ainda não sentida.

Bobbio (1997), reconhecido como um dos mais importantes pensadores, escreveu sobre diversos temas relativos à vida humana, incluindo sobre o envelhecimento, quando experimentou os efeitos da velhice.

“A imagem da vida corresponde a uma estrada cujo fim sempre se desloca para a frente, e quando acreditamos tê-lo atingido, não era aquele que imagináramos como definitivo. A velhice passa a ser então o momento em que temos plena consciência de que o caminho não apenas não está cumprido, mas também não há mais tempo para cumpri-lo, e devemos renunciar à realização da última etapa.

A melancolia é suavizada, todavia, pela constância dos afetos que o tempo não consumiu” (p. 31-32).

Debert (1999) relata que “a problemática das classes sociais e da etnicidade seriam elementos capazes de revelar a heterogeneidade das experiências, em grupos definidos através de categorias homogeneizadoras, como é o caso da velhice” (p. 88).

## 4.2. Programa de Preparação para a Aposentadoria: Participação e Sugestões

### 4.2.1. Participação em um PPA

Além das categorias apresentadas ao longo deste capítulo, procurou-se saber dos entrevistados se participariam ou não de um programa de preparação para aposentadoria .

O Entrevistado 1 diz:

*Acho que eu não participaria de um PPA.*

Ele justifica:

*Eu acho que algumas coisas, ou a maior parte das coisas, são de ordem muito pessoal.*

A Entrevistada 2 também diz que não participaria. Ela explica a razão:

*Não participaria do PPA [porque] tem alguns momentos na vida que a gente é que tem que decidir.*

No entanto, ela reflete:

*Mas sinto que muitas pessoas – e não são poucas – tiveram dificuldade muito grande em decidir. Não sei se foi o certo... Mas, não tem o certo ou o errado – não sei se decidiram aquilo que era melhor para eles. Não sei se... Acho que teve gente [que sofreu muito]...*

Já a Entrevistada 4 diz:

*Gostaria de ter participado de um programa. Estou vendo agora, vocês fazendo palestra, eu acho fantástico aquilo. Por exemplo, se o pessoal do RH falasse: ‘você não quer ir para casa, tirar uma licença, depois você volta’. Se ela tivesse falado isso, eu teria mudado a minha posição na hora. Mas não, entregou a papelada, pediu documento, me deu na hora, eu assinei, nem me perguntou por que eu estava fazendo aquilo.*

A Entrevistada 6 diz:

*Pra mim, eu não senti falta de não ter participado de um PPA.*

No entanto, ela também destaca:

*Mas, tenho uma série de conhecidos que entrou em depressão profunda, depressão mesmo, de não saber o que fazer da vida... Depois de aposentados, adoeceram etc. Principalmente pessoas que tiveram funções hierárquicas muito [importantes]. De repente não é mais diretor, de repente não é mais chefe de departamento... É fulano [cidadão comum]. Eu acho que, neste aspecto, a preparação do ego, para a valorização de si mesmo, eu acho que é importante. Eu acho que é importante, eu acho, eu acho... Porque tem muita gente, mais do que a gente imagina...*

O Entrevistado 7 também justifica a sua posição:

*Vou ser sincero: não participaria de um PPA. Isso aí é da cabeça de cada um... Assistir uma palestra ou não... O que eu já tinha decidido – minha meta para frente - ia ser a mesma, não ia mudar nada. Eu me preparei por mim mesmo. Sabia que ia ter perda. Só pelo fato de estar livre do horário de serviço, daquele compromisso, para mim já é 100%.*

A Entrevistada 8 diz:

*Eu gostaria sim de ter participado [PPA], porque abre mais a inteligência da gente para o problema do inativo.*

Observa-se que nenhum dos entrevistados participou efetivamente de um Programa de Preparação para a Aposentadoria, ou algo semelhante, o que pode ser explicado pela inexistência de tal programa na Unesp quando da aposentadoria de quase todos. Mas chama a atenção o fato da maioria dizer que não participaria se existisse.

A esse respeito, cabe lembrar que, em geral, há uma tendência à baixa participação das pessoas em atividades sociais. Particularmente em idosos, além dessa questão cultural, a baixa participação tem sido associada a comprometimentos motores ou cognitivos.

Essa tendência a não participação em atividades de preparação para a aposentadoria pode estar especialmente vinculada a certa resistência das pessoas em demonstrar seus sentimentos sobre o assunto e elaborar suas expectativas sobre a aposentadoria, como observado por Schmidt e Magnabosco-Martins (2011). As autoras destacam que as vivências dos trabalhadores, a relação com o lazer, a idade, as condições de saúde e a situação econômica podem influenciar a forma de se relacionar com a etapa da aposentadoria.

Segundo Zanelli et al. (2010), ao longo da vida ocupacional muitos trabalhadores percebem os aposentados como um grupo “de fora”, associados a diversos estereótipos, muitas vezes pejorativos. Assim, é possível que, quando um trabalhador se aproxima desta etapa da vida, imagine o que irão pensar a seu respeito, após a aposentadoria, evitando falar ou mesmo pensar no assunto.

Um estudo de Novo e Fólha (2011) mostrou que o significado da aposentadoria, para alguns, está relacionado a inutilidade e indício de velhice, chegando mesmo a ser vista como “prenúncio da morte”.

Zanelli et al. (2010), após refletirem sobre os valores do modo de produção vigente, observam que “talvez a conjunção mais comum que se faz à aposentadoria é a de velhice e morte” (p. 29). Para estes autores, “tais conteúdos não se manifestam necessariamente ao nível consciente. Ao contrário, são crenças que aparecem muitas vezes de maneira velada” (p. 29).

#### 4.2.2. Sugestões dos Entrevistados para o PPA da Unesp

Tendo em vista o processo de implementação de um PPA na universidade, especialmente no Câmpus de Rio Claro, foi solicitado aos entrevistados que fizessem apontamentos e sugestões que pudessem enriquecer o programa.

Cabe lembrar que o PPA tem como objetivo contribuir para que os trabalhadores, “ao chegarem no momento da aposentadoria, possam desfrutar deste período com o prazer e a alegria merecidos após tantos anos de dedicação ao trabalho na instituição” (NOVO; FÔLHA, 2010, p.6).

O Entrevistado 1 comenta:

*Rio Claro tem um grande número de estudantes. A Prefeitura poderia promover eventos, principalmente teatro. O problema maior – para alguns – é que teatro é muito caro. Poderia ter parceria com Unesp. Seria muito bom – para baratear preço do ingresso. Também poderia ser feito no Câmpus, ter espaço para este tipo de atividade. Faz tempo que está sendo planejado isso mas nunca foi colocado em prática. Um Anfiteatro grande, com boa acústica, para ser utilizado como sala de eventos. Quando vem orquestra em frente à Biblioteca no Câmpus, sempre fica cheio de gente.*

Outra sugestão para o PPA seria o Xadrez:

*Ficou demonstrado que para evitar, por exemplo, a Doença de Parkinson (ou de Alzheimer), a pessoa tem que manter uma atividade mental constante. Tem que manter... Alguns fazem palavras cruzadas, outros fazem quebra-cabeça. Mas eu acho que o mais fácil e o mais importante de tudo é o xadrez. Porque eu acho que mantendo a pessoa com o cérebro funcionando, evita qualquer tipo de transtorno... Está demonstrado que quem joga xadrez tem maior facilidade pra resolução de problemas, pra aprender matemática, equações. Programa desse tipo seria muito bom.*

Ele faz, ainda, várias outras sugestões:

*Também acho que leitura é uma coisa importante... A computação [internet] é uma distração muito boa, desde que não seja usado pra coisas fúteis. Interessante, ao invés de ler um jornal, você pode ver as notícias na internet... Tem muita coisa interessante. Tem muita coisa que não deve ser registrada, não deve ser vista, né? Mas tem muita coisa interessante. Isso seria uma coisa interessante. Quem não tem computador, compre um usado. Ajuda trabalhar o cérebro – enriquecimento – informações, agilidade mental que um computador pode dar. Você está ali, em contato com o mundo.*

Também fez menção ao estímulo e preparação para o trabalho voluntário, dizendo:

*O voluntariado é muito importante, talvez uma das coisas mais importantes. Isso faz a pessoa se sentir útil – ‘estou ensinando, ajudando outras pessoas a ter uma vida melhor’.*

Já o entrevistado 3 sugere orientação financeira:

*Orientação para fazer uma ‘reservinha’, porque vai cair o ordenado. Se na atividade sobrava 200 contos, vai sobrar 50. Ficar prevenido porque, se precisar cortar mais algum gasto... Porque, se diminui o salário, tem que cortar mais alguma coisa... Comidinha meio simples...*

A Entrevistada 4 diz :

*No PPA tem que ser passada essa informação [que eles precisam fazer uma atividade além do cotidiano, uma atividade física], para o pessoal se preocupar mais com isso.*

Destacou também o aspecto financeiro.

*Preparar-se financeiramente. Eu não passei por essa dificuldade [...] mas acredito que tem que ter essa preparação, porque embora nosso salário seja integral, isso não acontece com os celetistas – os que vão se aposentar. É preocupante.*

Outra preocupação da Entrevistada 4 é com a possibilidade dos aposentados continuarem a ter contato com a instituição e com os colegas que continuam trabalhando.

*Quando foram se aposentando os professores da Unesp – aquelas pessoas que foram para mim excelência maior – elas foram deixadas de lado. A importância que elas tiveram dentro da universidade – importância histórica. Foram deixadas de lado. E a universidade toca naquele ritmo alucinado e a gente acaba esquecendo essas pessoas que se aposentaram. O principal problema que eu sinto – acho que todos os aposentados pensam – é essa falta de diálogo entre universidade e os aposentados – essa falta de contato, do que está acontecendo. Eu não sei se através de um site ou da gente continuar recebendo as informações através da Unesp – como eu tenho esse privilégio de ter ainda o e-mail da Unesp – eu acho muito importante isso. Os aposentados terem um ícone [no site] – uma pasta dentro da Unesp endereçada para os aposentados... Deveria partir da Unesp, sabe, uma mobilização, algum contato com os aposentados, porque é muito chato ver [cita pessoas importantes para o departamento] serem jogadas assim. Eu acho que eles merecem. Acho que na página os aposentados poderiam combinar: – ‘vamos fazer um happy hour tal dia, tal lugar, tal horário’... Não tenho muitos contatos com pessoal aposentado, diretamente, tenho mais no Facebook, mas não é um...*

*Quando saí, me aposentei, quando eu voltei para pegar minhas coisas, estavam encaixotadas. Assim, numa caixa, tudo uma coisa por cima da outra, meus pertences pessoais... Quando entrei na minha sala, não tinha mais nada meu. Tudo mudado – um mês depois – e as minhas coisas todas jogadas numa caixa. Aquilo me fez tão mal, eu achava que eu ia ter a possibilidade de entrar e pegar as minhas coisas, ou então mesmo ser chamada para ir lá pegar minhas coisas. Mas são ‘coisitas’ pequenas que, não sei, sabe, se no seu estudo complementa alguma coisa. Mas foi muito doído isso.*

*Em uma palestra, talvez, seja dito, esse trabalho, que os aposentados tenham a possibilidade de tirar as coisas da sua sala – não ser jogadas numa caixa, de uma forma... Você se sente como se fosse jogado num lixo, assim, de qualquer forma... [É como se dissesse] ‘você não está mais aqui, cai fora’. Isso foi muito doído...*

Ela relata:

*Me lembro quando eu estava trabalhando, os aposentados chegavam, eu fazia questão de tirar um tempinho para isso, sempre fiz. Agora, tem pessoas que não fazem. Então eu não vou [na Unesp], não quero atrapalhar ninguém. Porque muitas pessoas diziam ‘esse aposentado*

*só vem encher o saco, porque não fica na casa dele?'. Algumas pessoas são bem distintas. Então, eu prefiro não ir pra não ...*

Outra sugestão da entrevistada refere-se à orientação por ocasião do momento para a aposentadoria.

*Ter uma pessoa no RH que fosse de relações humanas mesmo... Nem sei como seria essa pessoa, uma assistente social, que teria que ter dentro do quadro de recursos humanos... Alguém com capacidade para isso, pra dar um suporte mais psicológico, sei lá, uma assistência...*

A entrevistada também destaca a importância dos aposentados continuarem a participar da luta por seus direitos e dos demais servidores.

*Eu estou sentindo uma falta enorme agora dessa parte política para os aposentados também. Os aposentados saem e esquecem que a gente depende dos ativos para estar discutindo no sindicato e o sindicato através de nós. Eles precisam da gente. Eu não sei se mexendo nisso, pode mexer também esse problema de tirar a folha de pagamento dos aposentados da Unesp, sabe, é complicado. Por exemplo, agora teve um ato no Jardim Público. Eu mandei um convite para os aposentados participarem, para dar apoio para à greve, mas só foi uma pessoa. O resto ninguém apareceu e muito menos mandou alguma mensagem, não posso... Simplesmente estão alheios a tudo que está acontecendo.*

*Poderia ter uma palestra para mostrar a necessidade dessas pessoas tentarem não se desligar. Eu não me desliguei talvez por isso, porque eu recebo os e-mails também – a maioria não recebem os e-mails. Os aposentados com suas dificuldades – este aumento que foi sugerido agora, só aumentou o vale refeição, mas para nós não significa nada. São coisas que eu procurei também por eles, pelos aposentados, mas eles não... Me senti sozinha... Me lembro que quando eu era secretária, se eu não ligasse para alguns aposentados [para informar, por exemplo, aumento salarial] ela não iria saber... Só saberia depois que recebesse o holerite. Ou vai ter uma festa, por exemplo, na associação dos funcionários, você não quer ir? Então, falta essa interlocução entre aposentado e a unidade, as associações.*

Conclui a fala deixando no ar a sensação de que os aposentados estão invisíveis.

O Entrevistado 5, docente, preocupa-se com os servidores técnico-administrativos:

*Eu acho que o pessoal que é funcionário é mais complicado. Pode entrar mais em depressão, mais essas coisas... Porque eles não têm essa perspectiva que nós docentes podemos ter, de continuar a carreira [como voluntário], de continuar trabalhando. O que eu faço aqui [trabalho voluntário], na USP todos [os docentes] fazem. Aqui, atualmente, só eu que estou com vínculo. Outro professor que se aposentou está querendo, também está tentando, mas não conseguiu ainda montar um plano. O departamento está aberto [é possível]. Eles [os servidores técnico-administrativos] têm que parar, não conseguem mais fazer a mesma coisa, repetir a mesma atividade ainda por mais tempo. Só se surgisse outra atividade que fariam. Muita gente quer fazer algo hoje em dia. Antigamente, o que eu via era assim: todo mundo queria parar, não queria fazer nada. Agora, todo mundo quer ter uma atividade depois [de aposentado] – não vê ficar parado como uma coisa boa. A universidade não tem o que fazer, mas pode sugerir [aos servidores] que façam uma coisa fora quando sair, não parar totalmente de imediato.*

A Entrevistada 6 fala:

*Uma coisa que existe, eu acho que é interessante, é o professor voluntário. Porque tem pessoas que têm dificuldades de se afastar totalmente. Eu acho que essa atividade é interessante. Eu acho que deveria ter, por exemplo, é difícil a gente dizer, porque a gente reflete por um lado, por outro lado poderia ter problemas... Você vê nas universidades, principalmente nas européias, os professores antigos, mesmo aposentados, eles têm uma sala, eles fazem pesquisa, eles são valorizados. Enquanto que, no Brasil, eu observo, na USP, Unesp, Unicamp, nas Federais, há uma valorização do novo. Até nas bibliografias. Falha das instituições de fomento à pesquisa. Dizem assim: essa bibliografia é antiga... Isso é um erro. Porque fulano publica um artigo em 2014, e nem cita que é de 40 o autor [original]... Quer dizer, você tira a autoria. Isso é um exemplo da desvalorização da experiência acumulada... Eu acho que no Brasil a universidade deveria ter alguma coisa nesse sentido, e mais, onde fosse valorizada a experiência, porque o velho, idoso, pode não ter a agilidade física que o novo, mas ... Eu estou indo para o campo com os orientando... eu posso ir mais devagar, mas eu tenho como contribuir... De repente, eu acho um desperdício, tudo isso ficar enterrado. Se a pessoa tem vontade, se a pessoa gosta, tem disponibilidade mental e física pra contribuir, como a universidade perde isso? Esse espaço que não está tendo na universidade. São raros os jovens... Isso que eu sempre digo - que estou muito paparicada pelos meus ex-alunos, vivem me consultando... Eu não posso reclamar... Mas eu sinto meus colegas passando por este tipo de experiência...*

*Eu acho que há um culto ao jovem. Vou raciocinar agora como velho. Primeiro lugar: não sei se você sente isso, mas eu sinto na maioria dos jovens professores: eles acham que descobriram o ovo de Colombo. Então, eles não imaginam que eles estão ali porque gerações e gerações vieram antes e construíram o alicerce. Quando eu cheguei, meu Deus! [Muitos professores] já tinham construído. Então, há um esquecimento do que foi feito, parece que eles, principalmente com esse afã tecnológico, que eu acho que esquecem que antes de ter tecnologia, [os grandes nomes da área] andavam em lombo de cavalo e escreveram coisas que agora eles constatam com a tecnologia. Eu acho que a universidade é feita das pessoas. Acho que no primeiro momento teria que ser feito uma conversa com os jovens: como eles vêem um professor antigo, a contribuição do professor aposentado, obviamente do professor competente, porque a gente sabe que também tem... Mas, um professor que tem realmente a contribuir, como eles veriam esse professor? Se esse professor tem disponibilidade de tempo, se há uma aceitação... Eu acho que poderia juntar os dois grupos, né? Eu acho que seria um 'azeitamento' de neurônios.*

*Por exemplo, no fato da gente pensar, tecnologia, né, você criar condições para as duas facetas, o jovem aluno - porque o que acontece, o jovem aluno está tendo a realidade do hoje. Mas, como esse hoje foi construído? Esse processo histórico? Por que essas universidades [européias] são famosas? Porque o ontem não é esquecido, a valorização... Eu acho que o Brasil está enveredando por uma coisa mercantilista, mercantilista...*

*Eu acho que um grande benefício seria a integração real do aposentado na rotina acadêmica. Quem não quiser, não quer. Não será remunerado, ninguém está atrás de remuneração. O que a gente está falando é de uma realização intelectual, uma integração de conhecimento. Somar [experiências].*

O Entrevistado 7, único aposentado pelo INSS, ao refletir sobre um PPA para a Unesp, diz:

*Programa para preparar pessoas para se aposentar? Olha, tem pessoa que aposenta e fica louca, sabe disso, né? Então acho que poderia sim. Só que ele não sabe que lá no INSS ele não vai receber o salário que ele recebe na empresa. Ele vai perder 50% do salário. Nesta perda, ele começa a sofrer. Ele ganha um montante, para os que pagam aluguel, se tiver despesas da casa, com remédios, se tiver filhos, escola, calçados, roupas. Isso tudo vai ser reduzido à metade. Eu acredito que reduzindo à metade, ou ele não dá assistência à família ou ele não come. Então, preparar a pessoa para a vida real depois que se aposenta. Porque muita gente pensa uma coisa e na hora de se aposentar depois vai cair em si que não era aquilo que ele pensava. Atividade física também seria ótimo ter num PPA. Tudo que faz benefício para a pessoa é ótimo...*

A Entrevistada 8 não sugeriu uma atividade especificamente relativa ao PPA, mas sugeriu a implantação de medidas preventivas, como, por exemplo, caminhadas e ginástica laboral.

Mesmo em um grupo de idosos tido como relativamente homogêneo, como o dos servidores da universidade pública estudada, pode-se observar diferentes visões e maneiras de envelhecer, e diferentes formas de viver a aposentadoria. Assim, considera-se importante levar estas observações em consideração ao se propor um PPA na Unesp e nas diversas instituições.

\* \* \*

Fruto das discussões feitas ao longo do capítulo, cabem algumas reflexões de ordem geral, buscando integrar as diferentes categorias analisadas.

Um primeiro aspecto a ser observado é que, de acordo Farias (2010), quando a pessoa se aproxima da aposentadoria é a etapa da maturidade docente, caracterizada pelo conhecimento adquirido pela experiência. Nesta fase, a aposentadoria vem acompanhada de um sentimento de realização pessoal e profissional. Nascimento e Graça (1998) observam que o último ciclo da carreira docente – um momento de estabilização – pode ser a ocasião em que se apresentem questionamentos sobre o ensino e sua própria situação. Segundo Hopf (2002), mais do que em outras profissões, os últimos anos de exercício da docência se apresentam como um desafio à capacidade de se desvincular das responsabilidades e do ambiente onde exerciam suas atividades. Para Gonçalves (2000), esta fase final pode ter sentidos diversos,

indo desde um momento de renovação do interesse pela escola e pelos alunos, até o desencanto, com demonstração de cansaço, saturação e impaciência. Neste caso, os professores ficam ansiosos pela aposentadoria. Portanto, esta etapa pode ser vivenciada de maneiras distintas, podendo ter um desfecho favorável ou não, dependendo de uma série de fatores. Estes estudos referem-se a outros níveis de ensino, mas seus resultados podem refletir a realidade dos docentes universitários e outros servidores.

Os resultados da presente pesquisa, após a análise das mudanças promovidas pela aposentadoria na vida cotidiana dos servidores da Unesp – Câmpus de Rio Claro, bem como os fatores que interferem nessas mudanças, apresentam semelhanças e diferenças em relação a outras pesquisas que estudaram a aposentadoria entre servidores de universidades públicas, como os estudos realizados por Deps (1994), Bragança (2004), Novo e Fôlha (2010) e Bressan (2011).

O estudo realizado por Deps (1994) com professores recém-aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) identificou que, para os pesquisados, coexistem ganhos e perdas na aposentadoria, como em todas as fases da vida. No entanto, “o sentimento de ganho recorrente da aposentadoria sobrepujou o de perdas, possivelmente pela idade relativamente jovem destes sujeitos, e também pelas circunstâncias em que ocorreram suas aposentadorias” (p. 121).

Bragança (2004), em seu estudo sobre professores aposentados Universidade Estadual de Campinas/SP (UNICAMP), observou que os entrevistados, homens e as mulheres, atribuíram significados semelhantes a trabalho e aposentadoria, bem como relataram similaridades na experiência da aposentadoria.

Novo e Fôlha (2010; 2011) realizaram estudos na Universidade Federal de Pelotas/RS (UFPEL) envolvendo dois grupos de participantes: servidores técnico-administrativo aposentados e servidores em fase de pré-aposentadoria. Os resultados do estudo que enfocou os servidores aposentados (Novo; Fôlha, 2010) têm similitude com os encontrados na presente pesquisa.

Bressan (2011) realizou uma pesquisa com servidores técnico-administrativos e docentes da Universidade Federal de Viçosa/MG (UFV), que se encontravam na transição para aposentadoria. Ao observar o discurso dos pesquisados, concluiu que há diferenças na significação da aposentadoria entre os participantes, de acordo com os níveis de classificação de cargos na instituição pesquisada. Observou que as diferenças tinham relação com as condições intelectuais, as características do próprio trabalho e as experiências individuais.

Não foi identificada correlação entre o poder aquisitivo e os significados positivos em relação à aposentadoria.

A autora observou que a maioria reconheceu na aposentadoria oportunidade de obter ganhos; entretanto, as falas evidenciaram o medo e a insegurança frente à transição. Para ela “as perdas foram mais marcadas nas falas que os ganhos, como se estes fossem possibilidade e aquelas, certeza” (BRESSAN, 2011, p. 80).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento da minha vida, algo me incomodava.

Havia alguma coisa que precisava compreender, para poder auxiliar eu mesma a “ser”. Foi o sofrimento de alguns colegas de trabalho, antes, durante e após a aposentadoria, que me movimentou a fazer um curso de mestrado na área de gerontologia.

Para compreender o significado da aposentadoria para os servidores técnico-administrativos e docentes da UNESP (Câmpus de Rio Claro), um longo percurso foi trilhado e muitas perguntas suscitadas.

Ao chegar ao final desta pesquisa, a pergunta central é: o que é possível para um servidor da Unesp que se aposenta? Mais além: o que é possível para um trabalhador que envelhece?

E mais: há diferenças? O que é possível para um trabalhador que exerceu uma função técnica ou administrativa? O que é possível para um docente?

A situação relatada pelos entrevistados não foi sempre o clima constatado no momento da entrevista. Alguns dos entrevistados relataram momentos de sofrimento, especialmente na fase inicial da aposentadoria. Mesmo não tendo feito PPA, os entrevistados contaram com outros recursos, como o apoio da família e de amigos. O fato da maioria dos entrevistados ter aposentadoria com proventos integrais pode ser um fator positivo adicional.

Pode-se constatar que não há uma causalidade absoluta. Ou seja, o PPA pode ajudar, mas não é a única coisa que garante a aposentadoria bem sucedida. Há, portanto, singularidades.

Concluo que o processo de aposentadoria se dá de forma diferente entre os próprios trabalhadores da Unesp. No campo das diferenças, o que é possível fazer para o trabalhador que envelhece?

Este trabalho é um convite, para a universidade atentar para os seus trabalhadores que envelhecem. Alguns envelhecem e continuam trabalhando; outros envelhecem e se aposentam; e aí se tornam invisíveis.

À universidade cabe reconhecer a importância de todos os servidores na produção do conhecimento, na formação dos alunos e na prestação de serviços à comunidade, valorizando-os, verdadeiramente, por meio de oportunidades de crescimento e de condições de trabalho saudáveis, visando um envelhecimento digno.

Ao se aposentar, o servidor da universidade, seja técnico-administrativo ou docente, continua existindo; sua vida não se acaba no momento da aposentadoria. Já é tempo de se rever o uso do termo “inativo” para o servidor público que se aposenta.

Oportunizar espaços de encontro entre todos seus trabalhadores – os que estão em atividade atualmente e os que construíram a história – pode ser o início de um processo de construção coletiva, onde se rompa com a ideia de que aposentadoria e descarte são sinônimos.

As associações de servidores também podem e devem estar atentas à efetivação dos direitos de todos.

O material coletado por meio de entrevistas em profundidade permitiu conhecer a realidade de cada um dos aposentados entrevistados; ou seja, o sentido, de caráter individual. Mas seus relatos possibilitaram o estabelecimento de uma visão geral sobre a situação dos aposentados da Unesp do Câmpus de Rio Claro, revelando o significado, em uma perspectiva coletiva.

Embora a literatura indique que, para alguns trabalhadores a aposentadoria represente a entrada no grupo dos inativos, privando a vida de significado, para os participantes da presente pesquisa significou, predominantemente, uma experiência positiva, com maior possibilidade de dedicação à família e a atividades adiadas durante a vida de trabalho, como atividades físicas, atividades culturais, atividades de lazer, viagens e hobbies. Diversos fatores de ordem pessoal, familiar, institucional, entre outros, podem modular este sentimento, balanceando o processo de ganhos e perdas.

Pôde-se observar os seguintes aspectos, que suscitaram as propostas colocadas mais à frente.

- Os aposentados que tiveram dificuldade de adaptação à nova realidade ou que apresentaram perdas financeiras destacaram a necessidade de um trabalho de orientação e preparação;
- Além da referência de alguns casos de depressão pós-aposentadoria, os entrevistados relataram situações envolvendo conhecidos que tiveram este problema;
- A maioria dos aposentados tem pouco ou nenhum contato com seus colegas que continuam trabalhando;
- Os aposentados não estão se beneficiando da rede de apoio social existente no município, sendo que alguns desconhecem grande parte dos serviços disponibilizados à população idosa;
- Os sindicatos e associações não têm dado plena resposta às necessidades dos servidores que estão próximos da aposentadoria, aos aposentados e aos pensionistas;

- Os entrevistados não participaram de atividades específicas de preparação para a aposentadoria e a maioria diz que não participaria regularmente de um PPA, por entender que é um processo singular, vivido individualmente;
- Nenhum dos entrevistados está fazendo curso ou outra atividade de formação após a aposentadoria;
- Os aposentados, especialmente os técnico-administrativos, tiveram seus e-mails institucionais cancelados, o que tem dificultado o contato com os colegas e com as atividades da instituição;
- Há diferenças marcantes entre as aposentadorias dos servidores autárquicos e celetistas;
- A jornada de trabalho de algumas funções prejudicou a convivência com a família e com os amigos;
- O termo “inativo” é pouco usado na fala dos entrevistados;
- Há diferenças salariais acentuadas entre os aposentados;
- O modelo de universidade vigente, que prioriza a produção de artigos, em detrimento das atividades de ensino e extensão, foi motivo de desestímulo para alguns docentes.

Essas observações e as sugestões feitas pelos entrevistados, complementadas pelas informações presentes na bibliografia da pesquisa, permitiram a formulação de diversas propostas, agrupadas como se segue.

➤ Propostas relacionadas à organização de um PPA na Unesp:

- Oficializar a implantação do PPA no Câmpus e nas demais unidades da Unesp, esclarecendo toda a comunidade, especialmente chefes e supervisores, sobre o processo de aposentadoria;
- Estruturar o PPA de forma contínua, com orientação e apoio permanentes, e não apenas com atividades pontuais e episódicas;
- Incluir palestras no PPA que abordem temas sugeridos pelos servidores participantes do programa;
- Não limitar as atividades do PPA a palestras, sendo preciso privilegiar momentos de apoio e orientação individual, com profissionais capacitados, além de atividades físicas, culturais, vivências, oficinas, etc.;
- Garantir a dispensa de parte da jornada de trabalho dos servidores que estão próximos da aposentadoria para a participação no PPA e Projetos de Extensão;
- Convidar os aposentados para as atividades do PPA e Projetos de Extensão da Universidade, como cinema, atividades físicas, dança, natação;

- Incluir no PPA temas relacionados ao protagonismo do idoso, incluindo formação para o exercício do controle social, junto aos Conselhos e Conferências.

➤ Propostas complementares a um PPA, mas que podem ser implementadas independentemente de seu início formal:

- Contratar profissionais para a área de recursos humanos com formação especializada para orientação em relação à aposentadoria (assistente social e/ou psicólogo), bem como educação permanente dos profissionais atualmente existentes para qualificar este atendimento;

- Estruturar um programa de saúde dirigido aos servidores que se encontram próximo da aposentadoria e aos que já se aposentaram;

- Possibilitar o acesso dos aposentados ao dia-a-dia da universidade, por meio de link no site da Unesp, com página contendo informações e orientações;

- Permitir que os aposentados mantenham o e-mail institucional, para que recebam orientações e informações de seu interesse, com inclusão na lista de mensagens da Unesp;

- Criar espaço físico para que os aposentados possam se encontrar, com computador com acesso à internet, livros, jornais, revistas e outros materiais de interesse;

- Oferecer cursos de xadrez, línguas, instrumentos musicais diversos, etc., incluindo os que se preparam para a aposentadoria e os aposentados;

- Convidar os aposentados para que participem do coral da universidade e das atividades culturais realizadas no câmpus;

- Privilegiar a participação dos servidores e aposentados dos dois institutos nos eventos organizados no câmpus, promovendo maior integração de todos;

- Organizar palestras e outras atividades (atividades físicas/esportivas, oficinas, festas, gincanas, excursões, exposição de fotos antigas, exposição de trabalhos que estão realizando, organização de atividades voluntárias) que possam facilitar a interação entre aposentados e servidores em atividade, incluindo atividades intergeracionais;

- Divulgar a rede de apoio social existente no município, junto às instituições, associações, sindicatos, entidades governamentais e não-governamentais e a todos os servidores, incluindo os aposentados e pensionistas;

- Intensificar a oferta de oportunidade de formação aos servidores técnico-administrativos, em todos os níveis de ensino, incluindo os que estão mais próximos da aposentadoria;

- Verificar a possibilidade de incluir pensionistas nas propostas pertinentes.

➤ Propostas gerais:

- Discutir a possibilidade dos servidores técnico-administrativos aposentados atuarem como voluntários na universidade, a exemplo do professor voluntário, com liberdade de horário;
- Promover um amplo debate sobre as mudanças que ocorrerão na aposentadoria dos contratados pela CLT;
- Criar diretoria nos sindicatos e associações de servidores voltada aos assuntos de interesse dos aposentados, orientação jurídica, etc.;
- Estabelecer parceria entre a Universidade e Prefeituras Municipais para a implantação de PPA aberto à participação de servidores de outros órgãos públicos, bem como empresas que não possuam seu próprio PPA;
- Apoiar o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de geriatria e gerontologia, bem como a inclusão desses conteúdos nos diversos cursos de graduação e pós-graduação e na divulgação junto à comunidade em geral.

Tendo em vista as mudanças demográficas em curso e a tendência a postergar o momento da aposentadoria, a universidade poderia adotar a diminuição progressiva da jornada ou da carga semanal de trabalho dos servidores à medida que se aproximam da aposentadoria, visando uma transição gradual para a vida no pós-trabalho, possibilitando maior disponibilidade de tempo para desenvolver atividades de seu interesse, apontada como um dos grandes benefícios da aposentadoria.

Recomenda-se que sejam realizados outros estudos semelhantes ao atual, envolvendo também os servidores que estão próximos da aposentadoria, bem como pesquisas que avaliem os indivíduos, antes, durante o processo de transição e após a aposentadoria. Recomenda-se, ainda, incluir entrevistas com as famílias dos servidores nessas pesquisas.

Finalmente, a expectativa é de que este estudo possa colaborar para o debate do tema no interior na Universidade, especialmente no Câmpus de Rio Claro, que possui, atualmente, 314 servidores aposentados e tem a previsão de 181 aposentadorias nos próximos três anos, buscando garantir as condições necessárias ao processo de envelhecimento e à aposentadoria digna dos servidores públicos.

## 6. BIBLIOGRAFIA

ABRAPP - Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar. *Os riscos da transição para aposentadoria*. Fundos de Pensão, n. 287, ano XXII, p.37-40, Set. 2003.

ALAMI, S.; DESJEUX, D.; GARABUAU-MOUSSAOUI, I. *Os Métodos Qualitativos*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

ALBERTO, M. de F. P. *A dimensão subjetiva do trabalho precoce de meninos e meninas em condição de rua em João Pessoa - PB*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

ALBORNOZ, S. *O que é o trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

BATISTONI, S. S. T. *Sintomas depressivos entre idosos: estudo prospectivo de suas relações com variáveis sócio-demográficas e psicossociais*. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, p.146, 2007.

BITTENCOURT, B. M. et al. Para além do tempo de emprego: o sentido do trabalho no processo de aposentadoria. *Revista Ciências da Administração*. v. 13, n. 31, p. 30-57, set./dez. 2011.

BOBBIO, N. *O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BORDENAVE, J. E. D. *O que é participação*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRAGANÇA, A. B. S. *Aposentadoria: A Experiência de Professores Aposentados do Instituto de Biologia da Unicamp*. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, 2004.

BRASIL, Rebeca Ferreira. As contradições da estabilidade no setor público. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, VIII, n. 24, dez 2005.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990, que dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde – SUS, 1990.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, 1994.

BRASIL. Decreto nº 1.948, de 03 de julho de 1996, que regulamenta Lei 8.842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, 1996.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que cria o Estatuto do Idoso e dá outras providências, 2003.

BRESSAN, M. A. L. C. *A significação do trabalho e da aposentadoria: o caso dos servidores da Universidade Federal de Viçosa*. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica). Universidade Federal de Viçosa. Viçosa (MG), 2011.

- BRESSAN, M. A.; MAFRA, S.; FRANÇA, L.; MELO, M.; LORETTO, M. Aposentadoria e Trabalho: percepções de servidores públicos de uma universidade federal. In: FRANÇA, L.; STEPANSKY, D. (Org.). *Propostas multidisciplinares para o bem-estar na aposentadoria*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012.
- BURNS, M. D.; NICHOLS, L. O.; ADAMS, J. M.; GRANEY, M. J.; LUMMUS, A. Primary Care Interventions for Dementia Caregivers: 2- Year Outcomes From the REACH Study. *The Gerontologist*, 43(4), 547-555. 2003.
- CALDAS, C. Promoção de saúde na aposentadoria. In: FRANÇA, L.; STEPANSKY, D. (Org.). *Propostas multidisciplinares para o bem-estar na aposentadoria*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012.
- CAPITANINI, M. E. S. *Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em idosos vivendo sós*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Educacional). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2000.
- CARVALHO, A. I. Conselhos de saúde, responsabilidade pública e cidadania: a reforma sanitária como reforma do Estado. In FLEURY, S. *Saúde e Democracia: a luta do Cebes*. p. 93-112. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.
- CAUDROIT, J.; STEPHAN, Y.; SCANFF, C. L. Social cognitive determinants of physical activity among retired older individuals: An application of the health action process approach. *British Journal of Health Psychology*, Oxford; n.16 p.404-417, 2011.
- CERQUEIRA, L. L. Trabalho, qualidade de vida e aposentadoria: uma análise evolutiva dos conceitos e das relações que se constroem em torno deles. *Revista Científica da UNIRB / Faculdade Regional da Bahia - UNIRB*. V.3. n.4. (Abr. 2012) – Salvador. 2012.
- CHRISOSTOMO, A. C. R. *O trabalho segundo a visão de um grupo de aposentados*. São Paulo, 2009, 183 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2009.
- CODO, W. (org.) *Educação: carinho e trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes/CNTE: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.
- COSTA, A. M. M. R. A Unesp Aberta à Própria Terceira Idade. In: *Anais do III Seminário Unesp-Unati*, Rio Claro-SP, 2001.
- COSTA, A. M. M. R. Aposentadoria. *Jornal Cidade de Rio Claro*, Rio Claro-SP, p. 2, de 17 maio 2012.
- COSTA, A. M. M. R. Rede de Suporte Social. *Jornal Cidade de Rio Claro*, Rio Claro-SP, p. 3, de 14 set. 2012.
- COSTA, A. M. M. R. Aposentado, e daí? *Jornal Cidade de Rio Claro*, Rio Claro-SP, p. 2, de 25 jan. 2013.
- COSTA, A. M. M. R.; COSTA, J. L. R. Preparação para a Aposentadoria no âmbito da Universidade. In: *Anais do II Congresso de Preparação para a Aposentadoria - Perspectivas e Responsabilidade Social*, Ilha Solteira-SP, 2009.

- COSTA, A. M. M. R.; COSTA, J. L. R. Os Núcleos Locais Unesp-Unati e a Implantação de Programas de Preparação para a Aposentadoria. In: *Anais do 6º Congresso de Extensão Universitária da Unesp*, Águas de Lindóia-SP, 2011.
- COSTA, A. M. M. R.; MACHADO, M. G.; TAVARES, R. O.; LOPES, R. G. C. O papel do controle social nas políticas públicas para idosos no Brasil. *Revista Portal de Divulgação*, n. 42, Ano V. Set/Out/Nov. 2014. Acessível em [www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista](http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista).
- COSTA, J. L. R. *Em Busca da (C)Idade Perdida: o município e as políticas públicas voltadas à população idosa*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), FCM/Unicamp. Campinas (SP), 2002.
- COSTA, J. L. R.; COSTA, A. M. M. R. Políticas Públicas de Atividades Físicas para Idosos nas Cidades. *Brazilian Journal of Sports and Exercise Research*, v. 2, p. 69-71, 2011.
- COSTA, J. L. R.; COSTA, A. M. M. R.; GOBBI, S. Unesp-Unati e as Políticas Públicas Voltadas à População Idosa. In: DEL-MASSO, M. C. S.; AZEVEDO, T. C. A. M. (Org.). *UNATI - Espaço aberto ao ensino e à criatividade*. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 25-42.
- CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Orgs.) *Promoção da saúde: conceitos, reflexões e tendências*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.
- DAL RIO, M. C. Trabalho voluntário como promoção da integração social do idoso. *Terceira idade*. São Paulo: Sesc, n.13, v.24, p. 57-72, 2002.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- DEPS, V. L. Atividade e bem-estar psicológico na maturidade. In: NERI, A. L. (Org.) *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papyrus, 1993.
- DEPS, V. L. *A Transição à aposentadoria, na percepção de professores recém-aposentados da Universidade Federal do Espírito Santo*. Tese (Doutorado em Educação) Unicamp, Faculdade de Educação, 1994.
- DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 31 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.
- DOMINGUES, M. A. R. et al. Mapa mínimo de relações do idoso: análise de reprodutividade. *Revista Kairós Gerontologia*, 14(6). São Paulo (SP), p. 153-166, dezembro 2011.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade in DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- ERBOLATO, R. M. P. L. Relações Sociais na Velhice. In FREITAS et al. (Org.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2002.
- FARIAS, G. O. *Carreira Docente em Educação Física: uma abordagem na construção da trajetória profissional do professor*. 2010. 303f. Tese. (Doutorado em Educação Física), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

- FRANÇA, L. Envelhecimento dos trabalhadores nas organizações: estamos preparados? In: FRANÇA, L.; STEPANSKY, D. (Org.). *Propostas multidisciplinares para o bem-estar na aposentadoria*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012.
- FRANÇA, L. H. F. P.; VAUGHAN, G. Ganhos e Perdas: Atitudes dos Executivos Brasileiros e Neozelandeses Frente à Aposentadoria. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 207-216, abr./jun. 2008.
- FREIRE, S. A.; RESENDE, M. C. Sentido de vida e envelhecimento. In: NERI, A. L. *Maturidade e velhice*. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- GOLDSTEIN, L. L. Desenvolvimento do adulto e religiosidade: uma questão de fé. In: NERI, A. L. (Org.). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papyrus, 1993.
- GONÇALVES, J. A. M. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, A. (org) *Vida de Professores*. 2 ed. Porto: Porto, 2000. p.141-170.
- HEBLING, L. F. N.; COSTA, J. L. R.; COSTA, A. C. R. Política Municipal do Idoso em Rio Claro. In ROSA, T. E. C.; BARROSO, A. E. S.; LOUVISON, M. C. P. (Org). *Velhices: experiências e desafios nas políticas do envelhecimento ativo*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2013.
- HOPF, A. C. O. Fico ou vou embora? Os sentimentos expressos por professores diante da aposentadoria. *Revista da Educação Física/UEM*, v.13, n.2, p-89-96, Maringá, 2002.
- IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br>>.
- KALACHE, A. Prefácio. In: FRANÇA, L.; STEPANSKY, D. (Org.). *Propostas multidisciplinares para o bem-estar na aposentadoria*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012.
- LACERDA, K. M.; FERNANDES, R. C. P.; NOBRE, L. C. C. Acidentes de trabalho fatais em Salvador (BA): descrevendo o evento subnotificado e sua relação com a violência urbana. *Rev. bras. saúde ocup.* vol.39 n.129. São Paulo, Jan./June 2014.
- LAHTI, J. et al. Changes in leisure-time physical activity after transition to retirement: a follow-up study. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, London, v.8 n.36 p.2-8, 2011.
- LEE, Y.-J.; HUNG, W.-L. The relationship between exercise participation and well-being of the retired elderly. *Aging & Mental Health*, Taipei, Taiwan, v.15, n.7, p. 873-881, 2011.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. L.1, v.1. São Paulo, 1983: Abril Cultural.
- MESQUITA, P. F. B. A. Disposições para um novo envelhecimento: reflexões sobre ser velho na contemporaneidade. *Geriatrics & Gerontologia*. 2011; 5(1):46-51.
- MORAGAS, R. M. *Gerontologia social*. Envelhecimento e qualidade de vida. São Paulo: Paulinas, 1997.
- NASCIMENTO, J. V.; GRAÇA, A. A evolução da percepção de competência profissional de professores de educação física ao longo de sua carreira docente. In: *Actas do VI Congresso de*

*Educação Física e Ciências do Desporte dos Países de Língua Portuguesa*, VII Congresso Galego de Educación Física, La Coruña. Actas La Coruña: INEF Galicia, 1998. p. 320-335.

NERI, A. L. Qualidade de Vida no Adulto Maduro: interpretações teóricas e evidências de pesquisa. In: NERI, A. L. (Org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Papirus Editora, Campinas-SP, 1993.

NERI, A. L. *Palavras-chave em Gerontologia*. Alínea Editora, Campinas-SP, 2001.

NETTO, J. P. e BRAZ, M. *Economia política: uma introdução crítica*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2010 (Biblioteca básica de serviço social; v.1).

NOVO, L. F.; FÔLHA, F. A. S. Importância da Preparação à Aposentadoria: A Fala de Servidores Aposentados da UFPEL. *X Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur – Mar Del Plata – 2010*.

NOVO, L. F.; FÔLHA, F. A. S. Aposentadoria: significações e dificuldades no período de transição a essa nova etapa da vida. *XI Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur – Mar Del Plata – 2011*.

OIT - Organização Internacional do Trabalho. *La OIT y las personas de edad avanzada: actividades y servicios que la Organización Internacional del Trabajo puede ofrecer para mejorar la situación de las personas de edad avanzada*. Ginebra: Oficina Internacional del Trabajo, 1992.

OLIVEIRA FILHO A.; NETTO-OLIVEIRA, E. R.; OLIVEIRA, A. A. B. Qualidade de vida e fatores de risco de professores universitários. *Rev. Educ. Fís. JUEM*, v. 23, n. 1, p. 57-67, 1. trim. 2012.

OMS - Organização Mundial da Saúde. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. 60p. 2002.

REY, B. F.; SILVA, J. R.; PEZZI, M. P.; JORGE, S. V. T.; COSTA, S. P.; MENEZES, T. M.; FRITSCH, V. R. C. A preparação para a aposentadoria e a implantação de programas nesta área. *Revista Gerontologia*, v. IV, 1996.

ROESLER, V. R. *Posso me aposentar “de verdade”. E agora? Contradições e ambivalências vividas no processo de aposentadoria de bancários*. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

SANTANA, O. A. Docentes de pós-graduação: grupo de risco de doenças cardiovasculares. *Acta Scientiarum Education*, Maringá, v. 33, n. 2, p. 219 – 226, 2011.

SANTOS, B. de S. *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1999.

SATO, A. K.; CHAGAS, A. M. R., SILVA, F. A. B.; ABREU, L. E.; THEODORO, M. L. *Os Conselhos de Política Social - Algumas conclusões e resultados*. IPEA - Políticas Sociais - Acompanhamento e Análise: 121 – 126, 2003.

SCHMIDT, D. B.; MAGNABOSCO-MARTINS, C. R. Aposentar-se de que? Percepções de trabalhadores próximos da aposentadoria. *ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, Volume 1, Número 1. 2011.

SEDH - Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Plano de ação internacional sobre o envelhecimento*, 2002 / Organização das Nações Unidas. Brasília: 2007.

SJÖSTEN, N. et al. Change in physical activity and weight in relation to retirement: the French GAZEL Cohort Study. *BMJ Open*. London, v.2, n.(e000522):p.1-11, 2011.

VASQUES-MENEZES, I. Orientação para o trabalho em situação de aposentadoria. In: FRANÇA, L.; STEPANSKY, D. (Org.). *Propostas multidisciplinares para o bem-estar na aposentadoria*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2012.

VOGEL, A.; MELLO, M. A. S. Da casa à rua: a cidade como fascínio e descaminho. In Fausto A.; R. Cervini (Orgs.), In *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80* (p. 134-150). São Paulo: Unicef, Flacso/Cortez, 1991.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N.; SOARES, D. H. P. *Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós-carreira*. Artmed, Porto Alegre, 2010.

## **7. APÊNDICES**

## 7.1. Apêndice 1

### Questionário para Caracterização dos Entrevistados

O Significado da Aposentadoria para os Servidores Públicos: o caso de uma universidade  
Amarilis Maria Muscari Riani Costa - Mestrado Gerontologia - 2014

- Nome:
- ( ) Docente
- ( ) Técnico-administrativo
- Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
- Idade: .....
- Escolaridade: .....
- Renda: .....
- Estado Civil .....
- É provedor da família? ( ) Sim ( ) Não – No. de dependentes .....
- Faz algum curso: .....
- Idade em que começou a trabalhar: .....
- Idade que começou a trabalhar na Unesp: .....
- Data de início na Unesp: ...../...../.....
- Data da Aposentadoria: ...../...../.....
- Idade quando se aposentou: .....
- Tempo de trabalho na Unesp: .....
- Se ocupou cargo(s) de chefia na Unesp. Qual(is).....

## 7.2. Apêndice 2

### Roteiro da Entrevista

O Significado da Aposentadoria para os Servidores Públicos: o caso de uma universidade  
Amarilis Maria Muscari Riani Costa - Mestrado Gerontologia - 2014

- Como era o trabalho para você.  
Dados da história de vida que podem resgatar as memórias de trabalho: a profissão; quais as suas ocupações ao longo da vida; o significado do trabalho em sua vida; sentia prazer ou não com o seu trabalho.
- Significado da aposentadoria para você.  
Aspectos que se espera que estejam presentes:
  - . Vantagens/ Desvantagens, Aspectos positivos/negativos, Benefícios/prejuízos
  - . Implicações da aposentadoria na sua vida (para si)
  - . Implicações da aposentadoria na vida de sua da família (para sua família)
  - . Satisfeito/Insatisfeito com a vida de aposentado
- Fez algum planejamento para sua aposentadoria.  
(avaliou a questão financeira; leu sobre o assunto; conversou com pessoas a esse respeito; quem; procurou na internet; assistiu palestra; fez curso; preparou-se emocionalmente; outras formas)
- Gostaria de ter participado de um Programa de Preparação para Aposentadoria.  
Se, sim que atividades gostaria que fossem oferecidas. (Filmes, Programa de atividades físicas, Palestras, Outras)
- O que o fez decidir o momento de se aposentar.
- Em algum momento, antes ou após a aposentadoria você passou a cuidar de alguém (membro da família ou não).
- Voltou a trabalhar após a aposentadoria e porquê.
- O que você gosta de fazer após a aposentadoria. (ou o que tem feito). (Viajar, realizar atividades físicas, sair com amigos, praticar um hobby, atividades religiosas, atividades de lazer/culturais/artísticas, lazer virtual-internet/redes sociais, trabalho formal / eventual / voluntário, cuidar da família/familiar/doentes, outras atividades)
- Participa de alguma atividade. Conhece as atividades oferecidas pelo/no município (Rede de Suporte Social).
- Dados relativos à sua vida: se sente feliz (bem-estar); considera como boa a sua vida; acredita que sua vida melhorou ou piorou depois da aposentadoria; se pode melhorar.
- Dados relativos à sua saúde: como está o seu estado de saúde; fatores indispensáveis para a manutenção de uma boa saúde; as relações do trabalho com a saúde.
- Aconteceram mudanças em sua saúde (física ou mental) depois da aposentadoria. Mudou o consumo de medicamentos. Se as mudanças estão relacionadas com a aposentadoria ou com o processo de envelhecimento. O que leva você a acreditar nisso.
- Após a aposentadoria aconteceu alguma mudança em seus hábitos (fumar, beber, outros). Por quê?
- Após a aposentadoria aconteceu alguma mudança em sua prática de atividade física (Frequência/intensidade/tipo de atividade)? Por quê?

- Importância da atividade física em sua vida. Relevância em um programa de preparação para a aposentadoria.
- O que significa, para você, envelhecer. (fale sobre sua experiência)



**7.3. Apêndice 3**  
**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
**Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
 (Conselho Nacional de Saúde, Resolução 446/12)

Eu, Amarilis Maria Muscari Riani Costa, RG 6.572.573 SSP-SP, aluna do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, da PUC-SP, tendo como orientadora a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Gelehrter da Costa Lopes, convido o(a) Sr(a) a participar da pesquisa “O Significado da Aposentadoria para os Servidores Públicos: o caso de uma universidade” que tem como objetivos: entender o significado da aposentadoria para os servidores técnico-administrativos e docentes aposentados da Unesp/Câmpus de Rio Claro; conhecer as mudanças promovidas pela aposentadoria na vida cotidiana; e identificar os fatores que interferiram nas mudanças promovidas pela aposentadoria.

A pesquisa será desenvolvida com a aplicação de um questionário sociodemográfico e a realização de entrevista, que será gravada. Os eventuais riscos da pesquisa, como constrangimento em relação a alguma pergunta do questionário ou da entrevista, serão minimizados com a realização em local que garanta a privacidade e a possibilidade do(a) Sr(a) deixar de responder as perguntas que julgar inadequadas. Além disso, o(a) Sr(a) poderá interromper a participação no estudo sem qualquer penalização, bem como lhe serão dados todos os esclarecimentos que desejar, em qualquer momento da pesquisa.

Os resultados desta pesquisa serão utilizados para elaboração de dissertação de mestrado e publicações em livros, revistas e congressos nacionais e internacionais, sendo que sua identidade será mantida em sigilo. A pesquisa poderá trazer benefícios aos servidores que se aposentarem na instituição e em outros locais de trabalho.

Sua participação na pesquisa não representará qualquer custo e também não haverá remuneração por esta participação.

Se o(a) Sr(a) estiver suficientemente esclarecido(a) sobre sua participação na pesquisa, convido-o(a) a assinar este Termo em 2 vias, sendo que uma ficará com o senhor(a) e outra com a pesquisadora responsável.

**Título do Projeto:** O Significado da Aposentadoria para os Servidores Públicos: o caso de uma universidade.

**Pesquisadora Responsável:** Amarilis Maria Muscari Riani Costa, RG 6.572.573 SSP-SP  
 Endereço: Avenida 24-A, 1.515, Bairro: Bela Vista - Rio Claro /SP  
 Fone: (19) 3526-9020 - E.mail: [ammrc@rc.Unesp.br](mailto:ammrc@rc.Unesp.br)

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ruth Gelehrter da Costa Lopes, do Curso de Pós-Graduação em Gerontologia, da PUC-SP.  
 Fone: (11) 3670-8274 - Email: [ruthgclopes@pucsp.br](mailto:ruthgclopes@pucsp.br)

**Dados do sujeito da pesquisa:**

Nome:

Endereço:

Documento de identidade:

Telefone para Contato: \_\_\_\_\_ E.mail: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante

**8. ANEXO: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP-PUC/SP**



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O Significado da Aposentadoria para os Servidores Públicos: o caso de uma universidade

**Pesquisador:** Amarilis Maria Muscari Riani Costa

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 25097114.7.0000.5482

**Instituição Proponente:** Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC/SP

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 537.141

**Data da Relatoria:** 21/02/2014

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Dissertação de Mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia (PEPG em GER), Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de , sob a orientação da Profa. Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes.

A proposta visa "(...) utilizar os seguintes instrumentos para coleta dos dados:

1) Questionário sociodemográfico para caracterização da população de estudo e auxílio na seleção da amostra, levantando-se: idade, sexo, estado civil, escolaridade, com quem mora, número de dependentes, se é provedor da família, renda pessoal, renda familiar, profissão que exerceu, se exerceu cargo de chefia, idade em que começou a trabalhar, data que iniciou trabalho na UNESP, tempo que trabalhou na universidade, data da aposentadoria/tempo de aposentado, se exerce atividade após a aposentadoria (a mesma ou outra), rede de apoio social (contatos, número, frequência), uso de equipamentos sociais, disponibilidade em ser entrevistado(a), outros. 2) Entrevista em profundidade de uma amostra. O uso inicial de um questionário estruturado justifica-se, principalmente, por possibilitar análises rápidas e poder ser utilizado como fonte de subsídio inicial para entrevistas em profundidade."

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 537.141

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Geral:

Compreender o significado da aposentadoria para os servidores técnico-administrativos e docentes aposentados da UNESP/Campus de Rio Claro.

Objetivos Específicos:

1. Caracterizar os servidores técnico-administrativos e docentes aposentados da UNESP;
2. Conhecer as mudanças promovidas pela aposentadoria na vida cotidiana dos servidores técnico-administrativos e docentes da UNESP;
3. Identificar os fatores que interferiram nas mudanças promovidas pela aposentadoria;
4. Contribuir para a implementação de ações voltadas aos servidores que se aproximam da aposentadoria.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Não foram identificados possíveis riscos aqueles que vierem a participar da proposta.

No que diz respeito aos benefícios, verificamos que não são diretos, todavia, é um estudo de relevância e benefícios de cunho social e acadêmicos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e muito bem fundamentada, permitindo-se concluir que a proposta de pesquisa em tela, possui uma linha metodológica bem definida, base da qual será possível auferir conclusões consistentes e, portanto, válidas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentados a contento, conforme o Regulamento Interno do Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP campus Monte Alegre. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao voluntário (participante do estudo) compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

**Recomendações:**

Recomendamos que o desenvolvimento da pesquisa siga os fundamentos, metodologia, proposições, pressupostos em tela, do modo em que foram apresentados e avaliados por este Comitê de Ética em Pesquisa. Qualquer alteração deve ser imediatamente informada ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa modificada, acompanhada das justificativas.

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C

**Bairro:** Perdizes

**CEP:** 05.015-001

**UF:** SP

**Município:** SAO PAULO

**Telefone:** (11)3670-8466

**Fax:** (11)3670-8466

**E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 537.141

Também, a pesquisadora deverá observar e cumprir os itens relacionados abaixo, conforme indicado pela Res. 466/12:

- a) desenvolver o projeto conforme delineado;
- b) elaborar e apresentar o relatório final;
- c) apresentar dados solicitados pelo CEP, a qualquer momento;
- d) manter em arquivo, sob sua guarda, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, os seus dados, em arquivo físico ou digital;
- e) encaminhar os resultados para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico participante do projeto;
- f) justificar, perante o CEP, interrupção do projeto.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem Pendências e Lista de Inadequações, portanto, somos de parecer favorável à aprovação e realização do projeto de pesquisa em tela.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

SAO PAULO, 21 de Fevereiro de 2014

---

**Assinador por:**  
**Edgard de Assis Carvalho**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C  
**Bairro:** Perdizes **CEP:** 05.015-001  
**UF:** SP **Município:** SAO PAULO  
**Telefone:** (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br